



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

3

ASPECTO CIENTÍFICO DO
ESPIRITISMO



Astolfo Olegário de Oliveira Filho



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

3

ASPECTO CIENTÍFICO DO ESPIRITISMO

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

Data de publicação: 28/10/2021

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina - Paraná – Brasil

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

O47ini Oliveira Filho, Astolfo Olegário de.
 Iniciação à doutrina espírita: 3 - Aspecto científico do Espiritismo / Astolfo Olegário de Oliveira Filho; revisão de Thiago Bernardes; capa de Cláudia Rezende Ribeiro. - Londrina, PR EVOC, 2021.
 201 p.

1. Doutrina espírita-estudo e ensino. 2. Espiritismo-estudo e ensino. I. Bernardes, Thiago. II. Ribeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

Ao Leitor, 6

Sobre o Autor, 8

1. Natureza e qualidade dos fluidos, 9
2. Magnetismo humano e magnetismo espiritual, 14
3. Ideoplastia e criações fluídicas, 19
4. Natureza e propriedades do perispírito, 24
5. O papel do perispírito em nossa vida, 29
6. Vestimenta dos Espíritos, 34
7. Telepatia e pressentimentos, 39
8. Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida, 43
9. Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas, 47
10. Espíritos protetores, 51
11. O fenômeno mediúnico através dos tempos, 56
12. Os médiuns precursores do Espiritismo, 61
13. Mecanismo da comunicação mediúnica, 66
14. Classificação das comunicações mediúnicas, 70
15. As evocações espíritas, critérios e dificuldades, 74
16. Questões que podem ser propostas aos Espíritos, 79
17. O médium: conceito e classificação, 84
18. Médiuns de efeitos físicos, 88
19. Médiuns de efeitos intelectuais, 92
20. Espécies comuns a todos os gêneros de mediunidade, 96
21. Qualidades essenciais aos médiuns, 100

22. Como avaliar e identificar os espíritos comunicantes, 104
 23. Contradições nos ensinamentos espíritas, 109
 24. Mistificação e animismo, 114
 25. O exercício irregular da mediunidade, 119
 26. Perda e suspensão da mediunidade, 114
 27. Cuidados a observar para uma boa prática mediúnica, 128
 28. Época e oportunidade do desenvolvimento mediúnico, 133
 29. O papel da mente na adaptação psíquica do médium, 138
 30. Sintomas precursores da mediunidade, 143
 31. Educação e formação do médium, 148
 32. A influência do médium na comunicação espírita, 153
 33. Sono e sonhos, 158
 34. Letargia, catalepsia e mortes aparentes, 163
 35. Sonambulismo, êxtase e dupla vista, 168
 36. A obsessão e suas características, 172
 37. A obsessão e suas principais variedades, 176
 38. Fatores predisponentes da obsessão, 180
 39. A obsessão em crianças e os ovoides, 184
 40. Obsessão e loucura, 189
 41. A obsessão e seu tratamento, 193
- Bibliografia, 198

“O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.

Podemos defini-lo assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.”

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*, Preâmbulo

Ao Leitor

Publicada com o título geral de **Iniciação à Doutrina Espírita**, esta série tem como alvo as pessoas que estão dando seus primeiros passos em matéria de Espiritismo. Trata-se, pois, de uma publicação cujo propósito é preparar o leitor iniciante para que, dotado de um conhecimento preliminar sobre os ensinamentos espíritas, possa na sequência aprofundar-se no estudo da obra de Allan Kardec e de seus continuadores.

A série compõe-se de 5 volumes:

1º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 1 - Noções gerais e princípios básicos

2º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 2 - As leis morais segundo o Espiritismo

3º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 3 - Aspecto científico do Espiritismo

4º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 4 - Aspecto filosófico do Espiritismo

5º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 5 - Aspecto religioso do Espiritismo.

Conteúdo desta obra

O e-book ora publicado, que é o 3º volume da série **Iniciação à Doutrina Espírita**, é formado por 41 capítulos.

Na obra são focalizados inúmeros temas e questões diretamente relacionados com o chamado aspecto científico do Espiritismo.

Entre esses temas e questões, são objeto de capítulos específicos no livro, entre outros:

- Magnetismo humano e magnetismo espiritual

- Natureza, propriedades e papel do perispírito em nossa vida
- Telepatia e pressentimentos
- Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida
- O fenômeno mediúnico através dos tempos
- Mecanismo da comunicação mediúnica
- Espécies comuns a todos os gêneros de mediunidade
- Qualidades essenciais aos médiuns
- Mistificação e animismo
- Perda e suspensão da mediunidade
- A influência do médium na comunicação espírita
- Sonambulismo, êxtase e dupla vista
- A obsessão e suas modalidades
- Tratamento espírita da obsessão.

Sobre o Autor

Astolfo Olegário de Oliveira Filho é diretor de redação do jornal espírita "O Imortal" e da revista espírita **O Consolador**, fundada em 18/4/2007 por ele e seu colega José Carlos Munhoz Pinto.

Natural de Astolfo Dutra (MG), reside desde os 18 anos em Londrina (PR), cidade para a qual se mudou com vistas a cursar a faculdade, graduando-se então no curso de Ciências Econômicas.

Filho de pais espíritas – Astolfo Olegário de Oliveira e Anita Borela de Oliveira –, é casado com Célia Maria Cazeta de Oliveira, sendo pai de quatro filhos, avô de sete netos e bisavô de Leonardo, filho de sua neta Bruna.

Escreveu e manteve por 13 anos, de 1980 a 1992, a coluna "Espiritismo" publicada aos domingos pela "Folha de Londrina".

É autor do livro "20 Lições sobre Mediunidade", publicado inicialmente em novembro de 2003 pela Editora Leopoldo Machado e posteriormente, no formato digital, pela EVOC.

Participa das atividades do Centro Espírita Nosso Lar, de Londrina (PR), onde atua como esclarecedor em grupo espírita de desobsessão e coordenador dos estudos realizados pelo Grupo de Estudos Espíritas Abel Gomes.

Colabora também com a Comunhão Espírita Cristã de Londrina, instituição localizada na periferia da cidade, da qual é, ao lado de sua esposa e vários amigos, um dos fundadores.

Fundou e dirigiu a Editora Leopoldo Machado e é atualmente diretor da EVOC - Editora Virtual O Consolador, de Londrina (PR), sendo também editor do blog Espiritismo Século XXI – <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/>

Natureza e qualidade dos fluidos

Sumário: O fluido universal na economia do Universo. Natureza e estado sob o qual se apresenta o fluido universal. Constituição das moradas espirituais. A atmosfera espiritual do nosso planeta. As qualidades inerentes aos fluidos.

O fluido universal é o intermediário entre espírito e matéria

1. O fluido cósmico universal é o elemento primitivo indispensável à intermediação entre o espírito e a matéria propriamente dita. Para tornar possível esta intermediação, goza de propriedades comuns a ambos, pelo que não se pode dizer que ele seja matéria ou espírito, visto que estes são os dois elementos gerais, distintos, do Universo.

2. Da resposta dada pelos Espíritos superiores à questão no 27 d' *O Livro dos Espíritos*, extraímos os seguintes ensinamentos:

“Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela.”

(...) “Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.”

3. Por suas inúmeras combinações com a matéria, sob a ação do espírito, é o fluido universal capaz de produzir a imensa variedade dos corpos da Natureza. Em sua condição de elemento primitivo do Universo, o fluido cósmico assume os estados de eterização e de materialização ou, em outras palavras, de imponderabilidade e ponderabilidade.

4. O primeiro pode ser considerado o primitivo estado normal e o segundo resulta das transformações daquele, que chega a apresentar-se como matéria tangível nos seus múltiplos aspectos.

5. O segundo estado é consecutivo ao primeiro e a tangibilidade da matéria assinala a passagem de um ao outro estado. Contudo, mesmo aí não ocorre transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados.

Para os Espíritos, os fluidos têm aspecto material

6. Esses dois estados são a causa de uma inumerável quantidade de fenômenos. Uns ocorrem no mundo invisível: constituem os fenômenos espirituais ou psíquicos e se ligam ao estado de eterização. Os outros sucedem no mundo visível: são os fenômenos materiais e relacionam-se ao estado de materialização.

7. O fluido cósmico sofre, no estado de eterização, sem deixar de ser etéreo, inúmeras modificações que dão origem a fluidos diferentes. Não obstante a mesma origem, possuem estas propriedades especiais. Para os Espíritos, esses fluidos têm, dentro da relatividade das coisas, aspecto material. São, por assim dizer, as substâncias do mundo espiritual e estão para os Espíritos como a matéria está para os encarnados. Eles os trabalham e utilizam para obterem os mais diferentes resultados, tal como os homens manipulam a matéria propriamente dita. Os processos é que são diferentes.

8. Os fluidos do mundo espiritual escapam aos sentidos do indivíduo encarnado, que estão limitados à percepção

apenas da matéria tangível. Há, no entanto, alguns intimamente ligados à vida corporal. Não podendo ser observados diretamente, pelo menos seus efeitos são percebidos.

9. No estado de eterização, os fluidos apresentam-se, em virtude das inúmeras modificações por que passam, em diferentes graus de pureza dentro da faixa compreendida entre a pureza máxima – ponto de partida do fluido universal – e sua transformação em matéria tangível.

10. Quanto mais próximos do estado de materialização, menos puros os fluidos são. São eles que formam a chamada atmosfera espiritual da Terra. É desse meio, onde igualmente são vários os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados vinculados ao planeta haurem os elementos necessários à economia de sua existência. Atendidas as condições físicas e de vitalidade próprias de cada planeta, a situação é a mesma em relação aos outros mundos.

Não é correta a denominação “fluidos espirituais”

11. Os fluidos peculiares ao mundo espiritual são também denominados fluidos espirituais, denominação que decorre de sua afinidade com os Espíritos. Essa expressão não é, porém, correta, porque verdadeiramente espiritual somente a alma o é. Tais fluidos constituem, na realidade, a matéria do mundo espiritual.

12. Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais utilizando o pensamento e a vontade. A repercussão dessa ação assume grande importância para os homens, porque esses fluidos são o meio de propagação do pensamento, que tem o poder de modificar-lhes as propriedades, ou seja, o pensamento impregna de boas ou más qualidades os fluidos com os quais entra em contato, alterando-os pela pureza ou impureza dos sentimentos.

13. Podemos, desse modo, afirmar que os pensamentos, conforme sejam bons ou maus, purificam ou poluem os fluidos espirituais. Os fluidos que envolvem os maus Espíritos, ou que estes projetam, são, portanto, viciados, ao passo que

os fluidos que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o comporta o grau de perfeição moral deles.

14. Cada pensamento comunica, assim, determinada qualidade aos fluidos projetados pelas pessoas. Segue-se daí que, em face da enorme variedade de pensamentos, inumeráveis são os tipos de fluidos, o que torna impraticável classificá-los. Não possuem eles denominações próprias; são identificados por suas propriedades, efeitos e tipos originais. A natureza dos nossos sentimentos, virtudes, vícios e paixões imprime-lhes características correspondentes, e por causa disso produzem eles efeitos físicos diversos, tais como excitação, calma, irritação, narcose, toxidez, adstringência etc.

15. Os fluidos – ensina Kardec – não possuem qualidades intrínsecas, mas sim as que adquirem no meio onde se elaboram. Modificam-se pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações e a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, suas qualidades são temporárias ou permanentes, o que os torna muito especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos.

Questões para fixação da leitura

1. Que papel desempenha na economia do Universo o fluido universal?

O fluido universal desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela.

2. O estado de imponderabilidade ou eterização é o primitivo estado normal do fluido universal?

Sim.

3. Que importância têm os fluidos espirituais nas moradas peculiares ao mundo espiritual?

Sua importância é muito grande, porque eles são, por assim dizer, as substâncias do mundo espiritual e estão para os Espíritos como a matéria está para os encarnados. Os Espíritos os trabalham e utilizam para obterem os mais diferentes resultados, tal como os homens manipulam a matéria propriamente dita. Os processos é que são diferentes.

4. De que é constituída a atmosfera espiritual da Terra?

Ela se constitui dos fluidos mais próximos do estado de materialização, ou seja, dos menos puros.

5. Os fluidos possuem qualidades intrínsecas, inerentes a eles próprios, ou não?

Não. Eles não possuem qualidades intrínsecas, mas sim as que adquirem no meio onde se elaboram.

Magnetismo humano e magnetismo espiritual

Sumário: Como sanear um ambiente corrompido por fluidos viciados. Relação entre maus eflúvios e as doenças. Magnetismo humano e magnetismo espiritual. Conceito de fluido magnético. Ação terapêutica do fluido magnético.

O perispírito não fica encerrado no corpo, mas se irradia

1. Qualquer lugar pode ter seus fluidos ambientes poluídos pelas pessoas que ali se encontrem, estejam ou não encarnadas. O pensamento do indivíduo encarnado age, como o dos desencarnados, sobre os fluidos espirituais. Se o pensamento for bom, teremos fluidos saudáveis; se mau, teremos fluidos viciados.

2. A capacidade de atuação dos encarnados sobre os elementos do mundo espiritual decorre do fato de que a encarnação não os priva de sua natureza espiritual. Com a encarnação a alma conserva seu perispírito, que permanece com todas as suas qualidades e, como sabemos, não fica encerrado no corpo físico, mas se irradia em seu derredor, envolvendo-o como uma espécie de atmosfera fluídica.

3. Os fluidos corrompidos pelos maus eflúvios dos Espíritos inferiores podem ser saneados pelo afastamento destes, e isso se consegue eliminando o que constituía para eles focos de atração. O cultivo dos bons pensamentos e dos bons sentimentos transforma os fluidos ambientes em bons fluidos, que têm o poder de repelir os maus fluidos. Cada indivíduo, encarnado ou não, dispõe em seu perispírito de uma fonte fluídica permanente que pode mobilizar para operar essa renovação.

4. No tocante à viciação fluídica produzida pelos encarnados, o ambiente modifica-se do mesmo modo, observando-se o procedimento acima referido, uma vez que o cultivo de bons pensamentos e sentimentos tem a faculdade de repelir os fluidos nocivos irradiados pelos maus Espíritos, encarnados ou não.

A ação continuada dos maus eflúvios pode produzir doenças

5. Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto, por sua expansão, o perispírito com eles se confunde. Intimamente ligado ao corpo físico, molécula a molécula, ao sofrer a influência desses fluidos, o perispírito reage sobre o corpo material transmitindo-lhe uma impressão salutar ou penosa, conforme os eflúvios recebidos sejam bons ou maus.

6. A ação continuada e enérgica dos maus eflúvios pode ter repercussões sérias e até mesmo provocar o surgimento de doenças. Os ambientes onde pululam os maus Espíritos são fortemente impregnados de fluidos deletérios que afetam, de forma bastante prejudicial, a saúde dos encarnados que os absorvem através dos poros perispíricos.

7. Como já foi visto, o fluido universal sofre inúmeras transformações que formam, assim, uma imensa variedade de fluidos com propriedades especiais. Atuando sobre o perispírito, um desses fluidos possui recursos que possibilitam a recuperação do corpo físico. Para que esse efeito reparador se realize, faz-se preciso inocular tais fluidos no organismo combalido. A cura opera-se então pela remoção das células doentes, que são substituídas por células sadias. Ressalte-se nessa ação a importância da vontade do inoculador, a qual, quanto mais enérgica, mais abundante torna a emissão fluídica e maior poder de penetração no corpo doente lhe confere.

8. A ação desse elemento fluídico, chamado também de fluido vital ou magnético, apresenta efeitos muito variados sobre os enfermos, efeitos esses que são, às vezes, lentos, a exigir tratamento demorado, e, em outras vezes, rápidos, havendo pessoas que produzem curas instantâneas pela simples imposição das mãos ou tão somente pela força da vontade.

A ação do fluido magnético atinge a intimidade das células

9. Conforme seja o agente responsável pela emissão magnética, teremos então a seguinte classificação:

- Magnetismo humano, ou magnetismo propriamente dito, cuja ação, produzida pelos fluidos do encarnado (magnetizador), depende da força e principalmente da qualidade do fluido transmitido.

- Magnetismo espiritual, produzido pelos desencarnados, cuja atuação se faz diretamente e sem intermediário sobre a pessoa enferma, e sua qualidade está ligada às qualidades do Espírito que a exerce.

- Magnetismo misto, semiespiritual ou humano-espiritual, em que ocorre associação dos recursos fluídicos do encarnado com os dos Espíritos, que irradiam sobre o magnetizador encarnado a substância fluídica que lhes é própria e o encarnado as transmite ao enfermo juntamente com seus recursos magnéticos.

10. Tratando do assunto em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz afirma que o fluido magnético constitui por si emanação controlada de força mental sob a alavanca da vontade. E acrescenta que, reconhecida a capacidade do fluido magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, fácil é perceber que com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares que formam o Estado Orgânico – que compreende o corpo físico e o corpo espiritual –, particularmente as células sanguíneas e as histiocitárias, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a mobilidade, a fabricação de anticorpos ou,

ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos.

11. Toda queda moral nos seres responsáveis – explica André Luiz – opera certa lesão no hemisfério psicossomático ou perispírito, a refletir-se em desarmonia no hemisfério somático ou veículo carnal, provocando determinada causa de sofrimento. A dor é, portanto, sempre uma situação de alarme ou emergência, mais ou menos durável no império orgânico, requisitando o socorro externo da medicina do corpo ou da alma, na execução do alívio ou da cura.

12. Pelo passe magnético, notadamente naquele que se baseie no divino manancial da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem, para que essa vontade novamente ajustada à confiança magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico se recomponha para o equilíbrio indispensável.

Questões para fixação da leitura

1. É possível sanear um ambiente corrompido por fluidos viciados?

Sim. O cultivo dos bons pensamentos e dos bons sentimentos transforma os fluidos ambientes em bons fluidos, que têm o poder de repelir os maus fluidos. Cada indivíduo, encarnado ou não, dispõe em seu perispírito de uma fonte fluídica permanente que pode mobilizar para operar essa renovação.

2. A ação continuada e enérgica dos maus eflúvios pode produzir doenças?

Evidentemente. A ação continuada e enérgica dos maus eflúvios pode ter repercussões sérias e uma dessas consequências é o surgimento de doenças.

3. Que diferença existe entre o magnetismo humano e o magnetismo espiritual?

A diferença está em que o magnetismo humano decorre da ação produzida pelos fluidos de um ser encarnado, ao passo que o magnetismo espiritual resulta da ação produzida pelos desencarnados, diretamente e sem intermediário.

4. Como André Luiz define fluido magnético?

Diz André Luiz que o fluido magnético é uma emanção controlada de força mental sob a alavanca da vontade, a atuar sobre as células que formam o Estado Orgânico.

5. Como age o fluido magnético para produzir na pessoa enferma o equilíbrio desejado?

O fluido magnético age na intimidade das células com o objetivo de soerguer a vontade enfraquecida do paciente, de modo que essa vontade, novamente ajustada à confiança, magnetize naturalmente os milhões de células e o Estado Orgânico se recomponha para o equilíbrio indispensável.

Ideoplastia e criações fluídicas

Sumário: Ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais. Natureza das vestimentas usadas pelos desencarnados. As inúmeras aparências que um Espírito pode apresentar. Licantropia e zoantropia.

É pelo pensamento que os Espíritos atuam sobre os fluidos

1. O fluido espiritual, um dos estados assumidos pelo fluido universal, fornece aos Espíritos o elemento de que eles extraem os materiais sobre os quais operam. Para essa ação os Espíritos se valem do pensamento e da vontade, visto que, para eles, o pensamento e a vontade são o que a mão representa para o homem.

2. Pelo pensamento, eles imprimem aos fluidos tal ou qual direção e os aglomeram, os combinam ou os dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma colocação determinada e até mesmo alteram-lhes as propriedades, como um químico da Terra muda a propriedade dos gases ou de outros corpos combinando-os segundo certas leis. Eis aí a grande oficina ou laboratório do mundo invisível.

3. É comum a realização dessas modificações sem que haja um pensamento consciente da pessoa que as provoca. Tal é o caso dos Espíritos que são percebidos pelos videntes, logo depois de desencarnados, envergando uma vestimenta qualquer, antes mesmo de se haverem dado conta de sua nova realidade. Ora, se não sabem que estão desencarnados, como é que podem estar vestidos dessa ou daquela maneira?

4. A maior parte das transformações ocorre, porém, sob o império de um desejo, a manifestação de um propósito

consciente. Basta mentalizar alguma coisa e esta se forma. É por isso que um Espírito pode assumir diferentes aspectos e apresentar diversas aparências, envergar trajes especiais, portar os mais variados objetos, exibir defeitos físicos e mesmo mutilações. Trata-se, nesses casos, de expressões assumidas com vistas a uma identificação, geralmente associada a situações passadas. Contudo, assim como assumiu aspecto do passado, logo que seu pensamento o situe no presente, ou em outra existência, imediatamente se opera nova transformação.

Sugestões hipnóticas podem determinar mudanças no perispírito

5. Há, por outro lado, o caso de Espíritos que conservam as mutilações, as deformidades ou as chagas do seu corpo material, em razão de um condicionamento. Incapazes, por si próprios, de reassumir a forma normal e sadia, são eles induzidos à mudança mediante um processo de esclarecimento e, uma vez equilibrados, logram obtê-la, graças ao mesmo princípio acima referido.

6. As sugestões hipnóticas provocam, também, frequentes transformações no perispírito, no sentido do seu aviltamento. Isso pode ser observado sob dois aspectos: primeiro, através da autossugestão motivada por sentimento de culpa ou rebaixamento voluntário; segundo, pela ação da mente de outro Espírito sobre determinada entidade espiritual, explorando-lhe os deslizos que a tornam praticamente vulnerável.

7. Encontra-se aí a explicação dos fenômenos conhecidos como zoantropia, em que os Espíritos assumem formas de animais, total ou parcialmente. O vocábulo zoantropia, devido ao seu sentido amplo, vem sendo sugerido ultimamente em lugar de licanthropia, que significa, etimologicamente, "estudo sobre o homem-lobo". Há também casos dos Espíritos que, quase sempre com o propósito de amedrontar para melhor alcançarem seus objetivos, apresentam-se com aspecto monstruoso e apavorante, que lembra às vezes formas popularmente associadas a Satanás.

8. A todas essas transformações operadas pela mente dá-se o nome de ideoplastia (do grego *ideo* = ideia + *plastos* = forma + *ia* = estudo, análise), ou seja, "estudo da modelagem através do pensamento". André Luiz, ao tratar desse tema, afirma que "o pensamento pode materializar-se, criando formas que muitas vezes se revestem de longa duração, conforme a persistência da onda em que se expressam".

Para os Espíritos em geral, as criações fluídicas são coisas reais

9. As materializações constituem outro exemplo do ato de plasmar realizado pelos Espíritos nas sessões de efeitos físicos, nas quais se utilizam elementos plásticos exteriorizados pelos médiuns e pelos demais participantes da reunião e, ainda, componentes fluidoplásticos hauridos na Natureza.

10. Por efeito análogo, ensina Kardec, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja acostumado a usar. Isso não se restringe a objetos de uso pessoal, como é o caso do cachimbo e de óculos, bengala, faca, chapéu etc., mas se estende a coisas como casas, jardins, móveis, alimentos etc. Alguns têm existência fugidia, tanto quanto a duração do pensamento, mas há os que persistem longo tempo.

11. No plano dos Espíritos, as criações fluídicas são tão reais que assumem, para eles, o mesmo aspecto que as coisas materiais apresentam para os encarnados. O pensamento, ao criar imagens fluídicas, reflete-se no perispírito daquele que as cria, como num espelho, nele adquirindo corpo, e de certo modo aí se fotografa. A respeito disso, explica Kardec: Um homem tem, por exemplo, a ideia de matar alguém. Embora o corpo material se conserve impassível, seu corpo espiritual é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os matizes deste último. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual a mente a imaginou.

12. Esse fato permite-nos compreender por que todo e qualquer pensamento se torna conhecido. É que ele se evidencia no corpo perispiritual e pode ser percebido por outros Espíritos, que veem então a intenção da pessoa. Sua execução, porém, vai depender da persistência de propósitos e das circunstâncias que a favoreçam. Modificadas estas, podem os planos sofrer mudanças, com a conseqüente alteração das imagens refletidas no envoltório fluídico do indivíduo.

Questões para fixação da leitura

1. De que modo os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais?

Eles atuam sobre os fluidos valendo-se do pensamento e da vontade, uma vez que, para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que a mão representa para o homem.

2. Nas criações fluídicas – por exemplo, a criação das vestimentas usadas pelos desencarnados – a ação dos Espíritos é sempre consciente?

Não. Aliás, é comum a realização dessas criações fluídicas sem que haja um pensamento consciente do desencarnado. Tal é o caso dos Espíritos que são percebidos pelos videntes, logo depois de desencarnados, envergando uma vestimenta qualquer, antes mesmo de se haverem dado conta de sua nova realidade.

3. É possível a um Espírito assumir aparências que ele vivenciou em existências passadas?

Sim. Isso é perfeitamente possível.

4. Como explicar os fenômenos de zoantropia, em que desencarnados assumem formas de animais?

São as sugestões hipnóticas que provocam essas transformações perispirituais. Isso pode ser observado sob dois aspectos: primeiro, através da autossugestão motivada por sentimento de culpa ou rebaixamento voluntário; segundo,

pela ação da mente de outro Espírito sobre determinada entidade espiritual, explorando-lhe os deslizos que o tornam praticamente vulnerável.

5. Os objetos criados pelos desencarnados têm para eles uma forma concreta, como os objetos terrenos aparentam ter para nós encarnados?

Sim. No plano dos Espíritos, as criações fluídicas são tão reais que assumem, para eles, o mesmo aspecto que as coisas materiais apresentam para os encarnados.

Natureza e propriedades do perispírito

Sumário: O perispírito ou corpo fluídico dos Espíritos. Elementos que constituem o perispírito. Natureza e propriedades do perispírito. Densidade ou peso específico do perispírito. O perispírito em face dos obstáculos materiais.

A natureza do perispírito guarda relação com a evolução da pessoa

1. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é uma condensação do fluido cósmico em torno da alma. O corpo físico, ou carnal, resulta de uma maior condensação do mesmo elemento, fato que o transforma em matéria tangível.

2. Embora tenham origem comum, que é o fluido cósmico, as transformações moleculares são diferentes nesses dois corpos, resultando daí ser o perispírito etéreo e imponderável. Ambos são, portanto, matéria, mas em estados diferentes. Conforme ensina o ministro Clarêncio, da colônia espiritual "Nosso Lar", o corpo perispiritual é constituído à base de princípios químicos semelhantes, em suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras (*Entre a Terra e o Céu*, cap. XXIX).

3. O Espírito forma seu envoltório perispirítico com os fluidos retirados do ambiente em que vive. Como a natureza dos mundos varia conforme o seu grau de evolução, será maior ou menor a materialidade dos corpos físicos dos seus habitantes. O perispírito guarda relação, quanto à sua composição, com esse grau de materialidade. Admitindo-se que um Espírito emigre da Terra, aí ficará o seu envoltório fluídico, porquanto o Espírito precisa tomar um outro envoltório fluídico apropriado ao planeta em que passará a viver.

4. A natureza do envoltório fluídico guarda sempre relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. À condição moral do Espírito corresponde, por assim dizer, uma determinada densidade do perispírito. Maior elevação, menor densidade fluídica. Maior inferioridade, maior densidade, isto é, perispírito mais grosseiro, com maior condensação fluídica. É claro que, apesar de mais densos, os envoltórios fluídicos mais grosseiros continuam imponderáveis.

Cada perispírito tem uma densidade, um peso específico próprio

5. No cap. XIII da obra acima citada, Clarêncio diz que o veículo espiritual é, por excelência, vibrátil e se modifica profundamente, segundo o tipo de emoção que lhe flui do âmago. Como ninguém ignora, em nosso próprio meio a máscara física altera-se na alegria ou no sofrimento, na simpatia ou na aversão. No plano espiritual, semelhantes transformações são mais rápidas e exteriorizam aspectos íntimos do ser, com facilidade e segurança, porque as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensivos que as moléculas do corpo carnal.

6. Pode-se, assim, dentro da relatividade das coisas, admitir um peso específico para o perispírito. Os de maior peso específico chumbam os Espíritos às regiões inferiores, impossibilitando-lhes o acesso a planos mais elevados e, por isso mesmo, o ingresso em mundos de maior elevação espiritual. A acentuada densidade do perispírito de grande número de Espíritos leva-os a confundi-lo com o corpo material que utilizaram durante sua última encarnação. Esse é um dos motivos que levam muitos a se considerarem vivos, isto é, ainda encarnados e a viverem na Terra, imaginando-se entregues a ocupações que lhes eram habituais.

7. O perispírito dos Espíritos superiores, de reduzido peso específico, confere-lhes uma leveza que lhes permite viver em planos mais elevados e deslocar-se a outros mundos. Eles podem, evidentemente, descer aos planos inferiores e, dada a sutileza do seu envoltório, não serão percebidos pelas entidades desencarnadas inferiores.

8. Quando encarnado, o Espírito mantém o envoltório perispírico, constituindo o corpo material um segundo envoltório, mais grosseiro, apropriado ao meio físico em que vive. O perispírico serve, em tal situação, de intermediário entre a alma e o corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações, quer partam do Espírito, quer venham do exterior, através do corpo físico. Devido ao estado grosseiro da matéria, os Espíritos não podem agir diretamente sobre ela. Fazem-no, então, por meio do seu perispírico. Os fluidos perispíricos constituem, dessa forma, sob a ação da vontade, verdadeiras alavancas que lhes permitem produzir ruídos, pancadas, deslocamentos de objetos etc.

A matéria não oferece obstáculo algum ao perispírico e aos Espíritos

9. Em condições normais, o perispírico é invisível, mas pode tornar-se visível em razão das modificações que venha a experimentar pela ação da vontade do Espírito. Essas modificações consistem numa espécie de condensação ou em novos arranjos das moléculas que o compõem, mas isso requer a existência de certas circunstâncias que não dependem apenas do Espírito. Para tornar-se visível a alguém, ele precisa de permissão, que nem sempre lhe é dada. Nas aparições, o perispírico apresenta-se comumente com aspecto vaporoso e diáfano. De outras vezes, tem as formas delineadas e os traços bem nítidos, podendo apresentar a solidez de um corpo físico, isto é, tangível, o que não o impede de retomar instantaneamente o estado normal de invisibilidade e intangibilidade.

10. A matéria – tal como a conhecemos em nosso mundo – não oferece obstáculo algum ao perispírico, porque a condição etérea do corpo espiritual lhe confere a propriedade de penetrabilidade. Ele atravessa a matéria como a luz atravessa os corpos transparentes. Eis por que portas e janelas fechadas não impedem que ali penetrem os Espíritos.

11. Como já foi dito, é das camadas de fluidos espirituais que envolvem a Terra que os Espíritos formam o seu envoltório perispírico. Esses fluidos não são homogêneos; por

isso, conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou mais grosseiras do fluido peculiar ao planeta em que vai reencarnar. Nesse processo, o Espírito atrai automaticamente as moléculas que se afinam com o seu padrão vibratório.

12. Não é, pois, idêntica a constituição íntima do perispírito dos indivíduos que povoam a Terra e o espaço que a circunda, fato que não se dá com o corpo material, formado pelos mesmos elementos, independentemente da elevação espiritual das pessoas. O envoltório perispirítico dos Espíritos modifica-se com o progresso moral que eles realizam em cada existência, ainda que reencarnem no mesmo meio. Assim, os Espíritos superiores, mesmo quando reencarnem em mundos inferiores, terão perispírito menos grosseiro do que o perispírito dos Espíritos vinculados, em face do seu nível evolutivo, a esses mundos.

Questões para fixação da leitura

1. Que é perispírito?

O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é uma condensação do fluido cósmico em torno da alma.

2. De onde os Espíritos tiram os elementos que constituem o seu perispírito?

O Espírito forma seu envoltório perispirítico com os fluidos retirados do ambiente em que vive. Como a natureza dos mundos varia conforme seu grau de evolução, o perispírito guarda relação, quanto à sua composição, com esse grau de materialidade. Admitindo-se que um Espírito emigre da Terra, aí ficará seu envoltório fluídico, porquanto o Espírito precisa tomar um outro envoltório fluídico apropriado ao planeta em que passará a viver.

3. A natureza do envoltório fluídico é idêntica em todas as pessoas?

Não. A natureza do envoltório fluídico guarda sempre relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. À condição moral do Espírito corresponde, por assim dizer, uma determinada densidade do perispírito. Maior elevação, menor densidade fluídica. Maior inferioridade, maior densidade, isto é, perispírito mais grosseiro, com maior condensação fluídica.

4. Podemos dizer que o perispírito possui um peso específico próprio?

Sim. Podemos, dentro da relatividade das coisas, admitir um peso específico para o perispírito. Os de maior peso específico chumbam os Espíritos às regiões inferiores, impossibilitando-lhes o acesso a planos mais elevados e, por isso mesmo, o ingresso em mundos de maior elevação espiritual.

5. A matéria – tal como a conhecemos em nosso mundo – oferece algum obstáculo ao perispírito?

Não. A matéria peculiar ao nosso plano não oferece obstáculo algum ao perispírito, porque a condição etérea do corpo espiritual lhe confere a propriedade de penetrabilidade. Ele atravessa a matéria como a luz atravessa os corpos transparentes. Eis por que portas e janelas fechadas não impedem que ali penetrem os Espíritos.

O papel do perispírito em nossa vida

Sumário: Papel do perispírito na constituição do corpo humano. Centros vitais e suas funções. União do perispírito ao corpo material. Sede da memória espiritual. Etiologia das moléstias que afetam o corpo físico.

Os centros vitais presidem à atividade funcional dos órgãos físicos

1. O perispírito – também chamado de psicossoma ou corpo espiritual – é a força diretriz responsável pela edificação do plano escultural e do tipo funcional de todos os seres. Contém o desenho prévio e as propriedades organogênicas que, ativadas sob a ação da força vital, servirão de regra à formação do novo organismo físico e lhe assinarão o lugar na escala morfológica, segundo o grau evolutivo do indivíduo. É no embrião que se executa essa ação diretiva, mas ela se estende até o fim de sua existência, atuando até mesmo no tocante à regeneração dos tecidos orgânicos destruídos.

2. Ensina André Luiz que o perispírito ou corpo espiritual possui todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica. (Cf. *Evolução em Dois Mundos*, p. 26.)

3. No corpo espiritual – acrescenta André Luiz – situam-se os centros vitais que presidem à atividade funcional dos vários órgãos que integram o corpo físico. Tais centros são fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso – e detém no corpo espiritual em recursos equivalentes – as células que produzem fosfato

e carbonato de cálcio para a constituição dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que constituem o seu veículo de manifestação.

4. No momento de reencarnar, o perispírito do reencarnante une-se molécula a molécula à matéria do gérmen, que encerra uma energia potencial que se transforma em energia atual para o curso da existência do ser. Esse gérmen está sujeito às leis da genética, ou seja, a força vital sofre as ações modificadoras da herança dos pais, que lhe transmitem suas disposições orgânicas. Como já foi dito, a ação da força vital é que leva o perispírito a desenvolver suas propriedades funcionais.

O perispírito retém todos os conhecimentos adquiridos pela alma

5. O gérmen recapitula, de modo rápido, no seu desenvolvimento, as várias fases da evolução pelas quais a raça passou. Da mesma forma que o perispírito traz o registro de todos os estados do Espírito desde a sua origem, assim também o gérmen material encerra as impressões das etapas percorridas pelo psicossoma ou corpo espiritual.

6. O perispírito retém todos os estados de consciência, de sensibilidade e de vontade; guarda todos os conhecimentos adquiridos pelo ser. É ele a sede da memória. É ele que armazena, registra e conserva todas as percepções, todas as volições e ideias da alma. Todo o nosso passado fica nele armazenado. As várias etapas do nosso desenvolvimento estão aí registradas.

7. Ao longo de sua imensa trajetória, desde quando a alma iniciou suas peregrinações terrestres sob as formas mais inferiores, vem o perispírito registrando as experiências vividas pelo ser inteligente, incorporando uma bagagem

crescente. É, pois, fácil compreender que os desregramentos, os abusos, os atentados contra o corpo físico e as lesões aos direitos de outrem tenham também seu registro no corpo espiritual e passem a repercutir na existência em que ocorrem ou em futura encarnação.

8. A esse respeito, ensina Kardec que o duplo fluídico, como um dos elementos componentes do ser humano, além do importante papel que exerce nos fenômenos psicológicos, tem sua participação nas ocorrências fisiológicas e patológicas. Segundo André Luiz, a etiologia das moléstias que afligem o corpo físico e o dilaceram guarda no corpo espiritual as suas causas profundas. O remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas e desarticula as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade.

Durante a encarnação, é estreita a ligação entre a alma e o corpo

9. Durante a encarnação, existe, portanto, uma ligação estreita entre a alma e o corpo físico, por meio do perispírito, razão por que qualquer modificação doentia nas células nervosas do cérebro importa numa alteração das faculdades espirituais.

10. Em condições normais, as sensações modificam a natureza das vibrações da força psíquica. Se essas modificações forem, pela sua intensidade e duração, de molde a ultrapassar um limite mínimo, as sensações serão registradas no perispírito de maneira consciente, ou seja, haverá percepção, o Espírito tomará conhecimento do que está ocorrendo. É a memória de fixação. Se esse limite mínimo não for atingido, haverá registro da sensação, mas somente no inconsciente.

11. Nem todas as sensações e recordações podem existir simultaneamente. Existe um enfraquecimento do seu ritmo que as leva a descer gradativamente abaixo do limite mínimo de percepção, razão por que entram na faixa do inconsciente. É por isso que todos os atos da vida vegetativa

e orgânica têm sido conservados no perispírito durante a evolução da alma através da longa série dos reinos inferiores. A repetição continuada de certos atos cria hábitos. No início, esses atos são conscientes, mas, com a repetição, tornam-se mecânicos, até se fazerem automáticos e inconscientes.

12. A memória evocativa permite-nos lembrar os conhecimentos, através de pontos de referência, cuja localização no passado seja conhecida. Por associação de ideias, esses pontos de referência nos ligam aos acontecimentos que se agrupam ao seu redor, transportando-nos à época das ocorrências. Para essa rememoração há de haver uma associação da vontade à atenção, donde resulta trazer-se à consciência as imagens recolhidas no arquivo perispiritual.

Questões para fixação da leitura

1. No processo reencarnatório, que papel exerce o perispírito na formação do corpo físico?

O perispírito é a força diretriz responsável pela edificação do plano escultural e do tipo funcional de todos os seres. Contém o desenho prévio e as propriedades organogênicas que, ativadas sob a ação da força vital, servirão de regra à formação do novo organismo físico e lhe assinarão o lugar na escala morfológica.

2. Que são centros vitais e qual a sua função na vida das pessoas?

Os centros vitais são fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização que lhes é peculiar e presidem, assim, à atividade funcional dos vários órgãos que integram o corpo físico.

3. De que forma o perispírito do reencarnante se une ao germen que dará origem ao corpo físico?

O perispírito une-se molécula a molécula à matéria do gérmen, que encerra uma energia potencial que se transforma em energia atual para o curso da existência do ser.

4. Qual é a sede da memória espiritual?

A sede da memória é o perispírito, que armazena, registra e conserva todas as percepções, todas as volições e ideias da alma.

5. Onde podemos localizar a etiologia das moléstias que afligem o corpo físico?

Segundo André Luiz, a etiologia das moléstias guarda no corpo espiritual as suas causas profundas. O remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas e desarticula as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade.

Vestimenta dos Espíritos

Sumário: Vestimenta utilizada pelos Espíritos desencarnados. Origem das roupas utilizadas pelos desencarnados. Espíritos despidos de vestimenta: razões desse fato. Motivo pelo qual Espíritos se apresentam cobertos de andrajos e farrapos.

Muitos Espíritos utilizam como vestimenta uma simples túnica

1. Os depoimentos dos médiuns videntes são concordantes no fato de que os Espíritos são geralmente vistos envergando uma vestimenta qualquer. Em alguns casos, os trajes dos Espíritos apresentam grande riqueza de detalhes, feitos variados e coloridos surpreendentes.

2. Alguns se apresentam trajados com roupas de época ou vestimentas típicas, com adornos característicos de algum período histórico. Os videntes têm registrado, a respeito desse fato, os mais variados tipos de roupas que lembram desde os tecidos leves, esvoaçantes, rendados, até os pesados ou grosseiros. Túnicas de cores diversificadas, calças, camisas, paletós, coletes, gravatas, saias curtas ou compridas, blusas, casacos, uniformes, indumentárias ricas, modernas e antigas, roupas modestas, pobres e mesmo andrajosas ou esfarrapadas – eis o que os médiuns têm relatado sobre o assunto.

3. Algumas vestimentas descritas pelos videntes primam pelo estampado de cores vivas, como se dá com os Espíritos que se apresentam sob a aparência de ciganos, os quais exibem, ainda, colares, brincos bem grandes e pulseiras. Outros se apresentam fardados, ostentando armaduras, capacetes e até mesmo armas, enquanto há os que ocultam a cabeça com um capuz.

4. Entre os trajes observados, verifica-se, porém, que o mais comum é a túnica. Tal é o caso de Espíritos plenamente espiritualizados, como Adolfo Bezerra de Menezes e Bittencourt Sampaio, que Yvonne A. Pereira já viu envergando longa túnica vaporosa, nívea, cintilante, levemente esbatida de azul, como a notável médium descreve em seu livro *Devassando o Invisível*, pp. 51 a 55.

Há Espíritos que são observados inteiramente despidos

5. Como Yvonne Pereira relata na citada obra, os Espíritos se mostram, com frequência, trajados como o faziam quando encarnados. Os que foram homens apresentam-se com o terno costumeiro; as mulheres se exibem com os vestidos de uso habitual. Poucos se mostram com roupa semelhante à que usavam quando do sepultamento de seu corpo físico.

6. Alguns Espíritos – acrescenta Yvonne – podem ser observados inteiramente despidos. É o que ocorre com aqueles que foram homens e mulheres de baixa condição moral que se arrastaram em existências consagradas aos excessos carnis e à devassidão dos costumes, e que, por isso, podem aparecer desnudos diante dos médiuns videntes, revelando até mesmo, em cenas deprimentes – que lhes foram habituais no estado de encarnados – a degradação mental em que ainda permanecem.

7. Uma questão que se impõe, no assunto em foco, é saber onde os Espíritos conseguem suas roupas e complementos. Kardec trata do tema em duas obras – *O Livro dos Médiuns* e *A Gênese* –, em que explica que os Espíritos manipulam os fluidos espirituais por meio do pensamento e da vontade. Com a ação do pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção e os aglomeram, combinam ou dispersam, organizando conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas.

8. Os fluidos espirituais são, por conseguinte, o elemento do mundo espiritual, de que extraem substâncias para os

mais diversos fins. É com o auxílio desse princípio material que o perispírito reveste-se de vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando encarnado.

A veste fluídica indica a superioridade do Espírito

9. Há Espíritos, contudo, que se percebem vestidos e não têm a menor ideia de como isso se dá, ou seja, eles nem sempre têm conhecimento de como suas vestes são formadas. Concorrem, assim, para a sua formação agindo instintivamente. Yvonne A. Pereira dá, a propósito disso, um depoimento interessante em seu livro *Devassando o Invisível*, em que descreve o caso Joaquim Pires, que se apresentou à sua visão trajando uma roupa em que havia terra, ou melhor, impressões da porção de terra em que fora sepultado. Joaquim Pires fora suicida na última existência.

10. Como regra, os Espíritos se trajam e modificam a aparência das vestes que usam conforme lhes apraz, exclusão feita de alguns muito inferiores, como os criminosos e os obsessores de ínfima condição moral, cuja mente não possui vibrações à altura de efetuar a operação plástica requerida. Eis por que a aparência destes últimos costuma ser chocante para o vidente, pela fealdade ou simplesmente pela pobreza das formas, visto que se apresentam cobertos de andrajos e farrapos, como que empapados de lama ou embuçados em longos sudários negros, com mantos ou capas a envolver-lhes os ombros e a cabeça.

11. Ensina Léon Denis no seu livro *Depois da Morte* que a veste fluídica denuncia a superioridade ou a inferioridade do Espírito. É como um invólucro formado pelos seus méritos e pelas qualidades adquiridas na sucessão de suas existências.

12. Opaca e sombria na alma inferior, seu alvor aumenta de acordo com os progressos realizados, tornando-se cada vez mais pura. Brilhante no Espírito elevado, ela chega, nas almas superiores, a ofuscar os outros Espíritos.

Questões para fixação da leitura

1. Que espécie de vestimenta apresentam os Espíritos desencarnados?

Os Espíritos são geralmente vistos envergando uma vestimenta qualquer que, em alguns casos, apresenta grande riqueza de detalhes, feítios variados e coloridos surpreendentes. Alguns se apresentam trajados com roupas de época ou vestimentas típicas. Os videntes têm registrado, a respeito desse fato, os mais variados tipos de roupas, que lembram desde os tecidos leves, esvoaçantes, rendados, até os pesados ou grosseiros.

2. Há desencarnados que se mostram vestidos com uma simples túnica?

Sim, e tal fato é bastante comum.

3. Algum médium vidente já relatou ter visto Espíritos inteiramente despidos?

Sim. Yvonne A. Pereira refere-se a isso dizendo que tal fato pode ocorrer com aqueles que foram homens e mulheres de baixa condição moral que se arrastaram em existências consagradas aos excessos carnavais e à devassidão dos costumes, e que, por isso, podem aparecer desnudos diante dos médiuns videntes.

4. Onde os Espíritos conseguem suas roupas e seus complementos?

Kardec diz que os Espíritos manipulam os fluidos espirituais por meio do pensamento e da vontade, com que imprimem aos fluidos tal ou qual direção e os aglomeram, combinam ou dispersam, organizando conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas. É com o auxílio deles que o perispírito reveste-se de vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando encarnado.

5. Por que alguns Espíritos se apresentam cobertos de andrajos e farrapos?

Isso se dá em alguns casos com os criminosos e os obsessores de ínfima condição moral, cuja mente não possui vibrações à altura de efetuar a operação plástica requerida. Por isso a aparência deles costuma ser chocante pela fealdade ou simplesmente pela pobreza das formas, visto que se apresentam cobertos de andrajos e farrapos, como que empapados de lama ou embuçados em longos sudários negros, com mantos ou capas a envolver-lhes os ombros e a cabeça.

Telepatia e pressentimentos

Sumário: Conceito de telepatia. Manifestações telepáticas antes e depois da morte corpórea. Telepatia espontânea. Conceito de pressentimento. Fatores presentes na ocorrência dos pressentimentos.

Telepatia é a transmissão do pensamento de um ser para outro

1. Os Espíritos exercem tamanha influência sobre nossos pensamentos e atos, que amiúde somos por eles dirigidos. O fato se dá porque eles povoam os mesmos espaços em que vivemos, acompanham-nos em nossas atividades e ocupações, intervêm em nossas reuniões e nos seguem ou nos evitam, conforme os atraímos ou repelimos. Estamos, pois, cercados por Espíritos, independentemente de sermos ou não médiuns produtivos, e sua influência oculta sobre nós se faz sentir em razão do grau de afinidade que mantivermos com eles.

2. Essa influência é, às vezes, tão sutil que não conseguimos estabelecer uma separação entre o que nos é próprio e o que é dos Espíritos. Daí é fácil deduzir que entre nossas ideias e imagens mentais podem estar disseminadas ideias e desejos de Espíritos estranhos, sem que disso nos apercebamos.

3. Analisando essa influência podemos entender melhor o fenômeno vulgarmente denominado telepatia, que consiste, em essência, na ocorrência de uma impressão psíquica intensa que se manifesta geralmente de inopino, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão essa que tem ligação com um acontecimento desenrolado a distância. Resumidamente, telepatia é a transmissão do pensamento de um ser para outro.

4. Há entre certos indivíduos uma certa comunicação de pensamentos que dá causa a que se vejam e se compreendam sem precisarem, para isso, dos sinais ostensivos da linguagem. Pode-se dizer que eles falam a linguagem dos Espíritos. Em tais fenômenos há sempre alguém que é mais apto para transmitir o pensamento e outro com maior predisposição para ser receptor.

O termo telepatia foi proposto por Frederic Myers em 1882

5. O estudo da telepatia iniciou-se por volta de 1825, quando se fizeram na França as primeiras experiências magnéticas, mas somente muito mais tarde é que se encarou a telepatia com seriedade científica. O termo foi proposto por Frederic Myers em 1882 e adotado nos trabalhos da *Society Psychical Research*. Asseverou Myers: "Entendo por telepatia a transmissão do pensamento e das sensações feita pelo Espírito de um indivíduo a outro sem que seja pronunciada uma palavra, escrito um vocábulo ou feito um sinal".

6. A telepatia faz-nos subir mais um degrau na escala da vida psíquica. Achemo-nos diante desse fenômeno na presença de um ato poderoso da vontade. As manifestações telepáticas não comportam limites. O poder e a independência da alma nelas se revelam soberanamente porque o corpo físico nenhum papel representa no fenômeno; em verdade, ele constitui mais um obstáculo do que um auxílio. Por causa disso, tais manifestações se produzem com maior intensidade depois da morte.

7. A telepatia pode ser espontânea ou experimental.

8. A telepatia espontânea subdivide-se em: a) transmissão relativa a um acontecimento futuro iminente – casos de pressentimentos, premonições, visões premonitórias e aparições de moribundos; b) transmissão relativa ao presente ou a um passado recente – casos de visões nítidas ou adivinhação de acontecimentos afastados, bem como aparições de vivos. Com frequência, o fenômeno diz respeito a uma

pessoa unida ao percipiente por laços afetivos mais ou menos fortes.

Pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras

9. A telepatia experimental engloba os casos que traduzem uma impressão psíquica produzida a distância sobre uma pessoa pela ação e força da vontade de outra pessoa. Os estudiosos reconhecem, porém, que a telepatia experimental encontra-se longe de ser estabelecida de modo tão nítido quanto a espontânea.

10. Um outro tipo de influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos é o pressentimento, que é definido por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns* como sendo uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas, diz o Codificador, têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. O fato deve-se às vezes a uma espécie de dupla vista, que permite ao indivíduo entrever as consequências e a filiação dos acontecimentos; mas, em muitos casos, é o resultado de comunicações ocultas. É então, sobretudo nesses casos, que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

11. Neste último caso, isto é, no pressentimento como consequência de uma comunicação oculta, quem geralmente se comunica é um Espírito amigo e bondoso, alguém que traz um conselho íntimo ou uma advertência carinhosa a uma pessoa estimada.

12. O pressentimento pode manifestar-se também através de uma vaga lembrança que o Espírito tem das provas ou dos acontecimentos a que deverá submeter-se. Pressentir a hora da desencarnação, por exemplo, tem sido uma ocorrência até certo ponto comum em muitos indivíduos. E se alguns pressentem a sua desencarnação porque foram avisados por parentes ou amigos desencarnados, outros, contudo, têm disso uma firme convicção sem que saibam explicar o motivo.

Questões para fixação da leitura

1. Como podemos definir a telepatia?

O fenômeno vulgarmente denominado telepatia consiste na ocorrência de uma impressão psíquica intensa que se manifesta geralmente de inopino, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão essa que tem ligação com um acontecimento desenrolado a distância. Resumidamente, telepatia é a transmissão do pensamento de um ser para outro.

2. As manifestações telepáticas se produzem com maior intensidade antes ou depois da morte corpórea?

Elas se produzem com maior intensidade depois da morte.

3. Que casos se enquadram na chamada telepatia espontânea?

Casos relativos a acontecimentos futuros – pressentimentos, premonições, visões premonitórias e aparições de moribundos – e casos relativos ao presente ou a um passado recente – visões nítidas ou adivinhação de acontecimentos afastados, bem como aparições de vivos.

4. Como Kardec define o pressentimento?

O pressentimento é, segundo Allan Kardec, uma intuição vaga das coisas futuras.

5. A que se deve, segundo o Espiritismo, a ocorrência dos pressentimentos?

O pressentimento deve-se às vezes a uma espécie de dupla vista, que permite ao indivíduo entrever as consequências e a filiação dos acontecimentos, mas, em muitos casos, é o resultado de comunicações ocultas. O pressentimento pode manifestar-se também através de uma vaga lembrança que o Espírito tem das provas ou dos acontecimentos a que deverá submeter-se.

Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida

Sumário: Influência que os Espíritos exercem sobre nós. Natureza das influências espirituais. Causa da maioria das obsessões. Ação dos Benfeitores Espirituais nos casos de perturbações espirituais. Base do intercâmbio entre encarnados e desencarnados.

É muito grande a influência dos Espíritos sobre as coisas deste mundo

1. Os homens imaginam erradamente que cabe aos Espíritos tão somente manifestar sua presença por meio de fenômenos extraordinários. Supomo-los dotados de recursos miraculosos, sempre armados de uma varinha mágica, o que é obviamente um equívoco. Sua influência oculta nas coisas de nosso mundo é, no entanto, muito grande, quer aconselhando-nos diretamente, quer inspirando-nos a fazer tal ou tal coisa, com o cuidado de jamais atuarem fora das leis da Natureza.

2. Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que evidentemente atribuirão o fato ao acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando a atenção de alguém para determinado ponto, se disso resulta o que tenham em vista, obram eles de tal maneira que o homem, supondo obedecer a um impulso próprio, conserva sempre seu livre-arbítrio.

3. Como o meio em que atuam e o modo como o fazem diferem do que estamos acostumados a ver no estado de encarnação, diferentes são também os efeitos, que parecem sobrenaturais unicamente porque se produzem com o auxílio de agentes que não são iguais àqueles de que nos servi-

mos. Desde, porém, que esses agentes pertencem igualmente à Natureza e as manifestações se dão em virtude de leis estabelecidas pelo Criador, nada existe de sobrenatural ou de maravilhoso em suas manifestações e ações sobre os acontecimentos da vida.

4. Como pertencem à ordem natural das coisas, os fenômenos espíritas têm-se produzido em todos os tempos. Consistem eles nos diferentes modos de manifestação dos Espíritos. É por suas manifestações que o Espírito revela sua existência, sua sobrevivência, sua individualidade.

A vingança é a causa de muitas obsessões, sobretudo das mais graves

5. A influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida pode ser boa ou má; isso depende apenas da natureza do agente. Os Espíritos superiores só fazem o bem; daí é fácil deduzir que sua influência é sempre benéfica à criatura humana.

6. Os Espíritos levianos e zombeteiros se comprazem em causar aborrecimentos, que devem ser levados à conta de provas para a nossa paciência.

7. Os Espíritos impuros, como são incapazes de perdoar o mal que lhes tenham feito, continuam após a desencarnação a exercer a vingança que hajam iniciado ou concebido ainda durante a encarnação. Está aí – na vingança – a causa de muitas obsessões, especialmente das mais graves, tão conhecidas no meio espírita.

8. Aprendemos no Espiritismo que, embora a nossa disposição interior constitua fator relevante para a neutralização da influência negativa exercida por nossos adversários encarnados ou desencarnados, a intercessão dos Benfeitores Espirituais é indiscutível, real e valiosíssima no trabalho de anulação das forças perturbadoras que rondam e ameaçam quantos se proponham a crescer espiritualmente.

9. Espíritos benfazejos procuram inspirar-nos para o bem. Espíritos imperfeitos buscam induzir-nos ao mal. Os

primeiros cumprem missão renovadora, em favor da Humanidade; são os chamados Missionários do amor. Os segundos influenciam-nos em sentido contrário, mas na indução para o mal, não cumprem missão alguma; são somente instrumentos da sombra.

A base do intercâmbio entre nós e os Espíritos repousa na mente

10. É preciso, porém, ter em conta que a maioria dos males que nos acontecem depende de nós mesmos evitá-los ou, quando menos, atenuá-los, porque Deus nos concedeu inteligência para dela nos servirmos e, por meio dela, obter o auxílio dos Espíritos superiores.

11. Para que um Espírito, seja bom ou mau, influencie alguém e, assim agindo, interfira nos acontecimentos da vida, é preciso haja sintonia entre ele e a pessoa visada. E a base de todos os serviços de intercâmbio, entre encarnados e desencarnados, repousa na mente.

12. Cada alma – assevera Emmanuel - vive no clima espiritual que elegeu. Em face disso, os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, visto que, segundo sábias palavras de Jesus, “nosso tesouro estará sempre onde colocarmos o coração”.

Questões para fixação da leitura

1. Os Espíritos exercem alguma influência sobre os acontecimentos da vida?

Sim. Sua influência oculta nas coisas de nosso mundo é muito grande, quer aconselhando-nos diretamente, quer inspirando-nos a fazer tal ou tal coisa, com o cuidado de jamais atuarem fora das leis da Natureza.

2. A influência dos Espíritos sobre nós é sempre boa?

Nem sempre. A influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida pode ser boa ou má; isso depende da natureza do agente. Os Espíritos superiores só fazem o bem; daí é fácil deduzir que sua influência é sempre benéfica à criatura humana. Os Espíritos levianos e zombeteiros se comprazem em causar aborrecimentos, que devem ser levados à conta de provas para a nossa paciência. Os Espíritos impuros, incapazes de perdoar o mal que lhes tenham feito, podem, mesmo após sua desencarnação, desejar vingar-se.

3. Qual tem sido a causa de inúmeras obsessões, sobretudo das mais graves?

A vingança.

4. Os Benfeitores Espirituais nos podem auxiliar com vistas à anulação das forças perturbadoras que eventualmente nos ameaçam?

Sim. Embora nossa disposição interior seja o fator determinante para a neutralização da influência negativa exercida por nossos adversários, a intercessão dos Benfeitores Espirituais é indiscutível, real e valiosíssima no trabalho de anulação das forças perturbadoras que rondam e ameaçam quantos se proponham a crescer espiritualmente.

5. Qual é, segundo o Espiritismo, a base de todos os serviços de intercâmbio, entre encarnados e desencarnados?

A base de todos os serviços de intercâmbio, entre encarnados e desencarnados, repousa na mente. Para que um Espírito, seja bom ou mau, influencie alguém e, assim, interfira nos acontecimentos da vida, é preciso que haja sintonia entre ele e a pessoa visada. Em face disso, nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, visto que, segundo sábias palavras de Jesus, "nosso tesouro estará sempre onde colocarmos o coração".

Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas

Sumário: Simpatia e afeição dos Espíritos por pessoas encarnadas. Natureza íntima das afeições nutridas pelos desencarnados. Postura dos bons Espíritos ante os males que nos atingem. Espécie de males que mais os preocupam.

Os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem

1. Os Espíritos devotam afeição aos encarnados de acordo com as afinidades que entre eles existam. Assim, os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores afinizam-se com as criaturas viciosas ou que podem tornar-se tais. Daí se derivam as afeições, que nada mais são que consequências da conformidade dos sentimentos.

2. O ser humano tem, pois, no Mundo Espiritual, amigos que podem perfeitamente interceder por sua felicidade, a fim de assegurar-lhe a estabilidade de que necessita para lutar e servir, amar e vencer, apesar do assédio dos desencarnados que lhe foram comparsas em dramas do passado.

3. São eles – esses amigos de Mais Alto – que acordam a esperança e restauram o bom ânimo nos indivíduos que se veem a braços com as investidas provenientes do plano espiritual.

4. Os Espíritos Superiores nutrem sentimentos elevados para com encarnados e desencarnados. Essas ligações afetivas nada têm que se assemelhe às afeições carnis. Isso, porém, nem sempre se dá com os Espíritos inferiores.

5. Embora a verdadeira afeição nada tenha de carnal, pode ocorrer que um Espírito, quando se apega a uma pessoa, nem sempre o faça só por afeição. À estima que essa

peessoa lhe inspira pode agregar-se, também, uma reminiscência das paixões humanas.

Os Benfeitores espirituais ficam felizes com a nossa felicidade

6. Os bons Espíritos se preocupam com os nossos males, do mesmo jeito que compartilham as nossas alegrias. Procurando fazer-nos todo o bem que lhes seja possível, é natural que se sintam ditosos com a nossa felicidade e os nossos momentos de alegria.

7. No tocante aos males que nos possam atingir, é preciso lembrar que eles se dividem em físicos e morais.

8. Sabendo ser transitória a existência corporal e que as tribulações a ela inerentes constituem meios de alcançarmos uma situação melhor, os bons Espíritos se afligem mais com os males que tenham origem em causas de ordem moral do que com os nossos sofrimentos físicos, todos passageiros.

9. Assim, eles pouco se incomodam com as desgraças que atingem as nossas ideias e preocupações mundanas, do mesmo modo como, aliás, agimos com relação às mágoas pueris das crianças.

Nosso egoísmo e a dureza do nosso coração preocupam os bons Espíritos

10. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, eles as consideram como uma crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo. Entretanto, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, apreciam-nos de um modo diverso do nosso.

11. Em casos assim, os bons Espíritos procuram levantar-nos o ânimo no interesse do nosso futuro, enquanto os Espíritos inferiores, com o objetivo de comprometer-nos, nos impelem ao desespero.

12. À vista dos ensinamentos espíritas, podemos deduzir assim as seguintes conclusões em torno do assunto examinado:

- Os bons Espíritos se afligem quando nós, diante de um mal qualquer, não sabemos suportá-lo com resignação; os inferiores, no entanto, se rejubilam com a nossa postura negativa.

- Os males morais que mais preocupam os Benfeitores Espirituais são o nosso egoísmo e a dureza dos nossos corações, do que, ensina o Espiritismo, decorre tudo o mais. Nossos adversários desencarnados e os maus Espíritos, porém, adoram tal comportamento.

- Os bons Espíritos se riem de todos os males imaginários que nascem do nosso orgulho e da nossa ambição. Os inferiores, contudo, valem-se deles para, se for possível, afundar-nos mais ainda no fosso da amargura.

- Os Benfeitores Espirituais se rejubilam com os males e os sofrimentos que redundam na abreviação do tempo de nossas provas. Os infelizes não gostam nada disso e buscam, quando a ocasião se apresenta, obter exatamente o resultado contrário.

Questões para fixação da leitura

1. Os Espíritos costumam nutrir afeição pelos encarnados?

Sim. Os Espíritos devotam afeição pelos encarnados de acordo com as afinidades que entre eles existam. Os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores afinizam-se com as criaturas viciosas ou que podem tornar-se tais. Disso se derivam as afeições, que nada mais são que consequências da conformidade dos sentimentos.

2. A afeição que um Espírito sente por alguém pode ter alguma coisa de carnal?

Depende. Embora a verdadeira afeição nada tenha de carnal, pode ocorrer que um Espírito, quando se apegue a uma pessoa, nem sempre o faça só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se, também, uma reminiscência das paixões humanas.

3. Os bons Espíritos se preocupam com os males que nos atingem na existência corporal?

Sim. Os bons Espíritos preocupam-se com os nossos males, do mesmo jeito que compartilham as nossas alegrias.

4. Diante de um mal que nos tenha acometido, qual é a postura dos Benfeitores espirituais?

Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, eles as consideram como uma crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo, mas apreciam-nos de um modo diverso do nosso. Em casos assim, procuram levantar-nos o ânimo no interesse do nosso futuro, enquanto os Espíritos inferiores, com o objetivo de comprometer-nos, nos impelem ao desespero.

5. Dos males que nos possam atingir, quais os que mais preocupam os bons Espíritos?

Eles se afligem mais com os males que tenham origem em causas de ordem moral do que com os nossos sofrimentos físicos, que são, como sabemos, passageiros.

Espíritos protetores

Sumário: Os anjos segundo o Espiritismo. Relação entre os anjos e as entidades chamadas de anjo da guarda. Diferenças entre protetor espiritual, Espírito familiar e Espírito simpático. Protetores dos selvagens e das comunidades em geral.

Os anjos são seres que percorreram todos os graus da evolução

1. Para se entender o que representam os anjos da guarda ou os protetores espirituais em nossa vida, é preciso em primeiro lugar rememorar o significado da palavra anjo. Como já vimos, de acordo com o Espiritismo aqueles a quem chamamos anjos são criaturas de Deus que já percorreram todos os graus da evolução. Uns – revela a questão no 129 d' *O Livro dos Espíritos* – aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa ao seu destino; outros levaram mais tempo.

2. As religiões, em sua grande maioria, senão na totalidade, falam de anjos e, conquanto lhes deem nomes diversos, situam-nos em uma posição superior com relação à Humanidade. Os anjos seriam, para quase todas elas, intermediários entre Deus e os homens, uma ideia evidentemente negada pelos materialistas, que não admitem nada além da matéria e, por isso, põem os anjos entre as ficções e alegorias que seduzem o ser humano.

3. Segundo a Doutrina Espírita, a alma é criada simples e ignorante, e pouco a pouco se desenvolve, se aperfeiçoa e se adianta na hierarquia espiritual, até atingir o estado de Espírito puro ou anjo. Os anjos nada mais são, portanto, que as almas dos homens chegados ao grau de perfeição acessível à criatura humana.

4. Como a Humanidade não se limita à Terra, antes mesmo da formação do nosso planeta já existiam Espíritos que, havendo percorrido as numerosas etapas da evolução, atingiram a condição de Espíritos puros. Como as suas existências corpóreas se passaram noutra época, bastante longínqua, é evidente que, ao conhecê-los, o homem supôs que tais seres tivessem sido criados assim, já perfeitos, desde o começo.

5. As entidades espirituais designadas pelos nomes de anjo da guarda, anjo guardião ou protetor espiritual nada têm, porém, que ver com os anjos propriamente ditos. Os protetores espirituais, que Deus concede a cada uma de suas criaturas, são Espíritos como nós mesmos, ainda no caminho da evolução, e não Espíritos puros, chegados ao ápice da evolução, embora muitos protetores espirituais sejam Espíritos de alta envergadura moral.

A missão do protetor espiritual é como a de um bom pai

6. Existem diferenças entre protetor espiritual, Espírito familiar e Espírito simpático. Os Espíritos familiares são os que se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder de que dispõem. Podem ser bons, porém muitas vezes são pouco adiantados e, por isso, se ocupam com as particularidades da vida íntima das pessoas, só atuando por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

7. Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e também por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal.

8. Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio é o Espírito que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É ele sempre de natureza superior com relação ao seu protegido. Sua missão é como a de um pai com relação ao filho: guiá-lo pela senda do bem, auxiliá-

lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida. O protetor espiritual dedica-se ao seu protegido desde o seu nascimento até a morte, e muitas vezes o acompanha na vida espiritual, depois de sua desencarnação.

9. Aos que pensam que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa, e de todos os instantes, dizem os instrutores espirituais que eles influenciam nossas almas estando, às vezes, a milhões de léguas de distância, porquanto para eles o espaço não existe e, mesmo vivendo em outro mundo, podem conservar certa ligação conosco. Cada anjo da guarda tem, pois, o seu protegido e vela por ele, como um pai vela pelo filho, sentindo-se feliz quando o vê no bom caminho ou triste quando seus conselhos são desprezados.

10. Uma vez que aceitou tal tarefa, o protetor espiritual se obriga a velar por seu protegido. Evidentemente, antes de assumi-la, pode ele escolher, como protegido, um ser que lhe seja simpático. Assim é que, enquanto para uns a missão que lhes compete é um prazer, para outros constitui tão somente um dever. O protetor espiritual não fica, contudo, constantemente ao lado do seu protegido, pois há circunstâncias em que sua presença não é necessária. Quando vê que seus conselhos são inúteis, ele pode afastar-se, mas jamais abandona por completo seu protegido, buscando sempre fazer-se ouvir. E voltará, com certeza, para junto de seu protegido, desde que este o chame.

Todos os homens ligados à Terra têm o seu protetor espiritual

11. Se, porém, no curso de sua missão, ele precisar afastar-se para cumprir outras tarefas, incompatíveis com aquela, será substituído por outro Espírito, de tal maneira que ninguém, em momento algum, fica desprovido de proteção espiritual, exceto quando a criatura pode guiar-se por si mesma, caso em que não mais terá necessidade de anjo da guarda; mas isso – informa a questão no 500 d' *O Livro dos Espíritos* – não acontece na Terra.

12. A ação dos Espíritos que nos querem bem é sempre regulada de maneira a nos deixar o livre-arbítrio. É a sabedoria de Deus que assim o exige, porquanto se não tivéssemos responsabilidade não nos adiantaríamos na senda que deve conduzir-nos ao Criador.

13. O protetor espiritual, como vimos anteriormente, sente-se feliz quando vê seus cuidados coroados de sucesso. Conseguir tal façanha é para ele um triunfo, como um preceptor triunfa com os sucessos do seu discípulo.

14. Mas ele sofre com os erros de seu protegido, e os lamenta, embora sua aflição nada tenha das angústias da paternidade terrena, visto que sabe que há remédio para o mal e que o que hoje não se fez amanhã se fará.

15. Concluindo, podemos assegurar, com base no que ensina o Espiritismo, que cada homem, mesmo o selvagem, tem um Espírito que vela por ele, e o mesmo se dá com as sociedades, as cidades e as nações, as quais têm Espíritos protetores especiais, porque marcham para um objetivo comum e têm necessidade de uma direção superior.

Questões para fixação da leitura

1. Que são anjos?

De acordo com o Espiritismo, aqueles a quem chamamos anjos são criaturas de Deus que já percorreram todos os graus da evolução. Uns, conforme a questão no 129 d' *O Livro dos Espíritos*, aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa ao seu destino; outros levaram mais tempo.

2. Há relação entre os anjos e as entidades espirituais designadas pelos nomes de anjo da guarda, anjo guardião ou protetor espiritual?

Não há. As entidades espirituais designadas pelos nomes de anjo da guarda, anjo guardião ou protetor espiritual nada têm que ver com os anjos propriamente ditos. Os protetores

espirituais, que Deus concede a cada uma de suas criaturas, são Espíritos como nós mesmos, ainda no caminho da evolução, e não Espíritos puros, chegados ao ápice da evolução, embora muitos protetores espirituais sejam Espíritos de alta envergadura moral.

3. Que diferenças há entre protetor espiritual, Espírito familiar e Espírito simpático?

Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio é o Espírito que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É ele sempre de natureza superior com relação ao seu protegido. Sua missão é como a de um pai com relação ao filho: guiá-lo pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida. Espíritos familiares são os que se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis com o fim de lhes serem úteis. Podem ser bons, porém muitas vezes são pouco adiantados e, por isso, se ocupam com as particularidades da vida íntima das pessoas, só atuando por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores. Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e também por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal.

4. O protetor espiritual está sempre ao lado do seu protegido?

Não. O protetor espiritual não fica constantemente ao lado do seu protegido, pois há circunstâncias em que sua presença não é necessária. Ademais, quando vê que seus conselhos são inúteis, pode afastar-se, mas jamais abandona por completo seu protegido.

5. Os selvagens também têm protetores espirituais? E as cidades e as nações?

Sim. O selvagem também tem um Espírito que vela por ele, e o mesmo se dá com as sociedades, as cidades e as nações, as quais têm Espíritos protetores especiais, porque marcham para um objetivo comum e têm necessidade de uma direção superior.

O fenômeno mediúnicos através dos tempos

Sumário: Antiguidade do fenômeno mediúnicos. Fatores que determinam a atração dos Espíritos por um povo qualquer. Vulgatos do Antigo Testamento que se destacaram por suas faculdades mediúnicas. O fenômeno mediúnicos na história do Cristianismo.

O profetismo em Israel foi um fenômeno transcendental marcante

1. O fenômeno mediúnicos não nasceu com o Espiritismo, pois encontramos referências sobre ele nas épocas mais remotas da história da Humanidade. Alguns deles foram considerados fatos milagrosos, outros foram atribuídos a seres demoníacos.

2. O que é digno de destaque é que em todas as épocas da Humanidade temos sido assistidos por Espíritos superiores que procuram impulsionar-nos para o progresso moral e intelectual. Os antigos, evidentemente, fizeram desses Espíritos divindades especiais. As Musas nada mais eram que a personificação alegórica dos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os protetores das famílias. Ainda hoje, as artes, as diferentes indústrias, as instituições, as cidades e os países têm também os seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores sob designações diversas.

3. No tocante aos povos, o que determina a atração dos Espíritos para com eles são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e as leis que os regem. Estudando-se os costumes dos povos ou de qualquer assembleia de pessoas, é fácil deduzir que tipo de população invisível se lhes imiscui no modo de pensar e nos seus atos.

4. Diz Léon Denis que o profetismo em Israel, de Moisés a Jesus, foi um dos fenômenos transcendentais mais notáveis da História. A origem do profetismo ali foi assinalada por imponente manifestação relatada pelo Antigo Testamento. Moisés havia escolhido 70 anciãos e, quando os colocou ao redor do tabernáculo, Jeová, um dos protetores espirituais do povo judeu e de Moisés em particular, revelou a sua presença em uma nuvem.

Fatos mediúnicos diversos ocorreram no dia de Pentecostes

5. Moisés era, como ninguém ignora, médium vidente e auditivo, e foi graças a tais faculdades que ele pôde ver e ouvir Jeová na sarça do Horeb e no monte Sinai. Os fenômenos mediúnicos em sua vida foram, por causa disso, numerosos e expressivos. O condutor dos hebreus ouvia vozes quando se inclinava diante do propiciatório da arca da aliança. Recebeu no Sinai, escritas na lápide, as tábuas da lei. Magnetizador poderoso, fulminou com uma descarga fluídica os hebreus revoltados no deserto. Médium inspirado, entoou um maravilhoso cântico logo após a derrota de Faraó. E apresentou ainda um gênero especial de mediunidade – a transfiguração luminosa – quando, ao descer do Sinai, trazia na frente uma auréola de luz.

6. Samuel, outro profeta judeu, quando dormia no templo foi muitas vezes despertado por vozes que o chamavam, falavam-lhe no silêncio da noite e anunciavam-lhe as coisas futuras. Esdras reconstituiu integralmente a Bíblia que se havia perdido, com o auxílio de um Espírito. Todo o livro de Jó está repleto de elucidações e inspirações mediúnicas e sua própria vida, atormentada por Espíritos infelizes, é um assunto que merece estudos acurados. E, além desses, podemos citar Daniel, Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias e muitos outros.

7. A história da mediunidade dos profetas judeus atingiu, porém, a sua culminância com a vinda de Jesus. A passagem do Mestre pela Terra revela, a cada hora, o seu intercâmbio constante com o Plano Superior, seja em colóquios com os

emissários de alta estirpe, seja dirigindo-se aos aflitos desencarnados, no socorro aos obsessos do caminho, como também na equipe de companheiros, aos quais se apresentou em pessoa, depois da morte. E os próprios discípulos conviveriam com o fenômeno mediúnico, especialmente a partir dos extraordinários acontecimentos registrados no dia de Pentecostes que se comemorou imediatamente após a Páscoa da ressurreição.

8. Diz Emmanuel que naquele dia, como informa o livro de Atos (cap. 2, versículos 1 a 13), os apóstolos que se mantiveram leais ao Senhor converteram-se em médiuns notáveis, ocasião em que, associadas as suas forças, os emissários espirituais de Jesus produziram, por meio deles, fenômenos físicos em grande quantidade, como sinais luminosos e vozes diretas, além de fatos de psicofonia e xenoglossia, em que os ensinamentos do Evangelho foram ditados em várias línguas, simultaneamente, para os israelitas de procedências diversas.

Maomé redigiu o Alcorão auxiliado por um Espírito

9. O fenômeno mediúnico não se limitou, porém, ao povo israelita. Na velha Grécia, o grande Sócrates, segundo revelaram seus discípulos, dizia conversar com um amigo invisível que o acompanhava constantemente. Nero, nos últimos dias do seu reinado, viu-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e de Otávia, ambas assassinadas por ordem sua, a lhe pressagiarem a queda no abismo. No silêncio do deserto, Maomé, o fundador do Islamismo, redigiu o Alcorão sob o ditado de um Espírito, que adotou, para se fazer ouvir, o nome e a aparência do anjo Gabriel.

10. Na Idade Média, época conhecida por seu obscurantismo, os médiuns – ressalvados os que foram elevados à categoria de santos – foram perseguidos e maltratados como feiticeiros. Em suas aventuras, Cristóvão Colombo era guiado por um gênio invisível, sendo, por causa disso, tachado de visionário; contudo, nos momentos de maiores dificuldades, escutava uma voz desconhecida que o estimulava a continuar.

11. A vida de Joana d'Arc está na memória de todos. A História registra que seres invisíveis a inspiravam e dirigiam. Aparições surgiam diante dela; vozes celestiais ciciavam-lhe aos ouvidos. Ainda na Idade Média outros médiuns importantes se revelam. Dante, sob influência espiritual, escreve "A Divina Comédia". Tasso, inspirado pelo Espírito de Ariosto, compõe o poema "Renaud". Milton redige o "Paraíso Perdido". Shakespeare fala de aparições em "Hamlet".

12. No século XVIII destaca-se na Europa o vidente Emanuel Swedenborg, que descreveu pela primeira vez em suas minúcias o mundo espiritual. Ao longo dos séculos, reencarnaram na Terra médiuns notáveis como Joana d'Arc, Emanuel Swedenborg, Andrew Jackson Davis, Kate Fox, Eusapia Paladino, Slade, Stainton Moses, Florence Cook, Madame d'Esperance, Julie Baudin, Caroline Baudin, Ruth-Céline Japhet, Ermance Dufaux e Daniel Dunglas Home, entre tantos outros, e não mencionamos aqui médiuns brasileiros, como Chico Xavier, Zé Arigó, Yvonne A. Pereira, Peixotinho, Zilda Gama e Divaldo Franco, o que mostra que na gênese e na história do Judaísmo, do Cristianismo e do Espiritismo a mediunidade e o fenômeno mediúnico exerceram e continuam a exercer um papel importante.

Questões para fixação da leitura

1. O fenômeno mediúnico nasceu com o Espiritismo?

Não, visto que encontramos referências sobre ele nas épocas mais remotas da história da Humanidade. Alguns deles foram considerados fatos milagrosos, outros foram atribuídos a seres demoníacos.

2. Que é que determina a atração dos Espíritos pelos diferentes povos?

O que determina a atração dos Espíritos para com eles são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e as leis que os regem. Estudando-se os costumes dos povos ou de

qualquer assembleia de pessoas, é fácil deduzir que tipo de população invisível se lhes imiscui no modo de pensar e nos seus atos.

3. Que vultos do Antigo Testamento se destacaram por suas faculdades mediúnicas?

Foram vários, como Moisés, que pôde ver e ouvir Jeová na sarça do Horeb e no monte Sinai, além de ter recebido o Decálogo; Samuel, outro profeta judeu que, quando dormia no templo, foi muitas vezes despertado por vozes que o chamavam, falavam-lhe no silêncio da noite e anunciavam-lhe as coisas futuras; Esdras, que reconstituiu integralmente a Bíblia que se havia perdido, com o auxílio de um Espírito; além de Jó, Daniel, Elias, Eliseu, Isaías e Jeremias.

4. O fenômeno mediúnico é estranho ao Cristianismo?

Não. Aliás, a história da mediunidade em Israel atingiu sua culminância exatamente com a vinda de Jesus. A passagem do Mestre pela Terra revela, a cada hora, o seu intercâmbio constante com o Plano Superior, seja em colóquios com os emissários de alta estirpe, seja dirigindo-se aos aflitos desencarnados, no socorro aos obsessos do caminho. E os próprios discípulos conviveriam com o fenômeno mediúnico, especialmente a partir dos extraordinários acontecimentos registrados no dia de Pentecostes.

5. Mencione os nomes de alguns médiuns estrangeiros famosos que a História registrou.

Além dos personagens bíblicos, podemos citar, dentre tantos médiuns famosos, Joana d'Arc, Emanuel Swedenborg, Andrew Jackson Davis, Kate Fox, Eusapia Paladino, Slade, Stainton Moses, Florence Cook, Madame d'Esperance, Julie Baudin, Caroline Baudin, Ruth-Céline Japhet, Ermance Dufaux e Daniel Dunglas Home.

Os médiuns precursores do Espiritismo

Sumário: Médiuns considerados precursores do Espiritismo. As faculdades do vidente Swedenborg. A vida no mundo espiritual segundo Swedenborg. Edward Irving e os fatos mediúnicos. Andrew Jackson Davis, suas faculdades e suas obras.

Swedenborg é considerado um dos precursores do Espiritismo

1. Em seu livro *História do Espiritismo*, Arthur Conan Doyle designa como precursores do Espiritismo três extraordinários médiuns: Emanuel Swedenborg, Edward Irving e Andrew Jackson Davis. Pela ordem cronológica do seu aparecimento no mundo, o primeiro deles foi Swedenborg.

2. Diz o criador do detetive Sherlock Holmes que nunca se viu tamanho amontoado de conhecimentos em um único médium. Engenheiro de minas e autoridade em metalurgia, Swedenborg foi, como engenheiro militar, responsável pelo sucesso de muitas campanhas levadas a efeito por Carlos XII, da Suécia. Mas sua cultura não se limitava à engenharia, porque, sendo também grande autoridade em Física e em Astronomia, Swedenborg foi autor de importantes trabalhos sobre as marés e a determinação das latitudes, além de possuidor de dilatados conhecimentos no campo da zoologia, da anatomia, das finanças públicas e da política.

3. Estudioso da Bíblia, seu desenvolvimento psíquico revelou-se aos 25 anos de idade e pôde ser averiguado e atestado por testemunhas diversas, como o filósofo Kant, que sobre isso escreveu uma carta, que se tornou célebre, dirigida à srta. de Knobich.

4. Emanuel Swedenborg nasceu em Estocolmo, Suécia, em 1688 e desencarnou em Londres em 1772. Dotado da faculdade de vidência, via com frequência cenas do mundo

espiritual e pessoas desencarnadas que conhecera em vida, tendo sido um dos primeiros médiuns a descrever o ectoplasma como um “vapor aquoso” que caía ao chão, sobre o tapete.

No Plano Espiritual existem casas, templos e palácios

5. Swedenborg – que nos deixou inúmeras obras resultantes de suas faculdades psíquicas – verificou que o mundo espiritual consiste em várias esferas e que cada um de nós, depois da morte corpórea, irá para aquela a que melhor se adapte nossa condição espiritual. Muito antes das revelações trazidas por Chico Xavier, descreveu casas localizadas no Plano Espiritual nas quais viviam famílias, templos onde se praticavam cultos, auditórios onde Espíritos se reuniam para fins sociais, palácios onde certamente deviam morar os chefes. Suas principais obras de origem mediúnica foram: *Céu e Inferno*, *A Nova Jerusalém*, *Arcana Celeste*, *Sabedoria Angélica* e *Apocalipse Revelado*, entre outras.

6. A morte, escreveu Swedenborg, era suave, porque seres celestiais ajudavam os recém-chegados em sua nova existência. Ali, no Plano Espiritual, ele viu anjos e demônios, que não eram, porém, de ordem diversa da nossa, mas sim seres humanos que haviam vivido na Terra e que ou eram almas retardatárias, como os demônios, ou altamente desenvolvidas, como os anjos. De modo nenhum, afirmou o vidente sueco, mudamos com a morte, porquanto levamos para o mundo espiritual os hábitos mentais adquiridos, as preocupações e os preconceitos. Não existem ali as penas eternas, visto que os que se achavam nos infernos podiam trabalhar para a sua saída, desde que sentissem vontade.

7. Edward Irving pertenceu à mais pobre classe de trabalhadores braçais da Escócia, onde nasceu em 1792, na localidade de Annan. Fisicamente era um gigante e um Hércules em força. Sua inteligência, de igual forma, era máscula, ampla e corajosa, embora distorcida pela primeira educação que recebeu na acanhada escola da Igreja Escocesa, da qual, quando adulto, tornou-se pastor.

8. Irving, conquanto atraísse enorme multidão em suas prédicas, criou sérios problemas com a Igreja a que servia, por causa de suas opiniões teológicas, de certo modo bastante independentes e ousadas para a época. Quando mais apertado se fez o cerco em torno dele, começaram a ocorrer em sua igreja fenômenos mediúnicos diversos, especialmente os de voz direta. Inicialmente, ouviam-se gritos de pessoas como os de um possesso; em outros momentos, os gritos eram de homens e mulheres numa linguagem incompreensível, e ao lado das vozes ouviam-se também, em intensidade cada vez maior, ruídos e outros sons.

Andrew Jackson Davis previu o advento do Espiritismo

9. As vozes acalmavam-se ou os sons silenciavam ante os apelos de Irving, mas aquela sucessão de fatos estranhos gerou uma incompreensão muito grande por parte de seus superiores, advindo daí sucessivas crises que acabaram por esgotá-lo. O gigante de meia-idade murchou e encolheu; seu arcabouço vergou; suas faces tornaram-se cavadas e pálidas. Contudo, trabalhando até o fim e tendo nos lábios estas palavras: "Se eu morrer, morrerei com o Senhor", Irving não se dobrou e sua alma passou para aquela condição em que a luz se torna mais clara e mais dourada.

10. Andrew Jackson Davis, cognominado por alguns, nos Estados Unidos, o "Pai do Espiritualismo Moderno", o "Profeta da Nova Revelação" ou "O Allan Kardec Americano", por haver anunciado o advento do Espiritismo, nasceu em 1826 num distrito rural situado no estado de Nova York, às margens do Rio Hudson, e desencarnou em Watertown, Massachusetts, em 1910.

11. Quando em transe, falava línguas diversas, inclusive o hebraico, todas dele desconhecidas, ocasião em que discutia questões de geologia, arqueologia, mitologia, bem como temas linguísticos e sociais, embora nada conhecesse de gramática e dos assuntos tratados. Clarividente e audiente, Davis foi, no início de seus trabalhos, usado por Livingstone para a realização de diagnósticos médicos. O

corpo das pessoas tornava-se transparente aos seus olhos espirituais, cada órgão aparecia-lhe claramente e apresentava uma radiação especial e peculiar, que se obscurecia em caso de doença.

12. Inspirado e orientado pelo Espírito de Swedenborg, Davis deixou numerosos livros mediúnicos sob a denominação genérica de Filosofia Harmônica e Revelações Divinas da Natureza. Num deles – *Princípios da Natureza* – ele previu o advento do automóvel, da máquina de escrever e do Espiritismo. Anos depois, em 25 de janeiro de 1863, fundou o primeiro Liceu Espiritista da América, em Dodsworth Hall, Broadway, Nova York.

Questões para fixação da leitura

1. Arthur Conan Doyle, em seu livro *História do Espiritismo*, designa três médiuns como sendo os precursores do Espiritismo. Quem são eles?

Emanuel Swedenborg, Edward Irving e Andrew Jackson Davis.

2. O primeiro dos médiuns citados por Conan Doyle nasceu na Suécia. Em que época viveu e que faculdades mediúnicas o distinguiram?

Emanuel Swedenborg nasceu em Estocolmo, Suécia, em 1688 e desencarnou em Londres em 1772. Dotado da faculdade de vidência, via com frequência cenas do mundo espiritual e pessoas desencarnadas que conhecera em vida, tendo sido um dos primeiros médiuns a descrever o ectoplasma como um “vapor aquoso” que caía ao chão, sobre o tapete.

3. Como o vidente sueco descreveu a vida no Plano Espiritual?

Swedenborg disse que o mundo espiritual consiste em várias esferas e que cada um de nós, depois da morte cor-

pórea, irá para aquela a que melhor se adapte nossa condição espiritual. Muito antes das revelações trazidas por Chico Xavier, descreveu casas localizadas no Plano Espiritual nas quais viviam famílias, templos onde se praticavam cultos, auditórios onde Espíritos se reuniam para fins sociais, e palácios onde certamente deviam morar os chefes.

4. Quem foi Edward Irving e que fenômenos ocorriam em sua igreja?

Edward Irving pertenceu à mais pobre classe de trabalhadores braçais da Escócia, onde nasceu em 1792, na localidade de Annan. Foi pastor na Igreja Escocesa, onde começaram a ocorrer fenômenos mediúnicos diversos, especialmente os de voz direta. Inicialmente, ouviam-se gritos de pessoas como os de um possesso; em outros momentos, os gritos eram de homens e mulheres numa linguagem incompreensível, e ao lado das vozes ouviam-se também ruídos e outros sons.

5. Que faculdades mediúnicas distinguiram o médium Andrew Jackson Davis?

Quando em transe, Davis falava línguas diversas, inclusive o hebraico, todas dele desconhecidas, ocasião em que discutia questões de geologia, arqueologia, mitologia, bem como temas linguísticos e sociais, embora nada conhecesse de gramática e dos assuntos tratados. Clarividente e audiente, Davis foi, no início de seus trabalhos, usado por Livingstone para a realização de diagnósticos médicos. O corpo das pessoas tornava-se transparente aos seus olhos espirituais, cada órgão aparecia-lhe claramente e apresentava uma radiação especial e peculiar, que se obscurecia em caso de doença.

Mecanismo da comunicação mediúnica

Sumário: Os médiuns conforme a conceituação espírita. Onde se radica a faculdade mediúnica. Distinção entre afinidade fluídica e afinidade moral. Dificuldades existentes na prática mediúnica. Fatores importantes para a realização de um trabalho mediúnico produtivo.

A faculdade mediúnica depende do organismo das pessoas

1. Médiuns, ensina o Espiritismo, são as pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes. A mediunidade é uma faculdade inerente ao homem, donde se segue que poucos são os que não possuem um rudimento de tal faculdade.

2. O fluido perispiritual é o agente de todos os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos emitidos pelo médium e pelo Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende, pois, da natureza mais ou menos expansiva do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade de sua assimilação pelo perispírito do Espírito que se vai comunicar por seu intermédio.

3. A faculdade mediúnica depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista no indivíduo o princípio. A predisposição orgânica independe, no entanto, da idade da pessoa, do sexo e do temperamento.

4. As relações entre os Espíritos e os médiuns estabelecem-se por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre eles. Não podemos, entretanto, jamais ignorar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos.

Afinidade fluídica e afinidade moral são coisas distintas

5. Aprendemos com André Luiz que cada alma se envolve no círculo de forças vivas que transpiram do seu hábito mental, na esfera das criaturas a que se imana, em obediência às suas necessidades de ajuste ou de crescimento para a imortalidade. Agimos e reagimos uns sobre os outros – informa André Luiz – por meio da energia mental em que nos renovamos constantemente, criando, alimentando e destruindo formas e situações, paisagens e coisas, na estruturação do nosso destino.

6. Entre determinado Espírito e um médium pode haver afinidade fluídica e não existir afinidade moral, tanto quanto pode existir afinidade moral e não haver afinidade fluídica. Esta, a afinidade fluídica, depende da constituição do organismo espiritual do médium e do Espírito. A afinidade moral é a consequência do adiantamento espiritual alcançado por um e outro.

7. Existem na prática mediúnica algumas dificuldades que devemos, na medida do possível, procurar sanar, ou ao menos minimizar. Destacamos, dentre elas, a falta de estudo, a deficiência de iluminação moral, a escassez de perseverança, a ausência de assiduidade, a impaciência etc. Essas deficiências podem gerar dificuldade na harmonização das vibrações e dos pensamentos.

8. É justamente na combinação das forças psíquicas e dos pensamentos entre os médiuns e os experimentadores, de um lado, e entre estes e os Espíritos, de outro, que reside inteiramente a lei das manifestações.

A harmonia é indispensável a uma boa reunião mediúnica

9. As condições de experimentação são favoráveis quando o médium e os assistentes constituem um grupo harmônico. Outros fatores que favorecem também o bom êxito das reuniões mediúnicas são o silêncio e o recolhi-

mento. Se, contudo, houver desarmonia ou desentendimento na equipe, haverá inequívocas dificuldades na realização de um bom intercâmbio mediúnico.

10. Muitas vezes, a ausência de método, a falta de continuidade e a inexistência de uma direção segura nas experiências mediúnicas podem tornar estéreis a boa vontade dos médiuns e as aspirações, ainda que legítimas, dos experimentadores.

11. Ciente de que as comunicações mediúnicas não podem deixar de ser rigorosamente analisadas, o médium deve aceitar agradecido, e até mesmo solicitar, o exame crítico das comunicações de que for o intermediário.

12. Um trabalho mediúnico produtivo deve, pois, primar pelo estudo, pelo esforço de melhoria moral, pela perseverança, pela humildade, pela assiduidade, pela disciplina por parte dos integrantes da equipe, e ser exercido em um ambiente de silêncio, prece, recolhimento e seriedade, com vistas ao bem-estar e à melhoria espiritual do próximo.

Questões para fixação da leitura

1. Que é, segundo o Espiritismo, um médium?

Médium é a pessoa apta a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes. A mediunidade é uma faculdade inerente ao homem, donde se segue que poucos são os que não possuem um rudimento de tal faculdade.

2. Podemos dizer que a faculdade mediúnica se radica no organismo das pessoas?

Sim. A faculdade mediúnica depende do organismo e pode ser desenvolvida quando exista no indivíduo o princípio. A predisposição orgânica independe, no entanto, da idade da pessoa, do sexo e do temperamento.

3. Há diferença entre afinidade fluídica e afinidade moral?

Sim. Entre determinado Espírito e um médium pode haver afinidade fluídica e não existir afinidade moral, tanto quanto pode existir afinidade moral e não haver afinidade fluídica. A afinidade fluídica depende da constituição do organismo espiritual do médium e do Espírito. A afinidade moral é a consequência do adiantamento espiritual alcançado por um e outro.

4. Que dificuldades existentes na prática mediúnica devemos procurar sanar ou ao menos minimizar?

As dificuldades que devemos sanar ou minimizar são, principalmente, a falta de estudo, a deficiência de iluminação moral, a escassez de perseverança, a ausência de assiduidade e a impaciência.

5. Que fatores são importantes para a realização de um trabalho mediúnico produtivo?

As condições de experimentação são favoráveis quando o médium e os assistentes constituem um grupo harmônico. Um trabalho mediúnico produtivo deve, também, primar pelo estudo, pelo esforço de melhoria moral, pela perseverança, pela humildade, pela assiduidade, pela disciplina por parte dos integrantes da equipe, e ser exercido em um ambiente de silêncio, prece, recolhimento e seriedade, com vistas ao bem-estar e à melhoria espiritual do próximo.

Classificação das comunicações mediúnicas

Sumário: Como se classificam as comunicações mediúnicas. Diferença entre comunicações grosseiras e comunicações frívolas. Como saber se uma comunicação séria é verdadeira. Caráter essencial das comunicações instrutivas.

A comunicação reflete o grau de adiantamento do Espírito

1. Em *O Livro dos Médiuns* Kardec faz uma classificação pertinente à natureza das comunicações mediúnicas, que o Codificador divide em quatro grupos:

- grosseiras
- frívolas
- sérias e
- instrutivas.

2. As comunicações mediúnicas, ensina Kardec, dependem, quanto ao seu conteúdo, do grau de adiantamento do Espírito comunicante, ou seja, de sua posição na escala espírita, assunto que é tratado nas questões nos 100 e seguintes d' *O Livro dos Espíritos*.

3. Da mesma forma que os encarnados, os Espíritos desencarnados apresentam uma grande variedade quanto à inteligência e à moralidade e, por causa disso, o ditado mediúnico refletirá o grau de adiantamento moral ou cultural do comunicante.

4. Diz-se que uma comunicação é grosseira quando concebida em termos que chocam o decoro. Comunicações dessa natureza só podem provir, obviamente, de Espíritos

de baixa condição espiritual, cobertos das impurezas da matéria e em nada diferem das que provenham de homens viciosos e grosseiros.

As comunicações frívolas emanam de Espíritos brincalhões

5. De acordo com o caráter do comunicante, as comunicações grosseiras dividem-se em triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias. Examinando-as, o experimentador deduzirá com facilidade o grau evolutivo daquele que as transmitiu por esse ou aquele mediano.

6. As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros ou brincalhões, mais maliciosos do que maus e que nenhuma importância dão ao que dizem. Como não encerram nada de indecoroso, tais comunicações agradam a certos indivíduos que com elas se divertem, porque encontram prazer nas confabulações fúteis em que muito se fala e nada se diz.

7. Tais Espíritos saem-se, muitas vezes, com tiradas espirituosas e mordazes e, não raro, dizem duras verdades que quase sempre ferem com justeza. Mas a verdade é o que menos os preocupa.

8. As comunicações sérias são ponderadas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Quando uma comunicação é isenta de frivolidade e de grosseria e objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, podemos considerá-la uma comunicação séria. Como nem todos os Espíritos são igualmente esclarecidos, existem coisas que o comunicante pode ignorar e sobre o que pode enganar-se de boa-fé.

Uma comunicação pode ser séria e não ser verdadeira

9. Por causa disso, nem sempre uma comunicação séria é verdadeira. Existem as falsas. Eis por que os Espíritos ver-

dadeiramente superiores recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.

10. Como sabemos, certos Espíritos presunçosos ou pseudossábios procuram, valendo-se de uma linguagem elevada, incutir nos encarnados as mais falsas ideias, os sistemas mais absurdos. Não têm eles nenhum escrúpulo em se adornarem com nomes respeitáveis, e tal mistificação somente um exame rigoroso e atento poderá desvendar.

11. As comunicações instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, ministrado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral ou a filosofia. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito comunicante.

12. As comunicações instrutivas são, por definição, verdadeiras, visto que o que não for verdadeiro não pode ser instrutivo. Para se julgar o valor moral e intelectual dos Espíritos que as ditam, é preciso frequência e regularidade nas suas comunicações, o que é fácil de compreender, porque se para julgar os homens é necessário ter experiência, muito mais é esta necessária quando se trata de julgar os Espíritos.

Questões para fixação da leitura

1. Como Kardec classifica as comunicações mediúnicas?

O Codificador do Espiritismo divide-as em quatro grupos: grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.

2. Há diferença entre comunicações grosseiras e comunicações frívolas?

Sim. As comunicações grosseiras contêm, como o nome diz, grosserias e podem ser indecorosas, obscenas, insolentes.

tes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias. As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros ou brincalhões, mais maliciosos do que maus e que nenhuma importância dão ao que dizem.

3. Qual a característica principal das comunicações sérias?

O que as caracteriza é serem ponderadas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Se a comunicação é isenta de frivolidade e de grosseria e objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, podemos considerá-la uma comunicação séria.

4. Pode uma comunicação séria ser falsa? Como sabê-lo?

Sim. A experiência comprova que nem sempre uma comunicação séria é verdadeira. Existem as falsas. É por isso que os Espíritos verdadeiramente superiores recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica, que é o único meio de saber se elas são verdadeiras ou não.

5. Que são comunicações instrutivas?

As comunicações instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, ministrado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral ou a filosofia. As comunicações instrutivas são, por definição, verdadeiras, visto que o que não for verdadeiro não pode ser instrutivo.

As evocações espíritas, critérios e dificuldades

Sumário: Fórmula para evocação dos Espíritos. Espíritos que podem ser evocados. Causas que podem impedir ou dificultar o atendimento das evocações. Norma a observar nas evocações diretas. O que diz Emmanuel sobre as evocações.

Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente ou a nosso chamado

1. Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec faz acerca do tema evocações as considerações que se seguem.

2. Os Espíritos – diz o Codificador – podem comunicar-se espontaneamente ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Há quem julgue não ser conveniente evocá-los, porque nem sempre há certeza de que o Espírito comunicante seja o que foi evocado. Os que assim pensam propõem que os Espíritos se comuniquem sempre espontaneamente, porque, agindo dessa forma, provariam melhor sua identidade, o que é um erro. O fato de evocar ou deixar que a comunicação se faça espontaneamente nada tem a ver com a identificação do comunicante, porque pode ocorrer mistificação tanto num caso quanto noutro.

3. A questão das evocações espíritas precisa, no entanto, ser analisada com critério e bom senso, porque há vantagens e desvantagens nas comunicações provenientes de evocações e nas ocorridas espontaneamente. Evidentemente, as comunicações espontâneas nenhum inconveniente apresentam quando se está senhor dos Espíritos e há certeza de que os maus não tomarão a dianteira. Nas reuniões dedicadas ao atendimento a Espíritos sofredores, a espontaneidade é uma prática regular.

4. Quando se deseja comunicar com determinado Espírito, é de toda necessidade evocá-lo; pelo menos essa era a ideia do Codificador, que esclarece não haver, para esse fim, nenhuma fórmula sacramental. Quem pretender indicar alguma fórmula pode ser tachado, sem receio, de impostor, visto que para os Espíritos a forma nada vale. Uma condição, porém, indispensável é que a evocação seja feita em nome de Deus, ou seja, seriamente, não levemente.

Como regra geral, todos os Espíritos podem ser evocados

5. É essencial, quando se queira chamar determinados Espíritos, que o médium comece por dirigir-se somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo real para atender ao apelo, como os parentes e amigos.

6. Frequentemente, observa Kardec, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se objetiva obter dos Espíritos respostas precisas a questões circunstanciadas.

7. Os médiuns – lembra ainda Kardec – são geralmente mais procurados para evocações de caráter particular do que para comunicações de interesse geral. Eles não deveriam, porém, aceder a tais pedidos, senão com muita reserva, quando feitos por pessoas de cuja sinceridade não estiverem seguros. Além disso, é preciso evitar sua participação nas evocações movidas por simples curiosidade ou interesse, sem intenção séria por parte do evocador, afastando-se de tudo o que possa transformá-los em agentes de consultas, em leitores da *buena dicha*.

8. Como regra geral, todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espírita, podem ser evocados, tanto os bons quanto os maus, tanto os que desencarnaram faz pouco tempo quanto os que viveram em épocas mais remotas, tanto os vultos ilustres quanto os indivíduos obscuros. Isso não significa, porém, que eles possam ou queiram responder ao nosso chamado. Independentemente de sua vontade, a permissão para se comunicarem

pode ser-lhes recusada por uma potência superior, havendo mesmo situações em que se achem impedidos de fazê-lo, por motivos que nem sempre nos é dado conhecer.

Emmanuel não aconselha a evocação direta em caso algum

9. As principais causas que impedem ou dificultam aos Espíritos atender às evocações que lhes são dirigidas são estas: (a) quando o Espírito evocado está envolvido em missões ou ocupações de que não pode afastar-se; (b) quando o Espírito estiver encarnado, especialmente quando isso se dá em planetas inferiores à Terra; (c) quando o Espírito se encontra em locais de punição e não tem permissão para daí se ausentar; (d) quando o médium, por sua natureza ou aptidão, não consegue entrar em sintonia mediúnica com o Espírito evocado.

10. Evocar ou não um Espírito é questão que precisa, portanto, ser bem avaliada, tendo sempre em mente a finalidade a que ela se presta. Toda evocação, bem como toda manifestação espontânea, deve visar a um fim útil. Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão e evitar, nas perguntas que lhe sejam feitas, as fórmulas secas e imperativas, fato que poderá afastá-lo. As fórmulas de tratamento devem ser afetuosas ou respeitadas, conforme o Espírito evocado. Importante também, em todos os casos, que o evocador lhe dê prova da sua benevolência.

11. No trato com os Espíritos, especialmente com relação aos evocados, as perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem ideia preconcebida, se o evocador pretende obter respostas categóricas. É importante ainda que o evocador especifique franca e abertamente o ponto visado, sem subterfúgios.

12. Quase 80 anos depois da publicação de *O Livro dos Médiuns*, Emmanuel examinou o tema das evocações na questão 369 do seu livro *O Consolador*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, na qual asseverou: "Não somos

dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum”, expressando o ponto de vista de que, no trato da mediunidade, devemos ser espontâneos. Na mesma questão ele explica por que Allan Kardec a utilizou largamente, embora se saiba que o Codificador também admitiu as comunicações dadas espontaneamente nas reuniões por ele presididas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. No livro *Conduta Espírita*, cap. 25, obra psicografada pelo médium Waldo Vieira, André Luiz reafirmou a proposta feita por Emmanuel, recomendando-nos seja abolida, em nosso meio, a prática da evocação nominal das entidades.

Questões para fixação da leitura

1. Para evocar os Espíritos existe uma fórmula sacramental?

Não. Uma condição, porém, indispensável é que a evocação seja feita em nome de Deus, isto é, seriamente, não levianamente.

2. Que Espíritos, segundo Kardec, podemos evocar?

Como regra geral, todos os Espíritos, qualquer que seja o grau em que se encontrem na escala espírita, podem ser evocados, tanto os bons quanto os maus, tanto os que desencarnaram faz pouco tempo quanto os que viveram em épocas mais remotas, tanto os vultos ilustres quanto os indivíduos obscuros.

3. Quais as principais causas que impedem ou dificultam ao Espírito atender à evocação?

As principais causas são estas: (a) quando o Espírito evocado está envolvido em missões ou ocupações de que não pode afastar-se; (b) quando o Espírito estiver encarnado, especialmente quando isso se dá em planetas inferiores à Terra; (c) quando o Espírito se encontra em locais de punição e não tem permissão para daí se ausentar; (d)

quando o médium, por sua natureza ou aptidão, não consegue entrar em sintonia mediúnica com o Espírito evocado.

4. No tocante à finalidade, que norma devemos observar nas evocações diretas?

Toda evocação, bem como toda manifestação espontânea, deve visar a um fim útil. Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão e evitar, nas perguntas que lhe sejam feitas, as fórmulas secas e imperativas, fato que poderá afastá-lo. As fórmulas de tratamento devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o Espírito evocado.

5. Que recomenda Emmanuel a respeito das evocações espíritas?

Emmanuel, na questão 369 do seu livro *O Consolador*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, disse o seguinte: "Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum", expressando o ponto de vista de que, no trato da mediunidade, devemos ser espontâneos, proposta reafirmada por André Luiz no cap. 25 de seu livro *Conduta Espírita*, psicografado pelo médium Waldo Vieira.

Questões que podem ser propostas aos Espíritos

Sumário: Cuidados necessários à formulação das perguntas dirigidas aos Espíritos. Questões cuja resposta é interdita aos Espíritos. Benefícios que podem resultar da consulta feita aos Espíritos. Perguntas relacionadas com o nosso passado.

As questões propostas aos Espíritos devem ser claras e precisas

1. Para manter um diálogo proveitoso com os Espíritos é importante saber fazer as perguntas, assunto com que nos devemos preocupar relativamente a dois aspectos: a forma e o fundo. Pelo que diz respeito à forma, é importante formulá-las com clareza e precisão, evitando as questões complexas ou dúbias. Nesse sentido, a ordem que deve presidir à disposição das perguntas é muito importante. Quando um assunto reclama uma série delas, é essencial que se encaixem com método, de modo a decorrerem naturalmente umas das outras.

2. Os Espíritos responderão, nesse caso, com muito maior facilidade e clareza às indagações feitas do que quando elas se sucedem ao acaso, passando sem transição de um assunto para outro. É preciso, portanto, organizá-las com antecedência e ficar preparado para acrescentar, retirar ou modificar questões durante a conversa com o Espírito comunicante. Esse trabalho preparatório constitui uma espécie de evocação antecipada, a que o Espírito pode ter assistido e que o dispõe a responder.

3. O fundo da questão exige atenção ainda mais séria, porque é muitas vezes a natureza da indagação que provoca uma resposta inexata ou falsa. Evidentemente, há questões a que os Espíritos não podem ou não devem responder, por

razões que só eles conhecem. Será, pois, inútil insistir. Mas o que se deve, sobretudo, evitar são as perguntas formuladas com o intuito de lhes pôr à prova a perspicácia.

4. Não se pense com isso que não possamos obter dos Espíritos úteis esclarecimentos e sobretudo bons conselhos. Eles, porém, responderão mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que têm por nós, a afeição que nos dedicam, a finalidade a que nos propomos e, por fim, a utilidade que vejam no que lhes pedimos.

Não existe inconveniente em formular perguntas aos Espíritos

5. Se é certo que não devemos interrogar os Espíritos a todo o momento sobre problemas comuns à existência e que cabe apenas a nós resolver, é correto igualmente afirmar que determinados assuntos só são abordados pelos Espíritos se solicitarmos sua opinião. Certamente dão-nos eles instruções espontâneas de alto alcance e que seria um erro desprezar, mas há explicações que teríamos de esperar longo tempo se não fossem solicitadas.

6. Propor perguntas aos Espíritos, longe de ter qualquer inconveniente, é, portanto, de grande utilidade do ponto de vista da instrução, quando quem as propõe sabe encerrá-las nos devidos limites. Se Allan Kardec não tivesse proposto questões aos Espíritos, é provável que "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns" não existissem.

7. Há além disso um outro benefício quando formulamos questões aos Espíritos comunicantes, que é o de concorrer para o desmascaramento dos mistificadores, que, mais pretensiosos do que sábios, raramente suportam a prova das perguntas feitas com cerrada lógica.

8. Os Espíritos levianos respondem a toda e qualquer pergunta sem nenhum escrúpulo. Já os Espíritos sérios respondem com prazer às que tenham por objetivo o bem e os meios de levar o homem ao progresso. As perguntas inúteis, feitas apenas para satisfazer a simples curiosidade ou para

experimentar os Espíritos, têm o poder de afastar os bons Espíritos.

As predições circunstanciadas devem ser postas sob suspeição

9. Existem certas questões que só excepcionalmente os Espíritos superiores se dignam em responder. Eis as principais:

a) Perguntas sobre o futuro – Geralmente a anunciação de fatos que ocorrerão no futuro fica por conta de Espíritos imperfeitos que, na maioria das vezes, se divertem em fazer previsões. Pode ocorrer, contudo, que um Espírito superior revele acontecimentos futuros, mas, nesse caso, as previsões visam a uma utilidade geral. Toda predição circunstanciada deve ser posta sob suspeição.

b) Perguntas sobre previsão da morte – Os Espíritos que preveem a morte de alguém são, geralmente, Espíritos de mau gosto, que outro fim não têm senão gozar com o medo que causam. O Espírito pode, no entanto, desprender-se do corpo físico e prever a sua desencarnação. A intuição que muitas pessoas têm desse fato decorre disso.

c) Perguntas sobre existências passadas e futuras – Com relação às existências passadas, Deus permite algumas vezes que elas sejam reveladas, conforme o objetivo que tenha em vista. Se for para a edificação e instrução da criatura humana, tais revelações serão quase sempre espontâneas e dadas de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, não as permitirá nunca para satisfação de vã curiosidade. Com relação ao futuro, nada nos é dado a conhecer, porque o futuro depende dos nossos atos presentes enquanto encarnados, e das resoluções que tomarmos quando desencarnados.

d) Perguntas sobre interesses morais e materiais – Os bons Espíritos sempre nos aconselham para o bem. Os Espíritos familiares, em geral, podem até nos aconselhar em assuntos privados ou favorecer nossos interesses materiais, de acordo com o objetivo ou as circunstâncias. Os protetores

espirituais podem, em muitos casos, indicar-nos o melhor caminho, sem no entanto conduzir-nos pelas mãos.

10. Existe um número grande de perguntas que são simpáticas tanto aos Espíritos adiantados quanto aos atrasados, assim como existem aquelas que desagradam a uns e outros. Uma coisa, no entanto, é certíssima: Os Espíritos superiores sempre respondem às questões que dizem respeito ao melhoramento, ao bem-estar espiritual, à paz e ao progresso das criaturas. Estão eles sempre dispostos a nos auxiliar e a nos amparar. Só aconselham para o bem e estão sempre preocupados e ocupados em trabalhos que proporcionem o progresso da Humanidade.

Questões para fixação da leitura

1. Que cuidados devemos ter na formulação das perguntas dirigidas aos Espíritos?

Ao fazermos perguntas aos Espíritos, é importante formulá-las com clareza e precisão, evitando as questões complexas ou dúbias. Nesse sentido, a ordem que deve presidir à disposição das perguntas é muito importante. Quando um assunto reclama uma série delas, é essencial que se encaixem com método, de modo a decorrerem naturalmente umas das outras. Isso quanto à forma. No tocante ao fundo, é preciso que o diálogo se faça em torno de questões sérias e relevantes.

2. Existem questões cuja resposta seja interdita aos Espíritos?

Sim, visto que sobre determinados assuntos nada podem eles falar.

3. Que benefícios podem resultar do fato de dirigirmos perguntas aos Espíritos?

A formulação de perguntas aos Espíritos, quando feita nos devidos limites, é muito útil do ponto de vista da instru-

ção. Se Allan Kardec não tivesse proposto questões aos Espíritos, é provável que “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns” não existissem. Um outro benefício dessa prática é concorrer para o desmascaramento dos mistificadores, que raramente suportam a prova das perguntas feitas com cerrada lógica.

4. Os Espíritos superiores podem responder a questões relacionadas com o nosso passado?

Sim. Deus permite às vezes que essas perguntas sejam respondidas, quando for para a edificação e instrução da criatura humana. Ele, porém, não as permitirá nunca para satisfação de vã curiosidade.

5. Têm os Espíritos permissão para responderem a questões sobre interesses morais e materiais?

Sim. Os Espíritos familiares podem nos aconselhar em assuntos privados ou favorecer nossos interesses materiais, de acordo com o objetivo ou as circunstâncias. Quanto aos protetores espirituais, chegam, em muitos casos, a indicarnos o melhor caminho, sem no entanto conduzir-nos pelas mãos.

O médium: conceito e classificação

Sumário: O que é realmente importante na prática mediúnica. A mediunidade como instrumento de aperfeiçoamento espiritual. Importância da sintonia mental na atividade mediúnica. Os escolhos maiores da mediunidade.

A faculdade mediúnica não constitui um privilégio exclusivo

1. Já vimos oportunamente o conceito de mediunidade e a classificação dos principais tipos e variedades de médiuns.

2. Ao rever o assunto, relembremos a definição de médium que Kardec inseriu no item 159 d' *O Livro dos Médiuns*: "Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações".

3. A definição dada pelo Codificador do Espiritismo é, sem dúvida, a mais completa e abrangente; mas é preciso que entendamos que a faculdade mediúnica não libera o homem, por si só, das influências dos Espíritos malévolos. A faculdade em si é, na realidade, neutra. O uso que o homem

faz dela é o que importa. Ao empregá-la, podemos nos harmonizar com os bons Espíritos ou relacionar-nos com os maus. A sintonia é, portanto, fundamental na prática mediúnica.

A mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos

4. Dando-nos a oportunidade de rejeitar as más influências espirituais e acatar as que provenham dos bons Espíritos, a mediunidade torna-se assim um instrumento de aperfeiçoamento espiritual. Como sabemos, os Espíritos benfeitos procuram inspirar-nos para o bem, enquanto Espíritos inferiores buscam induzir-nos ao mal.

5. Em nossa caminhada evolutiva, somos todos instrumentos das forças com as quais sintonizamos. Todos somos médiuns dentro do campo mental que nos é próprio. Se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, associamo-nos às energias edificantes. Se nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada, entramos em sintonia com forças perturbadoras e deprimentes.

6. Cada criatura emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica. A mente, ensinam os instrutores espirituais, permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos. Cada alma se envolve no círculo de forças vivas que transpiram do seu "hálito mental". Agimos e reagimos uns sobre os outros, por meio da energia mental em que nos renovamos constantemente.

O mais cruel inimigo dos médiuns é o orgulho

7. Assevera Emmanuel que os médiuns, em sua generalidade, "são Espíritos que resgatam débitos do passado", o que explica por que é difícil à criatura humana cumprir integralmente, sem enfrentar obstáculos, os deveres que a faculdade mediúnica lhe assinala na existência.

8. No cap. XXXI d' *O Livro dos Médiuns*, Kardec inseriu diversas dissertações em que vultos importantes na obra da

Codificação do Espiritismo tratam do tema que ora focalizaremos.

9. Vejamos trechos de algumas dessas mensagens:

“Todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo.” (Channing.)

“As faculdades de que gozam os médiuns lhes granjeiam os elogios dos homens. As felicitações, as adulações, eis, para eles, o escolho. (...) Nunca me cansarei de recomendar-vos que vos confieis ao vosso anjo guardião, para que vos ajude a estar sempre em guarda contra o vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho.” (Joana D´Arc.)

“Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa vos prepareis para esse favor pelo reconhecimento, por intenções puras e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral.” (Pascal.)

“Falar-vos-ei hoje do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, tanto quanto a modéstia e o devotamento. (...) Não é racional se suponha que Espíritos bons possam auxiliar quem vise satisfazer ao orgulho ou à ambição.” (Delfine de Girardin.)

“Todos os médiuns são, incontestavelmente, chamados a servir à causa do Espiritismo, na medida de suas faculdades, mas bem poucos há que não se deixam prender nas armadilhas do amor-próprio. (...) Lembrem-se sempre destas palavras: Aquele que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exalçado.” (O Espírito de Verdade.)

Questões para fixação da leitura

1. Que significa, segundo Allan Kardec, o termo médium?

Médium é todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos.

2. Na prática mediúnica, o que é realmente importante para o médium?

A faculdade mediúnica é, em si mesma, neutra. O uso que o homem faz dela é o que importa, porque ao empregá-la podemos nos harmonizar com os bons Espíritos ou relacionar-nos com os maus.

3. A mediunidade pode ser considerada um instrumento de aperfeiçoamento espiritual?

Sim. Dando-nos a oportunidade de rejeitar as más influências espirituais e acatar as que provenham dos bons Espíritos, a mediunidade torna-se, com efeito, um instrumento de aperfeiçoamento espiritual.

4. A sintonia mental tem alguma importância no exercício da mediunidade?

Sim. A sintonia é fundamental na prática mediúnica. Em nossa caminhada evolutiva, somos todos instrumentos das forças com as quais sintonizamos. Se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, associamo-nos às energias edificantes. Se nos escravizamos às sombras da vida primitiva ou torturada, entramos em sintonia com forças perturbadoras e deprimentes.

5. Onde, segundo o Espiritismo, se situam os maiores escolhos da mediunidade?

Os elogios, as felicitações, as adulações eis os maiores escolhos que se apresentam aos médiuns, que devem estar sempre em guarda contra o seu mais cruel inimigo, que é o orgulho.

Médiuns de efeitos físicos

Sumário: Características da mediunidade de efeitos físicos. Natureza das comunicações mediúnicas. O que é indispensável para a ocorrência dos fenômenos de efeitos físicos. Variedades de médiuns de efeitos físicos citados na obra kardequiana.

A mediunidade apresenta uma variedade infinita de matizes

1. Conforme já estudamos anteriormente, a mediunidade pode ser classificada em dois grandes grupos: mediunidade de efeitos físicos e mediunidade de efeitos intelectuais.

2. Os médiuns de efeitos físicos, tão comuns na época da codificação dos ensinamentos espíritas, são provavelmente menos numerosos nos dias atuais, em que mais comuns são os médiuns de efeitos intelectuais. Mas têm surgido, de tempos em tempos, variedades especiais, como os médiuns músicos, pintores, poetas, cirurgiões etc. Na época de Kardec predominavam, no tocante às variedades de efeitos intelectuais, a psicografia e a psicofonia.

3. A mediunidade apresenta, como vemos, uma variedade infinita de matizes, de que decorrem os chamados médiuns especiais, dotados de aptidões particulares que variam de indivíduo a indivíduo, independentemente das qualidades e conhecimentos dos Espíritos que se manifestam.

4. A natureza das comunicações guarda, no entanto, relação com a natureza do Espírito e traz o cunho de sua elevação ou inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância.

5. Há Espíritos que têm predileção para as manifestações físicas e, dentre os que dão comunicações de caráter inteligente, existem os poetas, os músicos, os desenhistas, os sábios etc. Obviamente, de par com a aptidão do Espírito,

existe a aptidão do médium, que será para ele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível.

6. Para que ocorram fenômenos de efeitos físicos é preciso que o médium esteja habilitado ao fornecimento do ectoplasma ou plasma exteriorizado de que se valem os Espíritos para a produção dos fenômenos que lhes atestam a sobrevivência.

Os médiuns de levitação conseguem elevar-se a si mesmos

7. Fenômenos físicos como pancadas, ruídos, deslocamento de móveis e objetos, de tão corriqueiros, não chegam a impressionar a criatura humana, que, com toda a certeza, se encantaria com determinados efeitos físicos belíssimos e surpreendentes, como as materializações e os transportes, infelizmente tão raros na época em que vivemos.

8. As variedades especiais de médiuns para efeitos físicos que Allan Kardec inseriu no cap. XVI d' *O Livro dos Médiuns* são estas:

Médiuns tiptólogos – aqueles sob cuja influência se produzem ruídos e golpes vibrados em móveis e paredes. Essa variedade é muito comum e o fenômeno se dá mesmo quando o médium não tenha vontade de produzi-lo. Foi com o concurso de médiuns tiptólogos – as célebres Kate e Margaret Fox – que nasceu o Espiritismo, cuja data se comemora no dia 31 de março, dia em que, no longínquo ano de 1848, ficaram assinalados na história os fenômenos de Hydesville.

Médiuns motores – os que produzem o movimento dos corpos inertes, o que também é muito comum.

Médiuns de translação e de suspensão – os que produzem a translação aérea e a suspensão de corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Alguns dentre eles podem elevar-se a si mesmos e são assim chamados de médiuns de levitação, mas eles são, no entanto, muito raros.

Médiuns de efeitos musicais – os que provocam a execução de composições musicais em certos instrumentos, sem contato com estes.

Médiuns de aparições – os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. São muito raros.

Médiuns de transporte – os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais.

Médiuns noturnos – os que só obtêm certos efeitos físicos na obscuridade. Esse fenômeno é devido mais às condições do ambiente do que propriamente à natureza do médium ou dos Espíritos.

Médiuns pneumatógrafos – os que obtêm a escrita direta, um fenômeno muito raro e, sobretudo, fácil de ser imitado pelos trapaceiros. Neste tipo de fenômeno, dizem os Espíritos, a ação do médium é inteiramente material, ao passo que na psicografia, mesmo quando o médium é puramente mecânico, o cérebro representa um papel ativo.

Médiuns curadores – os que têm o poder de curar ou aliviar os doentes, pela imposição das mãos ou simplesmente pela prece. Esta faculdade, ensinam os Espíritos, não é essencialmente mediúnica; pertence a todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não. Na maioria das vezes, é apenas uma exaltação do poder magnético fortalecido, se preciso, pelo concurso dos bons Espíritos.

Médiuns excitadores – os que têm o poder de, por sua influência, desenvolver nos outros a faculdade de escrever. Este caso é, na verdade, mais um efeito magnético do que mediunidade propriamente dita.

Questões para fixação da leitura

1. Em quantos grupos podemos classificar a mediunidade?

Em dois grandes grupos: mediunidade de efeitos físicos e mediunidade de efeitos intelectuais.

2. A natureza das comunicações guarda relação com a aptidão do médium ou com a natureza do Espírito?

A natureza das comunicações guarda relação com a natureza do Espírito e traz o cunho de sua elevação ou inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância, mas, de par com a aptidão do Espírito, existe a aptidão do médium, que será para ele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível.

3. O que é indispensável para que ocorram os fenômenos de efeitos físicos?

Para que ocorram tais fenômenos é preciso que o médium esteja habilitado ao fornecimento do ectoplasma ou plasma exteriorizado de que se valem os Espíritos para a produção desses efeitos.

4. Mencione cinco variedades de médiuns de efeitos físicos citadas por Kardec.

Médiuns de transporte, tiptólogos, excitadores, curadores e pneumatógrafos.

5. A escrita direta – que é produzida graças aos médiuns pneumatógrafos – é classificada como fenômeno de efeito físico ou fenômeno de efeito intelectual?

Kardec considera-a fenômeno de efeito físico, visto que nele a ação do médium é inteiramente material, diferentemente do que ocorre na psicografia, em que o cérebro representa um papel ativo.

Médiuns de efeitos intelectuais

Sumário: Características da mediunidade de efeitos intelectuais. Variedades de médiuns de efeitos físicos citados na obra kardequiana. O que caracteriza a vidência mediúnica. Distinção entre médiuns de pressentimentos e médiuns proféticos. A mediunidade de psicografia.

O médium de efeitos intelectuais é o que recebe comunicações regulares e seguidas

1. Como vimos, os médiuns podem ser divididos em duas grandes categorias: médiuns de efeitos físicos e médiuns de efeitos intelectuais. Os médiuns de efeitos intelectuais são os médiuns especialmente adequados a receber e transmitir as comunicações inteligentes.

2. Todas as outras variedades de médiuns se ligam mais ou menos diretamente a uma ou outra dessas categorias principais; algumas vezes, às duas.

3. Analisando-se os diversos fenômenos mediúnicos, ver-se-á que em todos eles há um efeito físico a que se alia, às vezes, um efeito inteligente. É difícil por vezes estabelecer o limite entre os dois, mas isso não tem muita importância. Compreendemos sob a denominação de médiuns de efeitos intelectuais aqueles que podem mais especialmente servir de intermediários para as comunicações regulares e seguidas. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVI, item 187.)

Alerta de Kardec acerca dos médiuns videntes

4. São considerados pelo Codificador do Espiritismo médiuns especiais para efeitos intelectuais, conforme relacionados no cap. XVI d' *O Livro dos Médiuns*, os seguintes médiuns:

Médiuns auditivos – os que escutam os Espíritos, o que não é raro encontrar. Há muitas pessoas, porém, que imaginam ouvir o que não passa de imaginação.

Médiuns falantes – os que falam sob a influência dos Espíritos. São também chamados médiuns psicofônicos e são muito comuns.

Médiuns videntes – os que veem os Espíritos em estado de vigília. A visão acidental e fortuita de um Espírito em circunstâncias particulares é muito frequente, mas a visão habitual ou facultativa dos Espíritos indistintamente é excepcional. Kardec ensina que é recomendável não acreditar sempre na palavra dos que dizem ver os Espíritos.

Médiuns inspirados – os que, quase sempre mau grado seu, recebem ideias dos Espíritos, quer para os atos comuns da vida, quer para os grandes trabalhos da inteligência.

Médiuns de pressentimentos – os que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição das coisas futuras vulgares.

Médiuns proféticos – os que, com a permissão de Deus, e com maior precisão do que os médiuns de pressentimentos, recebem a revelação das coisas futuras de interesse geral.

Médiuns sonâmbulos – os que, no estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos.

Médiuns extáticos – os que, em estado de êxtase, recebem revelações dos Espíritos. Os médiuns dessa natureza que merecem inteira confiança, ensina o Espiritismo, são muito raros.

Médiuns pintores e desenhistas – os que pintam ou desenharam sob a influência dos Espíritos.

Médiuns musicistas – os que executam, compõem ou escrevem música sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como no caso das comunicações literárias.

Médiuns escreventes ou psicógrafos – os que têm a faculdade de escrever sob a influência dos Espíritos e se dividem em médiuns escreventes mecânicos, semimecânicos, intuitivos, polígrafos, poliglotas e iletrados.

Os escreventes semimecânicos são, dentre os psicógrafos, os mais comuns

5. Os médiuns escreventes mecânicos são os médiuns cuja mão recebe um impulso involuntário e nenhuma consciência têm do que escrevem.

6. Os médiuns escreventes intuitivos são aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é guiada pela vontade do médium.

7. Os médiuns escreventes semimecânicos são os médiuns cuja mão se move involuntariamente, mas que têm o conhecimento instantâneo das palavras e frases à medida que escrevem. De todos os médiuns escreventes, diz Kardec, estes são os mais comuns.

8. Ensina o Espiritismo que, para que uma comunicação seja boa, é preciso que provenha de um bom Espírito; para que esse bom Espírito a possa transmitir, indispensável lhe é um bom instrumento; e para que queira transmiti-la, preciso se faz que o fim visado lhe convenha.

Questões para fixação da leitura

1. Como devemos conceituar os médiuns de efeitos intelectuais?

Médiuns de efeitos intelectuais são os médiuns adequados a receber e transmitir as comunicações inteligentes.

2. Mencione cinco variedades de médiuns de efeitos intelectuais relacionadas por Kardec.

Médiuns falantes, escreventes, pintores, auditivos e de pressentimentos.

3. Que são médiuns videntes?

Videntes são os que veem os Espíritos em estado de vigília. A visão acidental e fortuita de um Espírito em circunstâncias particulares é muito frequente, mas a visão habitual ou facultativa dos Espíritos indistintamente é excepcional.

4. Existe diferença entre médiuns de pressentimentos e médiuns proféticos?

Sim. Os médiuns de pressentimentos têm uma vaga intuição das coisas futuras vulgares. Os médiuns proféticos, com maior precisão do que os médiuns de pressentimentos, recebem a revelação das coisas futuras de interesse geral.

5. Que são médiuns escreventes ou psicógrafos e como Kardec os classifica?

Médiuns escreventes ou psicógrafos são os que têm a faculdade de escrever sob a influência dos Espíritos e se dividem em médiuns escreventes mecânicos, semimecânicos, intuitivos, polígrafos, políglotas e iletrados.

Espécies comuns a todos os gêneros de mediunidade

Sumário: Características dos médiuns naturais ou involuntários. Os médiuns facultativos ou voluntários. Variedades comuns aos diversos gêneros de mediunidade. A mediunidade nas crianças. Idade ideal para iniciação na prática mediúnica.

O médium natural pode passar à condição de médium facultativo

1. Os médiuns de efeitos físicos podem ser divididos em médiuns facultativos ou voluntários e médiuns naturais ou involuntários.

2. Médiuns facultativos ou voluntários são aqueles que têm consciência de sua força e produzem fenômenos espíritos por ação da própria vontade. É claro que, para isso, lhes é preciso o concurso de um Espírito. Essa faculdade, embora inerente à espécie humana, está longe de existir em todas as pessoas no mesmo grau. Mas, se há poucas pessoas nas quais seja absolutamente nula, mais raros ainda são aqueles capazes de produzir grandes efeitos, como o levantamento de corpos pesados, a sua translação e, sobretudo, as aparições.

3. Médiuns naturais ou involuntários são aqueles cuja influência se exerce mau grado seu. Eles não têm nenhuma consciência de sua força e, muitas vezes, o que se passa de anormal em seu redor de modo nenhum se lhes afigura extraordinário. O fato pode ocorrer em qualquer idade e verifica-se até mesmo em crianças muito tenras.

4. Os seres invisíveis que revelam sua presença por meio de efeitos sensíveis são, em geral, Espíritos de uma ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral

do médium. É preciso, pois, que o médium adquira esse ascendente. Para isso, é preciso fazê-lo passar do estado de médium natural ou involuntário ao de médium facultativo.

5. Produzir-se-á então um efeito análogo ao que se verifica no sonambulismo. Como a experiência demonstrou, o sonambulismo natural geralmente cessa quando substituído pelo sonambulismo magnético. Não se para a faculdade de emancipação da alma; dá-se-lhe outro curso. Acontece o mesmo com a faculdade mediúnica. Por isso, em vez de entrar os fenômenos, o que raramente se consegue, é preciso excitar o médium a produzi-los por sua vontade, impondo-se ao Espírito.

Distinguem-se os Espíritos pela natureza da impressão que provocam

6. Conforme afirma Kardec no item 188 de "O Livro dos Médiuns", são variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade:

- I. Médiuns sensitivos;
- II. Médiuns naturais ou involuntários;
- III. Médiuns facultativos ou voluntários.

7. Médiuns sensitivos são as pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão geral ou local, vaga ou material. Em geral, distinguem-se os Espíritos bons e os maus pela natureza da impressão que provocam.

8. Ensina o Espiritismo que os médiuns delicados e muito sensíveis devem abster-se de comunicações com Espíritos violentos ou cuja impressão é penosa, por causa da fadiga daí resultante.

9. Médiuns naturais ou involuntários, como vimos no item 3 acima, são os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem qualquer participação de sua vontade e, na maioria das vezes, mau grado seu.

10. Médiuns facultativos ou voluntários são os que têm o poder de provocar os fenômenos por um ato da própria

vontade, desde que haja, obviamente, o concurso de um Espírito. Se este se recusar, eles nada poderão, o que demonstra que se verifica no fato mediúnico a influência de uma força estranha.

É perigoso desenvolver a mediunidade nas crianças

11. Kardec formulou aos Espíritos superiores três questões relativamente à mediunidade em crianças. Eis, em resumo, o que eles ensinaram ("O Livro dos Médiuns", item 221, parágrafos 6, 7 e 8):

I - É muito perigoso desenvolver a mediunidade nas crianças, porque sua organização franzina e delicada ficaria abalada e sua imaginação superexcitada com a prática mediúnica. Desse modo, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias ou, pelo menos, só tratar do assunto do ponto de vista de suas consequências morais.

II - Quando a faculdade mediúnica é espontânea na criança, é sinal de que se acha em sua natureza e que sua constituição a isso se presta. Já o mesmo não se dá quando é provocada e superexcitada.

III - Não existe uma idade precisa para que uma pessoa passe a ocupar-se da mediunidade. Isso depende fundamentalmente do desenvolvimento físico e, mais ainda, do desenvolvimento moral. Há crianças de 12 anos que são menos afetadas que certos adultos.

Questões para fixação da leitura

1. Que características apresentam os médiuns naturais ou involuntários?

Médiuns naturais ou involuntários são os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem qualquer participação de sua vontade e, na maioria das vezes, mau grado seu. Eles não têm nenhuma consciência de sua força e, muitas

vezes, o que se passa de anormal em seu redor de modo nenhum se lhes afigura extraordinário.

2. É possível a um médium natural passar à condição de médium facultativo?

Sim, é possível.

3. Quais são, segundo Kardec, as variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade?

Conforme lemos no item 188 de "O Livro dos Médiuns", são variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade: médiuns sensitivos; médiuns naturais ou involuntários e médiuns facultativos ou voluntários.

4. É recomendável desenvolver a mediunidade nas crianças?

Não, porque sua organização franzia e delicada ficaria abalada e sua imaginação superexcitada com a prática mediúnica.

5. Em que idade devem as pessoas iniciar-se no campo da mediunidade?

Não existe uma idade precisa para que uma pessoa passe a ocupar-se da mediunidade. Isso depende fundamentalmente do desenvolvimento físico e, mais ainda, do desenvolvimento moral.

Qualidades essenciais aos médiuns

Sumário: A primeira necessidade do médium segundo Emmanuel. Qualidades que atraem para perto de nós os bons Espíritos. Defeitos que os afastam de nós. Conceito de médium moralizado. O primeiro inimigo do médium.

O amor ao próximo e a simplicidade do coração atraem os bons Espíritos

1. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos e suprem nestes a falta de órgãos materiais pelos quais possam transmitir suas instruções. Eis por que são dotados de faculdades para esse efeito.

2. Esclarecendo sobre as qualidades indispensáveis a um bom médium, Emmanuel afirma que a primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo, antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

3. Ensina o Espiritismo que as qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são:

a bondade

a benevolência

a simplicidade do coração

o amor ao próximo

o desprendimento das coisas materiais.

4. Os defeitos que os afastam dos indivíduos são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

O médium moralizado conta com o amparo de Espíritos elevados

5. O médium eficiente será, pois, do ponto de vista espiritual, aquele trabalhador que melhor se harmonizar com a vontade do Pai Celestial, cultivando as qualidades citadas e destacando-se pelo cultivo sincero da humildade e da fé, do devotamento e da confiança, da boa vontade e da compreensão.

6. O médium, do ponto de vista da execução da faculdade mediúnica, não passa de um instrumento; contudo, exerce influência muito grande sobre o fenômeno mediúnico, sob o aspecto moral. É que, para se comunicar, o Espírito precisa identificar-se com a alma do médium, o que requer haja entre ambos simpatia e afinidade.

7. Como sabemos, a alma exerce sobre os Espíritos uma espécie de atração, ou repulsão, conforme o grau de semelhança existente entre eles. Como os bons têm afinidade com os bons, e os maus com os maus, segue-se que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam.

8. Se – do ponto de vista do mecanismo da comunicação – a mediunidade, em si mesma, não depende do fator moral, do ponto de vista da assistência espiritual o fator moral torna-se relevante. Médiuns moralizados contam com o amparo de Espíritos elevados. E por “médium moralizado” que-remos referir-nos ao médium que pauta sua vida como um autêntico “homem de bem”, procurando ser uma pessoa humilde, sincera, paciente, perseverante, bondosa, estudiosa, trabalhadora e desinteressada. Paciência, perseverança, boa vontade, humildade, sinceridade, estudo e trabalho são, portanto, fatores de extrema valia na educação mediúnica.

O orgulho tem feito perder-se inúmeros médiuns

9. Se o médium consegue transpor, valoroso, a faixa de hesitações pueris e entende que o que importa, acima de tudo, é o bem a fazer, passa ele a ser objeto da confiança

dos Benfeitores desencarnados, que lhe aproveitam a capacidade no amparo aos semelhantes, dentro do qual assimila amparo para si mesmo.

10. Quanto mais se lhe acentuam o aperfeiçoamento e a abnegação, a cultura e o desinteresse, mais se lhe sutilizam os pensamentos e mais se lhe aguçam as percepções mediúnicas, que se elevam a uma maior demonstração de serviço, de acordo com suas disposições individuais.

11. As imperfeições morais constituem, ao contrário, portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. E a imperfeição que estes exploram com mais habilidade é o orgulho, que tem feito perder-se muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que – não fora essa imperfeição moral – teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, enquanto que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se e lhes impuseram amaríssimas decepções.

12. Concluindo, podemos afirmar que o primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo. Com frequência, é o personalismo, a ambição, a ignorância ou a rebeldia no desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho, que, não raro, o conduzem à invigilância, à leviandade e à confusão dos campos improdutivos.

Questões para fixação da leitura

1. Qual é, segundo Emmanuel, a primeira necessidade do médium?

Emmanuel afirma que a primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo, antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

2. Quais são as qualidades que atraem para perto de nós os bons Espíritos?

Segundo o Espiritismo, as qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo e o desprendimento das coisas materiais.

3. E que defeitos os afastam de nós, encarnados?

Os defeitos que os afastam dos indivíduos são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

4. Qual é o significado da expressão médium moralizado?

Médium moralizado é o médium que pauta sua vida como um autêntico "homem de bem", procurando ser uma pessoa humilde, sincera, paciente, perseverante, bondosa, estudiosa, trabalhadora e desinteressada.

5. Qual é o primeiro inimigo do médium?

O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo. Com frequência, é o personalismo, a ambição, a ignorância ou a rebeldia no desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho, que, não raro, o conduzem à in vigilância, à leviandade e à confusão dos campos improdutivos.

Como avaliar e identificar os espíritos comunicantes

Sumário: Identidade dos espíritos. Quando a identidade do espírito é mais fácil. Critério utilizado para avaliar a qualidade dos espíritos. Análise das comunicações espíritas. Distinção das qualidades dos espíritos pelas impressões que nos causam.

A identidade mais difícil de conseguir é a dos espíritos de personalidades antigas

1. A questão da identidade dos espíritos é uma das mais controvertidas, porque os espíritos não nos podem apresentar documento de identidade e alguns deles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Por essa razão, esta é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático, embora constitua, em muitos casos, uma questão secundária e sem real importância.

2. Coisa bem diferente é aquilatar o valor dos espíritos que se comunicam conosco e, para isso, não há outro critério, senão o bom senso. Os espíritos superiores usam constantemente uma linguagem nobre, digna, repassada da mais alta moralidade, enquanto que a linguagem dos espíritos inferiores é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira. O Espiritismo ensina que os espíritos comunicantes devem ser identificados por suas ideias e pela essência espiritual de suas palavras, tanto quanto pelos sentimentos que inspiram e pelos conselhos que dão.

3. Quando se manifesta o espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, sucede geralmente que sua linguagem se revele de acordo com o caráter que ele tinha aos nossos olhos, quando encarnado, o que constitui indício importante de identificação.

4. A identidade dos espíritos de personalidades antigas é mais difícil de conseguir, e às vezes torna-se impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral, contrariamente ao que se dá quando se trata de espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos são conhecidos.

Devemos submeter as comunicações a uma análise escrupulosa

5. As provas mais completas de identidade são muitas vezes fornecidas por espíritos desconhecidos do médium e dos assistentes, os quais indicam elementos de identificação que um exame posterior comprova serem exatos.

6. O codificador do Espiritismo dedicou o cap. XXIV, 2ª parte, itens 255 a 268, d' *O Livro dos Médiuns*, ao trato da identidade dos espíritos. Eis um resumo do que ele escreveu sobre o assunto:

a) depois da obsessão, a questão da identidade dos espíritos é uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático;

b) muitos espíritos superiores que se podem comunicar não possuem um nome para nós;

c) a identidade se torna mais fácil quando se trata de espíritos contemporâneos;

d) as provas da identidade surgem naturalmente;

e) a semelhança da caligrafia e da assinatura é uma prova relativa;

f) a melhor prova de identidade está na linguagem e nas circunstâncias, mas não na forma da linguagem e sim no seu conteúdo, pois jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude: sempre em algum lugar aparecerá o sinal da impostura;

g) a identidade dos espíritos pode ser considerada uma questão acessória, mas a distinção entre bons e maus espíritos não o é;

h) julgamos os espíritos pelo conteúdo de sua linguagem: tudo o que, na sua linguagem, revela falta de bondade ou benevolência não pode vir de um bom espírito;

i) inteligência não é sinal certo de superioridade, porque a inteligência e o moral nem sempre caminham juntas;

j) os sinais dos espíritos elevados são a superioridade de suas ideias e de sua linguagem.

7. Kardec recomenda-nos que devemos submeter todas as comunicações a uma análise escrupulosa, examinando atentamente o pensamento e as expressões e rejeitando, sem hesitar, tudo o que peca contra a lógica e o bom senso, tudo o que desminta o caráter do espírito que se pretende passar por uma entidade elevada. Afirma o codificador: "Repetimos que este meio é o único, porém é infalível, porque não existe uma comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa" (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV, item 266).

8. No cap. XXIV, item 267, da mesma obra, Kardec arrola 26 princípios fundamentais para se reconhecer a qualidade dos espíritos comunicantes, princípios esses que médiuns e dirigentes de grupos mediúnicos deveriam ter sempre presentes em seus estudos.

É possível reconhecer os bons espíritos pela impressão que nos causam

9. É preciso entender que nem sempre é importante identificar os espíritos que se comunicam nas sessões. Quando estamos em uma reunião de desobsessão ou de esclarecimento aos desencarnados, não há, quase sempre, necessidade de levantar-se a identidade do espírito sofredor, que, na maioria das vezes, encontra-se em estado de grande perturbação espiritual, sendo por isso reprovável em tais casos a prática de se pedir a eles o nome, tanto quanto outros pormenores para a sua identificação.

10. As entidades espirituais que habitualmente se comunicam conosco acabam por tornar-se conhecidas e queridas, a ponto de serem consideradas membros da equipe. Quando

se manifestam, são reconhecidas pelo seu modo de falar, pelo estilo e pelo conteúdo da mensagem.

11. Se se comunicam por outros médiuns, podem sofrer a influência do clima mental do intermediário. A interferência do médium na comunicação é muito grande. A filtragem mediúnica pode processar-se, dependendo do médium, com maior ou menor autenticidade, tendo em vista a diversidade de aptidões e recursos que os médiuns apresentam.

12. De um modo geral podemos distinguir, através da sensibilidade mediúnica, o grau de evolução das entidades desencarnadas, que nos passam sensações agradáveis ou desagradáveis. Ensina Kardec: "Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à sua aproximação". Quando o espírito é feliz, seu estado é tranquilo, leve, calmo; quando é infeliz, é agitado, febril, e esta agitação passa naturalmente para o sistema nervoso do médium. Se a visita do espírito ao grupo se repete, isso nos dá condições de, com o tempo e a prática, identificá-lo pelas sensações que causa à sua aproximação.

Questões para fixação da leitura

1. Identificar os espíritos que se comunicam é uma questão importante na prática espírita?

Não. Embora constitua, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático, identificar os espíritos comunicantes é, em muitos casos, uma questão secundária e sem real importância.

2. Quando a identidade do espírito comunicante se torna mais fácil?

A identidade dos espíritos de personalidades antigas é mais difícil de conseguir, e às vezes torna-se impossível, contrariamente ao que se dá quando se trata de espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos são conhecidos, o que torna sua identificação mais fácil.

3. Que critério devemos utilizar para julgamos a qualidade dos espíritos comunicantes?

Para aquilatar o valor dos espíritos não há outro critério, senão o bom senso. Os espíritos superiores usam constantemente uma linguagem nobre, digna, repassada da mais alta moralidade, enquanto que a linguagem dos espíritos inferiores é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira. Os espíritos comunicantes devem, pois, ser identificados por suas ideias e pela essência espiritual de suas palavras, tanto quanto pelos sentimentos que inspiram e pelos conselhos que dão.

4. Que conselho nos dá Kardec a respeito da análise das comunicações espíritas?

Kardec recomenda-nos que devemos submeter todas as comunicações a uma análise escrupulosa, examinando atentamente o pensamento e as expressões e rejeitando, sem hesitar, tudo o que peca contra a lógica e o bom senso, tudo o que desminta o caráter do espírito que se pretende passar por uma entidade elevada.

5. É possível distinguir os bons e os maus espíritos pelas impressões que nos causam?

Sim. De um modo geral podemos distinguir, através da sensibilidade mediúnica, o grau de evolução das entidades desencarnadas, que nos passam sensações agradáveis ou desagradáveis. Quando o espírito é feliz, seu estado é tranquilo, leve, calmo; quando é infeliz, é agitado, febril, e esta agitação passa naturalmente para o sistema nervoso do médium.

Contradições nos ensinamentos espíritas

Sumário: As contradições observadas nos ensinamentos espíritas. O porquê das contradições nas comunicações espíritas. Em três grupos se classificam os adversários do Espiritismo. Os principais sistemas formulados em oposição ao sistema espírita.

De duas fontes provêm as contradições acerca dos ensinamentos espíritas

1. As contradições acerca dos ensinamentos espíritas são, em regra, mais aparentes que reais, porque existem mais na superfície do que no fundo das coisas e, por isso, carecem de importância. De duas fontes elas provêm: dos homens e dos Espíritos.

2. Quando começaram a produzir-se os estranhos fenômenos do Espiritismo, cada pessoa os interpretou a seu modo, de conformidade com suas ideias pessoais, suas crenças ou suas prevenções, nascendo daí sistemas diversos que se puseram em posição contrária ao que constituiria mais tarde a Doutrina Espírita. Os sistemas surgiram, portanto, em consequência das contradições de origem humana.

3. Os adversários do Espiritismo podem ser classificados em três grupos distintos:

1º. Os que negam sistematicamente tudo o que é novo, ou deles não venha, e que falam sem conhecimento de causa. Para eles, o Espiritismo é uma quimera, uma utopia, uma loucura. São os incrédulos de caso pensado.

2º. Os que, sabendo muito o que pensar da realidade dos fatos, combatem-nos por motivos de interesse pessoal. Para eles, o Espiritismo é real, mas o combatem por lhe re-crearem as consequências.

3º. Os que acham na moral espírita uma censura severa demais aos seus atos ou às suas tendências, e assim o combatem por egoísmo.

O sistema do músculo estalante procurou explicar os sons tiptológicos

4. Os sistemas formulados pelos detratores do Espiritismo foram muitos, mas dentre eles destacaram-se os seguintes:

a) Charlatanismo – Os fatos espíritas seriam o produto de indivíduos embusteiros e enganadores e os espíritistas não passariam de pessoas ingênuas, embora se contem no seu número pessoas honradas e dotadas de saber.

b) Loucura – Alguns, por condescendência, concordam em pôr de lado a suspeita de embuste, mas pretendem que os que não iludem são iludidos e que os que creem nas manifestações não passam de loucos.

c) Alucinação – O adepto das manifestações age de boa-fé, mas julga ver o que efetivamente não vê, porque os fatos espíritas seriam miragens.

d) Músculo estalante – A causa dos sons tiptológicos, comuns nos *raps* e nas pancadas, residiria nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo curto-perônio. Se tal explicação foi suficiente para fulminar a admissão das mesas falantes, a teoria do músculo que estala não consegue explicar as mesas que giram, que levitam e que dão pancadas valendo-se dos próprios pés.

e) Sistema do reflexo – Admite-se que haja uma ação inteligente nos fenômenos espíritas, mas ela procede do médium ou dos assistentes, e não de supostos Espíritos comunicantes. César Lombroso escreveu a respeito desse sistema: “Outras explicações se tentam para evitar a da influência dos mortos: por exemplo, a de que o médium extrai do cérebro dos presentes as respostas aos quesitos, que depois projeta no exterior”. “Não se compreende, porém, como o médium poderia realizar tal prodígio.”

f) Demoníaco ou diabólico – As manifestações não seriam produzidas por Espíritos de homens que viveram na Terra, mas pelo diabo ou pelos demônios, porque só estes podem comunicar-se. Este sistema colide com a natureza e o conteúdo das manifestações porque muitos Espíritos ensinam a fraternidade, o perdão das injúrias, a mansuetude e nos dizem que o caminho único da felicidade é o do bem. Se esses são os processos empregados por Satã para nos perverter, é curioso observar que eles se assemelham estranhamente aos que Jesus empregava para reformar os homens, do que se deduz que o anjo das trevas conduz muito mal seus negócios.

Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem

5. O Espiritismo tem, é verdade, muitos inimigos interessados em sua perda. De um lado, colocam-se os materialistas; de outro, os sacerdotes de todas as religiões, de sorte que seus partidários recebem golpes de todos os lados, não apenas agora, mas desde os primeiros anos da codificação da Doutrina Espírita.

6. Para se compreenderem a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado por todas as suas faces. À primeira vista, parecerá estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira. Ocorre que supor que façam igual apreciação das coisas equivale a imaginá-los todos no mesmo nível. Pensar que todos devam ver com justeza é admitir que tenham chegado todos eles à perfeição, o que não é exato e não o pode ser, desde que se considere que os Espíritos nada mais são do que a Humanidade despida do envoltório corporal.

7. Podendo manifestar-se Espíritos de todas as categorias, suas comunicações trazem, por isso, o cunho do seu saber ou da sua ignorância, da superioridade ou da inferioridade moral que alcançaram. Eis aí a razão das contradições havidas em certos momentos na formulação dos princípios espíritas, como se deu na Inglaterra e na América do

Norte, onde à época de Kardec havia divergência entre os comunicantes com respeito ao ensino da reencarnação.

8. Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem e a linguagem de que usam é sempre a mesma quando lidam com as mesmas pessoas. Pode, no entanto, diferir de conformidade com as pessoas e os lugares, mas mesmo aí as possíveis contradições encontram-se mais nas palavras do que nas ideias. O mesmo Espírito pode responder de formas diferentes a uma determinada pergunta, segundo o grau de adiantamento dos que o evocam, visto que nem sempre convém que recebam todos a mesma resposta, por não estarem igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio nos fizessem a mesma pergunta. Com certeza responderíamos a um e outra de forma diferente, embora no fundo as respostas fossem idênticas.

Questões para fixação da leitura

1. De duas fontes provêm as contradições acerca dos ensinamentos espíritas. Quais são elas?

As contradições acerca dos ensinamentos espíritas são, em regra, mais aparentes que reais, porque existem mais na superfície do que no fundo das coisas. De duas fontes elas provêm: dos homens e dos Espíritos.

2. Quais foram os principais sistemas formulados pelos detratores do Espiritismo que se opuseram, nos primórdios da codificação, à Doutrina Espírita?

Os principais sistemas contrários à tese espírita foram os que atribuíram os fatos ao charlatanismo, à loucura, à alucinação, ao músculo estalante, ao reflexo do pensamento ou à ação do demônio.

3. Em que consiste o sistema do músculo estalante e que fenômenos ele tentou explicar?

Segundo esse sistema, a causa dos sons tiptológicos, comuns nos raps e nas pancadas, residiria nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo curto-perônio. Essa explicação objetivava fulminar a admissão das mesas falantes, mas não conseguiu explicar o movimento das mesas girantes e a levitação.

4. Por que ocorrem contradições acerca dos ensinamentos espíritas atribuídas aos Espíritos?

Em primeiro lugar é preciso considerar que os Espíritos nada mais são do que a Humanidade despida do envoltório corporal. Podendo manifestar-se Espíritos de todas as categorias, suas comunicações trazem, por isso, o cunho do seu saber ou da sua ignorância, da superioridade ou da inferioridade moral que alcançaram. Eis aí a razão das contradições havidas em certos momentos na formulação dos princípios espíritas, como se deu na Inglaterra e na América do Norte, onde à época de Kardec havia divergência entre os comunicantes com respeito ao ensino da reencarnação.

5. Os Espíritos realmente superiores também se contradizem?

Não. Eles jamais se contradizem e a linguagem de que usam é sempre a mesma quando lidam com as mesmas pessoas. Pode, no entanto, diferir de conformidade com as pessoas e os lugares, mas mesmo aí as possíveis contradições encontram-se mais nas palavras do que nas ideias. O mesmo Espírito pode responder de formas diferentes a uma determinada pergunta, segundo o grau de adiantamento dos que o evocam, visto que nem sempre convém que recebam todos a mesma resposta, por não estarem igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio nos fizessem a mesma pergunta. Com certeza responderíamos a um e outra de forma diferente, embora no fundo as respostas fossem idênticas.

Mistificação e animismo

Sumário: A mistificação na prática espírita. Como prevenir a ocorrência de mistificação na prática mediúnica. Definição de animismo. O que caracteriza uma manifestação anímica. Como proceder ante as manifestações anímicas.

A mistificação pode ser provocada por encarnados e desencarnados

1. O verbo mistificar significa "abusar da credulidade de; enganar, iludir, burlar, lograr, embair, embaçar". Quem quer que se dedique à prática da mediunidade deve estar atento a essa ocorrência. A mistificação pode ser provocada pelo encarnado e também pelos desencarnados. Em ambos os casos, é preciso cautela para não se deixar ludibriar.

2. As mistificações constituem, segundo Kardec, os escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático. É simples, porém, o meio de evitá-las: basta não pedir ao Espiritismo senão o que ele possa dar. Ora, sabendo que a finalidade maior do Espiritismo é o melhoramento moral da Humanidade, dificilmente seremos enganados se não nos afastarmos desse objetivo, visto que não existem duas maneiras diferentes de se compreender a verdadeira moral.

3. Dessa forma, cientes de que os Espíritos superiores procuram sempre nos instruir e nos guiar no caminho do bem, saberemos rejeitar qualquer instrução que objetive apenas proporcionar-nos vantagens materiais ou favorecer nossas paixões mesquinhas, visto que instrução desse quilate não pode provir dos Benfeitores Espirituais comprometidos com a causa do bem e do progresso.

4. Os Espíritos levianos, no entanto, gostam de imiscuir-se em nossa vida e causar pequenos desgostos e induzir-

nos maldosamente em erro, por meio de intrigas, mistificações e espertezas. A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo o que se possa imaginar. A arte com que dispõem as suas baterias e combinam os meios de persuadir seria algo bastante curioso se nunca passassem dos simples gracejos; contudo, as mistificações podem ter conseqüências bem desagradáveis e prejudicar muita gente.

5. Entre os meios que tais Espíritos empregam podem ser colocados na primeira linha, como sendo os mais frequentes, os que têm por fim testar a cobiça, como a revelação de supostos tesouros, o anúncio de heranças inesperadas ou outras fontes de riqueza. Devem ser consideradas igualmente suspeitas as predições com época determinada e todas as indicações precisas relativas a interesses materiais.

6. É preciso que não se deem os passos prescritos ou aconselhados pelos Espíritos quando o fim não seja eminentemente racional. Importante também não se deixar deslumbrar pelos nomes que certos Espíritos tomam para dar aparência de veracidade às suas palavras. Cumpre, por fim, desconfiar de teorias e sistemas ousados e de tudo o que se afastar do objetivo moral das manifestações. Estes são, em tese, os meios de se evitar a mistificação na prática espírita.

No animismo quem opera o fenômeno é o próprio médium

7. Diferentemente da mistificação, que não passa de um logro, de uma burla, de uma farsa, o animismo é o estado ou fenômeno em que a própria alma do médium opera, em vez de um Espírito a ele estranho. Não se trata, portanto, de um fenômeno mediúnicos, mas de um fenômeno anímico – vocábulo que tem sua origem em "*anima*", que significa alma.

8. A cristalização da nossa mente em determinadas situações pode motivar, no futuro, a manifestação de fenôme-

nos anímicos, do mesmo modo que tal cristalização ou fixação, se realizada no passado, pode exteriorizar-se no presente.

9. Muitas vezes, aquilo que se assemelha a um transe mediúnico, com todas as aparências de que existe a interferência de um desencarnado, nada mais é do que o médium revivendo cenas e acontecimentos recolhidos do seu próprio mundo subconsciente, fenômeno esse motivado pelo contato magnético, pela aproximação de entidades que lhe partilham as experiências pretéritas.

10. Não se deve, pois, confundir mistificação com animismo. Na primeira, temos a mentira; no segundo, o desajuste psíquico. Poderíamos enquadrar tal fenômeno no quadro da mistificação inconsciente? Respondendo a essa indagação, ensina o Instrutor Aulus: "Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras mistificação inconsciente ou subconsciente para batizar o fenômeno". (*Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, cap. 22, p. 212.)

11. A pessoa passível de animismo, esclarece Aulus, é um "doente mental, requisitando-nos o maior carinho para que se recupere". "Para sanar-lhe a inquietação, todavia, não nos bastam diagnósticos complicados ou meras definições técnicas no campo verbalista, se não houver o calor da assistência amiga." (Obra citada, p. 213.)

12. No fenômeno anímico o médium se expressa como se ali estivesse, realmente, um Espírito a se comunicar. O médium deve, pois, nessas condições, ser tratado com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam. O médium inclinado ao animismo é um vaso defeituoso, que pode ser consertado e restituído ao serviço se houver compreensão do dirigente. Se incompreendido, pode ser vitimado pela obsessão, o que mostra a importância da atenção que devemos dedicar ao assunto.

Questões para fixação da leitura

1. Em que consistem as mistificações?

Vocábulo derivado do verbo mistificar, que significa “abusar da credulidade de; enganar, iludir, burlar, lograr, embair, embaçar”, as mistificações podem ser provocadas pelos encarnados e também pelos desencarnados e constituem, segundo Kardec, os escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático.

2. É possível evitar as mistificações na prática espírita?

Sim, e é simples o meio de evitá-las: basta não pedir ao Espiritismo senão o que ele possa dar. Ora, sabendo que a finalidade maior do Espiritismo é o melhoramento moral da Humanidade, dificilmente seremos enganados se não nos afastarmos desse objetivo, visto que não existem duas maneiras diferentes de se compreender a verdadeira moral.

3. Que é animismo?

O animismo é o estado ou fenômeno em que a própria alma do médium opera, em vez de um Espírito a ele estranho. Não se trata, portanto, de um fenômeno mediúnico, mas de um fenômeno anímico – vocábulo que tem sua origem em “anima”, que significa alma.

4. Podemos enquadrar o animismo no quadro da mistificação inconsciente?

Não. Respondendo a esta indagação, disse o Instrutor Aulus: “Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras mistificação inconsciente ou subconsciente para batizar o fenômeno”.

5. Que deve fazer o dirigente espírita no caso em que ocorram no seu grupo manifestações anímicas?

No fenômeno anímico o médium se expressa como se ali estivesse, realmente, um Espírito a se comunicar. Deve, portanto, nessas condições, ser tratado com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam. O médium inclinado ao animismo é um vaso defeituoso, que pode ser consertado e restituído ao serviço se houver compreensão do dirigente. Se incompreendido, pode ser vitimado pela obsessão, o que mostra a importância da atenção que é preciso dedicar ao assunto.

O exercício irregular da mediunidade

Sumário: Como desenvolver a mediunidade. Reservas e cuidados necessários ao exercício da mediunidade. Casos em que é prudente abster-se da prática mediúnica. Inexistência de relação entre mediunidade, loucura e outras patologias.

É preciso ter prudência no trato com o mundo invisível

1. Ensina Léon Denis que o homem tem de se submeter a uma complexa preparação e observar certas regras de conduta para desenvolver em si o precioso dom da mediunidade. É preciso para isso, simultaneamente, a cultura da inteligência, a meditação, o recolhimento e o desprendimento das coisas humanas.

2. Os Espíritos inferiores, incapazes de aspirações elevadas, comprazem-se em nosso meio, imiscuem-se em nossa vida, participam dos prazeres e trabalhos daqueles a quem se sentem unidos por analogia de caráter ou de hábitos. E chegam mesmo, algumas vezes, a dominar e subjugar as pessoas fracas que não sabem resistir às suas influências, podendo em certos casos impelir suas vítimas ao crime e à loucura.

3. Corre perigo quem se entrega sem reservas e cuidados às experimentações espíritas. O homem de coração reto, de razão esclarecida e madura, pode daí recolher consolações inefáveis e preciosos ensinamentos; mas aquele que fosse inspirado tão-somente pelo interesse material, ou que visse nesses fatos apenas uma ocasião de divertimento, tornar-se-ia objeto de uma infinidade de mistificações e joquete de Espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, captariam sua confiança para, mais tarde, acabrunhá-lo com decepções e zombarias.

4. Convém, pois, ter grande prudência no trato com o mundo invisível. O bem e o mal, a verdade e o erro nele se misturam, e para distingui-los é preciso passar todas as revelações, todos os ensinamentos, pelo crivo de um julgamento severo.

A mediunidade nada tem a ver com doença ou com loucura

5. Outro ponto importante para aquele que se dedica à mediunidade é evitar que ocorram abusos na sua prática. O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga, e o mesmo se dá com a mediunidade, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, a qual ocasiona necessariamente um dispêndio de fluido, que produz a fadiga e precisa, assim, ser reparado pelo repouso.

6. Pode o exercício da mediunidade ter inconvenientes por si mesmo, ainda que não ocorra abuso na sua prática? Respondendo a essa questão, esclarecem os Espíritos superiores: "Casos há em que é prudente e mesmo necessário abster-se ou, pelo menos, fazer um uso moderado. Isto depende do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral o médium o sente e, ao sentir fadiga, deve abster-se". (O Livro dos Médiuns, item 221, questão 3.)

7. A informação precedente não significa dizer que a faculdade mediúnica constitua indício de um estado patológico qualquer. Mediunidade nada tem a ver com doença. Existem médiuns de saúde robusta; os que estão doentes devem isso a outras causas, não à mediunidade.

8. A mesma observação deve ser feita com relação à ideia de que a prática mediúnica pode levar o indivíduo à loucura. "A mediunidade não produzirá loucura quando esta não existir em princípio. Mas se o princípio existir – o que será fácil de reconhecer pelo estado moral – diz o bom senso que é necessário tomar cuidado em todos os sentidos, porque qualquer causa de abalo pode ser prejudicial." (O Livro dos Médiuns, item 221, questão 5.)

A loucura tem sua origem nos atos perpetrados no passado

9. Assevera Kardec: "Todas as grandes preocupações do Espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica no cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o caráter de preocupação principal, que então se muda em ideia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. Provavelmente, o louco religioso se houvera tornado um louco espírita, se o Espiritismo fora a sua preocupação dominante". "Digo, pois, que o Espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito. Vou mais longe: digo que, bem compreendido, ele é um preservativo contra a loucura." (O Livro dos Espíritos, Introdução, item XV.)

10. Quando se afirma que a loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica no cérebro, queremos deixar claro que o cérebro do encarnado tem essa deficiência devido a causas cármicas, ou seja, a loucura em si tem sua origem nos atos perpetrados pelo Espírito em existências passadas.

11. Dá-se o nome "causas cármicas" àquelas que precedem a existência atual e que vêm impressas no perispírito ou psicossoma do enfermo vinculado pelos débitos transatos àqueles a quem usurpou, abusou, prejudicou, como Manoel Philomeno de Miranda esclarece em seu livro "Grilhões Partidos", psicografado por Divaldo P. Franco.

12. Não há, pois, razão para pensar que a mediunidade provoque loucura. Ao contrário, como observou Kardec, a mediunidade esclarecida pelas luzes do Espiritismo constitui um preservativo da loucura, porque o espírita vê as coisas desde mundo de um ponto de vista mais elevado e suas convicções lhe dão, diante das vicissitudes e do sofrimento,

uma resignação que o preserva do desespero que poderia levar outros ao desequilíbrio e mesmo ao suicídio.

Questões para fixação da leitura

1. Que é preciso a uma pessoa para desenvolver em si o precioso dom da mediunidade?

Segundo Léon Denis, ela tem de se submeter a uma complexa preparação e observar certas regras de conduta para desenvolver em si o precioso dom da mediunidade. É preciso para isso, simultaneamente, a cultura da inteligência, a meditação, o recolhimento e o desprendimento das coisas humanas.

2. Quem se entrega sem reservas e cuidados às experimentações espíritas corre perigo?

Sim. O homem de coração reto, de razão esclarecida e madura, pode daí recolher consolações inefáveis e preciosos ensinamentos; mas aquele que fosse inspirado tão-somente pelo interesse material, ou que visse nesses fatos apenas uma ocasião de divertimento, tornar-se-ia objeto de uma infinidade de mistificações e juguete de Espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, captariam sua confiança para, mais tarde, acabrunhá-lo com decepções e zombarias.

3. O exercício da mediunidade tem inconvenientes por si mesmo, ainda que não ocorra abuso na sua prática?

Respondendo a essa questão, os Espíritos superiores disseram: "Casos há em que é prudente e mesmo necessário abster-se ou, pelo menos, fazer um uso moderado. Isto depende do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral o médium o sente e, ao sentir fadiga, deve abster-se". (O Livro dos Médiuns, item 221, questão 3.)

4. A faculdade mediúnica constitui indício de um estado patológico qualquer?

Não. Mediunidade nada tem a ver com doença. Existem médiuns de saúde robusta; os que estão doentes devem isso a outras causas, não à mediunidade.

5. Pode a prática mediúnica levar o indivíduo à loucura?

Não. Inexistem razões para pensar que a mediunidade provoque loucura. Ao contrário, como observou Kardec, a mediunidade esclarecida pelas luzes do Espiritismo constitui um preservativo da loucura, porque o espírita vê as coisas desde mundo de um ponto de vista mais elevado e suas convicções lhe dão, diante das vicissitudes e do sofrimento, uma resignação que o preserva do desespero que poderia levar outros ao desequilíbrio e mesmo ao suicídio.

Perda e suspensão da mediunidade

Sumário: Suspensão da faculdade mediúnica. Motivos que levam ao afastamento dos bons Espíritos. Interrupção dos fenômenos mediúnicos para proteção do médium. A mediunidade com Jesus e os atributos medianímicos.

Sem o concurso simpático dos Espíritos, nada pode o médium

1. A faculdade mediúnica pode sofrer perdas e suspensões, na maioria das vezes passageiras, qualquer que seja o tipo de mediunidade de que o médium seja portador. Isso acontece porque a produção mediúnica ocorre graças ao concurso simpático dos Espíritos. Sem eles, nada pode o médium, ou seja, a faculdade continua a existir, mas os Espíritos evitam utilizar-se daquele instrumento mediúnico, seja porque não podem, seja porque não querem.

2. Entendendo a mediunidade como um meio que Deus oferece aos homens para sua reforma moral e conseqüente progresso espiritual, os bons Espíritos afastam-se dos médiuns por vários motivos:

a. Quando o médium se serve da faculdade mediúnica para atender a coisas frívolas ou com propósitos ambiciosos e desvirtuados do seu verdadeiro objetivo.

b. Quando o médium não aproveita as instruções nem os conselhos que os protetores espirituais lhe propiciam.

c. Quando a interrupção dos fenômenos se dá como uma prova de benevolência do Benfeitor espiritual para com o médium.

3. Por coisas frívolas, mencionadas no tópico anterior, entendemos, por exemplo, a prática de ler a sorte e o trabalho costumeiramente realizado pelos chamados ledores

do futuro, fato que, infelizmente, ocorre em larga escala e que, mais cedo ou mais tarde, levará as pessoas que o praticam a arrepender-se amargamente, especialmente no momento em que todos nós temos de prestar contas ao Senhor da aplicação dada aos talentos recebidos.

A mediunidade com Jesus edifica moralmente o homem

4. Os chamados "profissionais da mediunidade" não se agastam em receber pagamentos, quer sob a forma de dinheiro, presentes, favores e privilégios, quer sob a forma de dependência afetiva ou emocional.

5. A tais médiuns é sempre útil recordar estas palavras de Manoel Philomeno de Miranda (Espírito): "... o médium, habituando-se aos negócios e interesses de baixo teor vibratório, embrutece-se, desarmoniza-se. (...) A mediunidade com Jesus liberta, edifica e promove moralmente o homem, enquanto que, com o mundo, aturde, escraviza e obsidiosa a criatura".

6. Os protetores espirituais aconselham-nos sempre para o bem, sugerindo bons pensamentos ou amparando nas aflições seu tutelado; contudo, em situação nenhuma desrespeitam o livre-arbítrio de quem quer que seja.

Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho

7. Eles se afastam quando veem que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores, mas jamais o abandonam completamente e sempre se fazem ouvir. É o homem, então, quem tapa os ouvidos, porque o protetor espiritual voltará todas as vezes em que for chamado.

8. Na interrupção dos fenômenos por ato de benevolência do protetor espiritual, três podem ser os objetivos. Primeiro, quando o amigo espiritual deseja provar que a comunicação mediúnica não depende do médium apenas e

que, por isso, não deve ele vangloriar-se ou envaidecer-se. Segundo, quando o médium se encontra debilitado fisicamente e necessita de repouso. Por último, quando a suspensão tem por objetivo pôr à prova a paciência e a perseverança do médium ou dar-lhe tempo para meditar nas instruções recebidas dos Espíritos.

9. Em situações dessa natureza, deve o médium buscar na resignação e na prece os recursos para retomar a prática normal de suas faculdades.

10. Como ensina Emmanuel, os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio espiritual é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas, mas, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade e da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

Questões para fixação da leitura

1. Pode um médium ter suspensa sua faculdade mediúnica?

Sim. A faculdade mediúnica pode sofrer perdas e suspensões, na maioria das vezes passageiras, qualquer que seja o tipo de mediunidade de que o médium seja portador.

2. Que motivos levariam os bons Espíritos a afastar-se de um médium?

Os motivos principais são três: a.) quando o médium se serve da faculdade mediúnica para atender a coisas frívolas ou com propósitos ambiciosos e desvirtuados do seu verdadeiro objetivo; b.) quando o médium não aproveita as instruções nem os conselhos que os protetores espirituais lhe propiciam; c.) quando a interrupção dos fenômenos se dá

como uma prova de benevolência do Benfeitor espiritual para com o médium.

3. O Espiritismo aprova a prática dos que leem a sorte, um fato bastante comum em nosso país?

Não.

4. Nos casos em que os fenômenos mediúnicos são interrompidos por benevolência do protetor espiritual, que objetivos o Benfeitor tem em vista?

Três podem ser os objetivos: 1) provar que a comunicação mediúnica não depende do médium apenas e que, por isso, não deve ele vangloriar-se ou envaidecer-se; 2) possibilitar repouso nos casos em que o médium se encontra debilitado; 3) pôr à prova a paciência e a perseverança do médium ou dar-lhe tempo para meditar nas instruções recebidas dos Espíritos.

5. Podemos aplicar aos atributos medianímicos a parábola dos talentos de que nos fala o Evangelho?

Sim. Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio espiritual é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas. Se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade e da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

Cuidados a observar para uma boa prática mediúnica

Sumário: Fatores diretamente ligados ao médium indispensáveis à atividade mediúnica elevada. Atitude do médium com relação às comunicações recebidas. Componentes dos grupos mediúnicos. Local e horário das reuniões.

A prática da mediunidade requer do médium comportamento digno

1. Em qualquer trabalho ao qual se pretenda imprimir seriedade é preciso estabelecer um método, com regras definidas, para se alcançar o objetivo visado. No caso da mediunidade, e em particular do desenvolvimento mediúnico, esta realidade mostra-se ainda mais marcante.

2. A atividade mediúnica, por constituir um elo entre o plano material e o plano espiritual, envolve uma série de fatores diretamente ligados ao médium, ao seu comportamento e às suas condições físicas, mentais e espirituais, a reclamarem sensibilidade, acuidade, conhecimento e experiência do mediano, indispensáveis ao bom êxito do empreendimento.

3. Além disso, como a atividade mediúnica à luz da Doutrina Espírita está sempre ligada a uma atitude moral elevada, exige-se do aspirante à prática da mediunidade um comportamento moral compatível com a natureza do trabalho a que se propõe.

4. Afirma Kardec que o desejo natural de todo aspirante a médium é poder confabular com os Espíritos das pessoas que lhe são caras, ignorando que a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Convém, por

isso, que no começo ninguém se obstina em chamar determinado Espírito, pois amiúde sucede não ser com esse que as relações fluídicas se estabelecem mais facilmente.

No intercâmbio mediúnico, a sintonia de sentimentos e pensamentos é essencial

5. Do que foi dito, conclui-se que só terão êxito na atividade mediúnica as pessoas que se submeterem a uma severa e perseverante disciplina, o que deverá ser buscado desde os primeiros contatos com a mediunidade e nos métodos aplicados nas reuniões de estudo e educação mediúnica. Outro ponto importante a destacar é este: Todo médium que deseje não ser joguete da mentira deve procurar as reuniões sérias e aceitar agradecido, e mesmo solicitar, o exame crítico das comunicações que receba.

6. Em seu livro "No Invisível" Léon Denis menciona algumas regras básicas que devem nortear as reuniões mediúnicas. Em primeiro lugar, ensina Denis, os grupos pouco numerosos e de composição homogênea são os que reúnem as maiores probabilidades de êxito, porque no intercâmbio mediúnico é essencial que exista sintonia de sentimentos e pensamentos entre os encarnados e os desencarnados que participam das reuniões. Obviamente, a sintonia é mais fácil de alcançar, sobretudo em nível elevado, com um número menor de participantes, que ele sugere entre 12 e 14 pessoas.

7. A renovação frequente da assistência compromete ou pelo menos faz que demorem os resultados, porque não é difícil entender que em uma reunião em que os frequentadores se alteram com muita frequência não são criadas as condições básicas para que a sintonia se faça e haja homogeneidade e clima de confiança entre os participantes, inexistindo, por conseguinte, ambiente propício à segura manifestação mediúnica.

8. Outro ponto destacado por Léon Denis diz respeito ao local e horário das reuniões. Convém que o grupo se reúna em dias e horários fixos e no mesmo lugar. Essa é, para o

notável escritor francês, uma regra básica de organização e de método, decorrente do fato de que o trabalho mediúnico é uma atividade permanente e não temporária, que exige definição prévia do local e do horário para que haja, por parte do plano espiritual, a preparação necessária ao êxito do trabalho.

O candidato a médium deve desenvolver um trabalho de interesse coletivo

9. A perseverança é outro atributo fundamental a uma equipe mediúnica destacado por Léon Denis. Evidentemente, aborrece muitas vezes passar longo tempo na expectativa infrutífera dos fenômenos. Entendamos, porém, que uma ação insensível, lenta e progressiva realiza-se no curso das sessões, porque a concentração das forças necessárias não se efetua senão depois de repetidos esforços em tentativas e ensaios. No ministério do intercâmbio com os sofrendores desencarnados, a nossa concentração não deve objetivar uma realização estática, inoperante, sem o resultado ativo do socorro aos que respiram conosco a psicofera ambiente. O médium trabalha intensamente no curso das reuniões e não apenas quando transmite uma comunicação.

10. A direção do grupo mediúnico deve ser confiada a uma pessoa digna e que inspire simpatia e confiança. A tarefa de dirigir um grupo exige qualidades raras, extensos conhecimentos e, sobretudo, longa prática no intercâmbio com o mundo invisível. O dirigente da reunião mediúnica deve rejeitar sempre a condição simultânea de dirigente e médium psicofônico, por não poder atender, desse modo, de forma condigna, a um e a outro encargo. Deve observar com rigor o horário das reuniões, evitando realizar sessões mediúnicas inopinadamente, por simples curiosidade ou para atender a uma solicitação sem objetivo justo.

11. O candidato ao desenvolvimento mediúnico deve frequentar inicialmente, por certo tempo, as reuniões de estudo doutrinário e as de assistência espiritual, também conhecidas pelo nome de reuniões públicas doutrinárias. Quando portador de processo obsessivo, deverá frequentar,

preliminarmente, as mencionadas reuniões, além de submeter-se ao tratamento desobsessivo realizado pelo Centro Espírita.

12. Concluindo, devemos todos ter em mente que os que procuram trabalhar no campo da mediunidade precisam ter o propósito de desenvolver um trabalho de interesse coletivo, não exclusivamente pessoal. Para tanto, devem procurar a sintonia com os Espíritos superiores, em busca da inspiração e do fortalecimento de seus bons propósitos, cultivando as virtudes que atraem os bons Espíritos e evitando fazer tudo o que possa afastá-los.

Questões para fixação da leitura

1. Que fatores diretamente ligados ao médium são indispensáveis à atividade mediúnica elevada?

Sensibilidade, acuidade, conhecimento e experiência. Além disso, como a atividade mediúnica à luz da Doutrina Espírita está sempre ligada a uma atitude moral elevada, exige-se do aspirante à prática da mediunidade um comportamento moral compatível com a natureza do trabalho a que se propõe.

2. Que posição deve ter o médium com relação às comunicações que receba?

Se não quiser tornar-se joguete da mentira, o médium deve aceitar agradecido, e mesmo solicitar, o exame crítico das comunicações que receba.

3. Por que Léon Denis sugere que sejam integrados por poucas pessoas os grupos dedicados à prática mediúnica?

A razão é que os grupos pouco numerosos e de composição homogênea são os que reúnem as maiores probabilidades de êxito, visto que no intercâmbio mediúnico é essencial que exista sintonia de sentimentos e pensamentos entre

os encarnados e os desencarnados que participam das reuniões. Obviamente, a sintonia é mais fácil de alcançar, sobretudo em nível elevado, com um número menor de participantes.

4. As atividades mediúnicas regulares devem ter local e horário fixos?

Sim. Convém que o grupo se reúna em dias e horários fixos e no mesmo lugar, porque o trabalho mediúnico é uma atividade permanente e não temporária, que exige definição prévia do local e do horário para que haja, por parte do plano espiritual, a preparação necessária ao êxito do trabalho.

5. Além dos cuidados inerentes à educação da mediunidade, que propósito devem ter os candidatos à tarefa mediúnica?

Eles devem ter o propósito de desenvolver um trabalho de interesse coletivo, não exclusivamente pessoal. Para tanto, devem procurar a sintonia com os Espíritos superiores, em busca da inspiração e do fortalecimento de seus bons propósitos, cultivando as virtudes que atraem os bons Espíritos e evitando fazer tudo o que possa afastá-los.

Época e oportunidade do desenvolvimento mediúnico

Sumário: Idade propícia ao surgimento da faculdade mediúnica. Como saber se somos médiuns. Os maiores entraves à prática mediúnica. Recomendações do Conselho Federativo Nacional relativas ao desenvolvimento mediúnico.

Desenvolver a mediunidade constitui obra do esforço aliado à perseverança

1. A organização mediúnica, como todas as edificações elevadas, não é nem pode ser fruto da improvisação. O médium não é uma inteligência ou uma consciência anulada no processo de comunicação entre as duas esferas. Edificar a mediunidade constitui, portanto, uma obra digna do esforço aliado à perseverança, no espaço e no tempo.

2. A faculdade mediúnica é um instrumento de alto valor na conquista de novos conhecimentos, na prestação de serviço ao próximo, no desenvolvimento de virtudes, na realização de experiências enriquecedoras e no resgate de débitos pessoais. Trata-se, pois, para o indivíduo realmente consciente desses valores, de uma rara oportunidade, conseguida muitas vezes a duras penas, que propicia uma mais rápida ascensão espiritual.

3. O surgimento da faculdade mediúnica independe de lugar, idade, condição social ou sexo. Pode surgir na infância, na adolescência, na idade madura ou na velhice. Pode revelar-se em casa, no templo, no Centro Espírita e mesmo em indivíduos materialistas.

4. Quando de seu aparecimento, é natural que seu desenvolvimento seja cercado de todo o cuidado, propiciando ao candidato ao mediunato um clima sereno alimentado pelo

cultivo da oração e do estudo adequado para o conhecimento da Doutrina Espírita, das características próprias da mediunidade e do embasamento evangélico-moral que deve sustentar sua prática e a oportunidade de trabalho nobre que lhe ensinará a experiência edificante.

Nem sempre a eclosão da mediunidade ocorre de modo ostensivo

5. Regra geral, nem sempre se dá a eclosão ostensiva da faculdade mediúnica e, por isso, nasce no principiante espírita o desejo natural de saber se possui ou não faculdade mediúnica que mereça estudo e educação. Entendamos, porém, que somente a prática, o exercício metódico e perseverante dirão se o candidato ao mediunato estará apto a exercer tarefas no campo da mediunidade.

6. A prática mediúnica envolve uma série de entraves, quando não de perigos, decorrentes da maior sensibilidade do médium e provocados pelos que tomam a postura de adversários da atividade mediúnica, ou pelo próprio médium, devido a suas falhas, que o deixam, muitas vezes, à mercê de Espíritos enganadores.

7. Ao enfatizar a importância do recolhimento no intercâmbio com os Espíritos sérios, Kardec asseverou que as evocações feitas estouvadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros e malfazejos. Eis aí, portanto, um equívoco que não devemos cometer.

8. A reunião de estudo e educação da mediunidade deve, ao contrário, proporcionar a seus participantes as condições para que o exercício mediúnico se realize em perfeita harmonia com os princípios da Doutrina Espírita.

Ninguém deve participar de trabalhos mediúnicos antes de se educar

9. Lemos no opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*, publicado pelo Conselho Federativo Nacional, que o candidato

ao desenvolvimento mediúnico deve frequentar inicialmente, por certo tempo, as reuniões de estudo doutrinário e as de assistência espiritual. Se portador de processo obsessivo, deve também, além da frequência às reuniões mencionadas, inscrever-se para o atendimento programado pelo Centro Espírita para os casos de obsessão.

10. Recomenda também a referida obra que o candidato ao serviço mediúnico seja orientado para que controle as manifestações mediúnicas que veicula, reprimindo quanto possível a respiração ofegante, os gemidos, os gritos e as contorções, tanto quanto os batimentos de mãos e pés e quaisquer gestos violentos. Ele não deve participar de trabalhos mediúnicos antes de se educar satisfatoriamente, esquivando-se à ideia de que detém responsabilidades ou missões de avultada transcendência, mas, antes, reconhecendo-se portador de tarefas comuns.

11. André Luiz, em seu livro *Nos Domínios da Mediunidade*, esclarece que os centros cerebrais do médium representam bases de operação do pensamento e da vontade que influem em todos os fenômenos mediúnicos, desde a intuição pura à materialização objetiva.

12. Na mesma obra ele nos lembra que esses recursos, que merecem a defesa e o auxílio das entidades sábias e benevolentes, quando os medianeiros se sustentam no ideal superior da bondade e do serviço ao próximo, podem em muitas ocasiões ser ocupados por entidades inferiores ou animalizadas, em lastimáveis processos de obsessão.

12. Essa é a razão por que nunca é demais afirmar que o conhecimento evangélico-doutrinário e sua aplicação são de real utilidade na prática da mediunidade, devendo o aprendiz do serviço mediúnico ser dócil à voz e ao comando dos Espíritos superiores para corrigir-se e adaptar seus desejos e aspirações aos interesses relevantes que promovem a criatura humana, esteja ou não encarnada, meta precípua do compromisso socorrista de todo aquele que se candidata a semelhante tarefa.

Questões para fixação da leitura

1. Existe uma idade mais propícia ao surgimento da faculdade mediúnica?

Não. O surgimento da faculdade mediúnica independe de lugar, idade, condição social ou sexo. Pode surgir na infância, na adolescência, na idade madura ou na velhice. Pode revelar-se em casa, no templo, no Centro Espírita e mesmo em indivíduos materialistas.

2. Quando a eclosão da faculdade mediúnica não é ostensiva, como a pessoa pode saber se possui ou não faculdade que mereça estudo e educação?

Somente a prática, o exercício metódico e perseverante dirão se o candidato ao mediunato está apto a exercer tarefas no campo da mediunidade.

3. De onde provêm os maiores entraves à prática mediúnica?

Esses entraves provêm dos que tomam a postura de adversários da atividade mediúnica ou do próprio médium, devido a suas falhas, que o deixam, muitas vezes, à mercê de Espíritos enganadores.

4. Que recomendações traz o opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*, publicado pelo Conselho Federativo Nacional, relativamente ao desenvolvimento mediúnico?

Recomenda o referido opúsculo que o candidato ao desenvolvimento mediúnico frequente inicialmente, por certo tempo, as reuniões de estudo doutrinário e as de assistência espiritual. Se portador de processo obsessivo, deve, além da frequência às reuniões mencionadas, inscrever-se para o atendimento programado pelo Centro Espírita para os casos de obsessão. Recomenda também a referida obra que o candidato ao serviço mediúnico seja orientado para que controle as manifestações mediúnicas que veicula, reprimindo quanto possível a respiração ofegante, os gemidos, os gritos e as contorções, tanto quanto os batimentos de mãos e pés

e quaisquer gestos violentos. Por fim, lembra que ele não deve participar de trabalhos mediúnicos antes de se educar satisfatoriamente, esquivando-se à ideia de que detém responsabilidades ou missões de avultada transcendência, mas, antes, reconhecendo-se portador de tarefas comuns.

5. O conhecimento evangélico-doutrinário é de real utilidade na prática da mediunidade? Por quê?

Sim. Diz André Luiz que os centros cerebrais do médium representam bases de operação do pensamento e da vontade que influem em todos os fenômenos mediúnicos, desde a intuição pura à materialização objetiva. Esses recursos merecem a defesa e o auxílio das entidades sábias e benévolas, quando os medianeiros se sustentam no ideal superior da bondade e do serviço ao próximo, o que mostra a importância do conhecimento evangélico-doutrinário e sua aplicação.

O papel da mente na adaptação psíquica do médium

Sumário: Importância da mente na atividade mediúnica. Relação entre o psiquismo e os centros nervosos. Fator essencial à qualidade do trabalho mediúnico. O que se espera do médium principiante. O respeito nas assembleias espíritas.

A mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos

1. Aprendemos no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos, frase que define com clareza o papel da mente nas atividades mediúnicas, porque é através dela que se manifestam os valores adquiridos pelo Espírito, as experiências acumuladas, as virtudes, os conhecimentos, os defeitos, os dramas vividos, as afeições, o rancor, a bondade, a vingança, a alegria, a tristeza, tanto quanto o amor e o ódio. Essas características intrínsecas do Espírito exteriorizam-se através da mente, definindo o grau de evolução em que ele se encontra, a faixa vibratória em que vive.

2. Circunscritos nas dimensões conceituais em que nos encontramos, ensinam os Instrutores espirituais, podemos arrojar de nós a energia atuante do próprio pensamento, estabelecendo em torno da nossa individualidade o ambiente psíquico que nos é próprio.

3. Formamos, desse modo, um conjunto vastíssimo de Inteligências sintonizadas no mesmo padrão vibratório de percepção, integrando um todo constituído de bilhões de seres que formam, por assim dizer, a Humanidade terrestre. Dependendo dos nossos semelhantes, agimos e reagimos uns sobre os outros, por meio da energia mental em que nos renovamos incessantemente.

4. O papel desempenhado pela mente é muito importante para a adaptação psíquica do médium nas atividades mediúnicas, visto que nessas atividades ele não se encontra só; muito pelo contrário, encontra-se junto de outras mentes encarnadas e desencarnadas, desenvolvendo esforços no sentido de encontrar um ponto elevado de sintonia de pensamentos e sentimentos, para transformar a atividade mediúnica em atividade útil tanto para o seu aprimoramento espiritual como também para o benefício geral, na forma de esclarecimento, consolação e apoio.

É indispensável ao médium saber que tipo de onda mental ele assimila

5. Não é difícil perceber que todos os seres vivos respiram na onda de psiquismo dinâmico que lhes é peculiar, psiquismo esse que independe dos centros nervosos, uma vez que, fluindo da mente, é ele que condiciona todos os fenômenos da vida orgânica em si mesma. Em qualquer posição mediúnica, a inteligência receptiva está, pois, sujeita às possibilidades e à coloração dos pensamentos em que vive, e a inteligência emissora jaz submetida aos limites e interpretações dos pensamentos que é capaz de produzir.

6. Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expresse, é imprescindível enriquecer o pensamento, incorporando-lhe os tesouros morais e culturais, os únicos que nos possibilitam fixar a luz que jorra para nós das Esferas superiores. Mediunidade não basta por si só; é imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos, para conhecer da qualidade do nosso trabalho e ajuizar da nossa direção.

7. Certamente não se espera do iniciante, do médium aprendiz, uma fé vigorosa, uma alta capacidade de consolar, de esclarecer, de amar e de servir. Exigir isso dele seria uma insensatez, visto que lhe falta a necessária experiência. É razoável, contudo, esperar que ele apresente o sincero propósito de aprender, o desejo honesto de se aprimorar e boa vontade em servir e atender seus semelhantes.

8. Os pressupostos mencionados no item anterior são básicos para que, na atividade de intercâmbio espiritual, os Espíritos superiores encontrem seriedade de propósito nos participantes e tenham, assim, meios e razões para participar com utilidade desses trabalhos.

Na atividade mediúnica, disciplina e perseverança são também essenciais

9. O escolho com que topa a maioria dos médiuns principiantes é o de terem de haver-se com Espíritos inferiores, e devem dar-se por felizes quando não são Espíritos levianos. Por causa disso, é preciso que tenham a máxima atenção para que tais Espíritos não assumam o predomínio na tarefa, porquanto, se isso ocorrer, nem sempre lhes será fácil desembaraçar-se.

10. A primeira condição é colocar-se o médium, com fé sincera, sob a proteção de Deus e rogar a assistência do seu protetor espiritual. A segunda condição é aplicar-se com metuculoso cuidado a reconhecer, por todos os indícios que a experiência faculta, qual a natureza dos Espíritos que se comunicam primeiramente por seu intermédio.

11. Os médiuns iniciantes precisam compreender, ainda, que na mediunidade não existe conhecimento real onde o tempo não consagrou a aprendizagem e que são nobres todos os encargos em que a luz da caridade preside às realizações. Os fluidos úteis, as vibrações disseminadas pelo ambiente de um Centro Espírita pelos cuidados dos benfeitores invisíveis, são elementos essenciais e hão de conservar-se imaculados. Eis por que a Espiritualidade esclarecida recomenda que tenhamos o máximo respeito nas assembleias espíritas, em que jamais devem penetrar a frivolidade, a inconsequência, a maledicência, a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, que são manifestações inferiores do caráter humano, cujo magnetismo atrai para tais assembleias bandos de entidades hostis e malfeitoras, que acabam influenciando nos trabalhos que ali se realizam.

12. Cabe-nos por fim observar que, se nas atividades terrenas não conseguimos bons resultados a não ser por meio do trabalho, da disciplina e da perseverança, com muito maior razão teremos que nos empenhar nas atividades espirituais e mediúnicas, para alcançarmos um relativo conhecimento real da prática mediúnica, com disciplina e perseverança, aliadas à humildade e ao conhecimento claro dos princípios doutrinários.

Questões para fixação da leitura

1. Qual é o significado exato desta frase: “a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos”?

A frase em questão indica que é através da mente que se manifestam os valores adquiridos pelo Espírito, suas experiências acumuladas, suas virtudes, seus conhecimentos, seus defeitos, tanto quanto o amor e o ódio. Essas características intrínsecas do Espírito exteriorizam-se através da mente e definem o grau de evolução em que ele se encontra, a faixa vibratória em que vive.

2. Ensina o Espiritismo que todos os seres vivos respiram na onda de psiquismo dinâmico que lhes é peculiar. Esse psiquismo depende ou independe dos centros nervosos da criatura humana?

Ele independe dos centros nervosos, pois flui diretamente da mente e condiciona todos os fenômenos da vida orgânica em si mesma.

3. Você concorda com este pensamento: “Mediunidade não basta por si só; é imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos, para conhecer da qualidade do nosso trabalho e ajuizar da nossa direção”?

Sim, porque é a aplicação dada à faculdade mediúnica que realmente importa.

4. Não se deve esperar do iniciante, do médium aprendiz, uma fé vigorosa, uma alta capacidade de consolar, de esclarecer, de amar e de servir. Exigir isso seria uma insensatez. Que é que seria razoável esperar do médium principiante?

O que se espera do médium principiante é que apresente o sincero propósito de aprender, o desejo honesto de se aprimorar e boa vontade em servir e atender seus semelhantes.

5. Por que nós, adeptos do Espiritismo, precisamos ter nas assembleias espíritas o máximo respeito, evitando que ali penetrem a frivolidade, a intriga, o mundanismo?

São dois os motivos. O primeiro: os fluidos úteis, as vibrações disseminadas pelo ambiente de um Centro Espírita pelos cuidados dos benfeitores invisíveis, são elementos essenciais e devem conservar-se imaculados. O segundo: a frivolidade, a intriga e comportamentos semelhantes são manifestações inferiores do caráter humano, cujo magnetismo atrai para as assembleias bandos de entidades hostis e malfeitoras, que acabam influenciando nos trabalhos que ali se realizam.

Sintomas precursores da mediunidade

Sumário: Finalidade das faculdades mediúnicas. Sintomas precursores da mediunidade. Causas das dificuldades que os médiuns enfrentam no início de suas tarefas. A mediunidade como instrumento de progresso.

A mediunidade manifesta-se por toda a parte, nos mais diferentes lugares

1. A mediunidade, na maioria das vezes, é um dom que o Espírito pede diante da sua necessidade de, uma vez encarnado, conscientizar-se de forma indelével de sua condição de Espírito eterno. Ele é também instrumento de agiliação do seu progresso espiritual.

2. É por causa disso que, independentemente das próprias convicções, muitas vezes contrárias à realidade espiritual, surge a faculdade mediúnica ampliando a sensibilidade do homem para a percepção do ambiente espiritual que o circunda, de modo que, atendendo a esse objetivo, ela se manifesta em crianças e em velhos, em homens e em mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e o nível moral das pessoas.

3. Ignorando, muitas vezes, os recursos mediúnicos de que é dotado, o indivíduo começa então a sentir-se envolto em problemas, geralmente sem causas definidas, tais como um mal-estar generalizado, o desequilíbrio emocional fácil, as enfermidades que aparecem e desaparecem sem explicações médicas claras, determinados desentendimentos no lar, problemas profissionais diversos e muitas outras formas de desarmonia pessoal, familiar, social e profissional.

4. É em tais situações que, pressionada pelas circunstâncias e sem encontrar solução na religião que professa, a

pessoa bate à porta do Centro Espírita, onde deve sempre ser recebida com os mais nobres sentimentos de solidariedade, compreensão, esclarecimento e ajuda.

Os sintomas precursores da mediunidade variam ao infinito

5. Algo bastante comum é o principiante espírita querer saber que tipo de faculdade mediúnica possui, e um dos recursos mais utilizados é procurar informar-se com os Espíritos por meio de outros médiuns, o que nem sempre é uma boa medida e não oferece segurança àquele que indaga, como explica Kardec em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XVII, item 205.

6. Os sintomas que anunciam a mediunidade variam ao infinito. Martins Peralva os enumera: reações emocionais insólitas, calafrios e mal-estar, sensação de enfermidade, irritações estranhas... Algumas vezes, porém, pode a faculdade mediúnica eclodir sem nenhum sintoma, espontânea, exuberante. É por isso que a paciência, a perseverança, a boa vontade, a humildade, o estudo e o trabalho constituem fatores de extrema valia na educação e no desenvolvimento da faculdade mediúnica.

7. Registre-se, no entanto, que o mais comum é vermos a mediunidade vinculada à dor, sobretudo no seu início, o que não é difícil de compreender, uma vez que vivemos em um mundo de expiações e provas, habitado por seres encarnados e desencarnados com os quais nos afinizamos e em quem predomina a imperfeição moral, expressa na forma de inveja, ciúme, ódio, despeito, vingança e tantos outros filhos do orgulho e da ignorância. São as vibrações decorrentes dessas imperfeições que o médium iniciante, com a sensibilidade ampliada, passa a sentir, sem ter ainda condições de lhes oferecer resistência, o que lhe virá posteriormente com o trabalho nobre, a perseverança no bem, o estudo sério, a oração e a vigilância.

8. Conquanto existam no mundo médiuns que vieram ao orbe com tarefas importantes definidas, os médiuns não

são, em sua generalidade, missionários na acepção comum do termo. São, em grande número de casos, almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram sobremaneira o curso das leis divinas e que resgatam seu passado obscuro e delituoso, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades. Essas palavras, grafadas por Emmanuel, fazem parte do livro *Emmanuel*, cap. XI, que Chico Xavier psicografou.

A faculdade mediúnica constitui um instrumento de progresso valioso

9. Arrependidos, esses Espíritos procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia. Não é, pois, de admirar que as existências dos médiuns em geral têm-se constituído em romances dolorosos, em vidas de amarguras e dificuldades, em histórias repletas de provações, continências e desventuras.

10. Em tais casos, a mediunidade não é uma conquista do Espírito para a eternidade, mas uma concessão temporária, que constitui um instrumento extremamente valioso, embora difícil e complexo, o qual, se bem aproveitado, ensinará ao indivíduo uma ascensão espiritual mais rápida e o libertará dos débitos acumulados no passado.

11. A mediunidade é, bem se vê, uma prova muitas vezes dolorosa, mas sempre necessária ao enriquecimento espiritual da pessoa. A exemplo dos "talentos" de que nos fala o Evangelho, dependendo do que fizer com ela, o médium granjeará "talentos" maiores e mais nobres, observando-se sempre, nesse particular, a regra evangélica de que a cada um será dado sempre de acordo com o seu merecimento.

12. Todos somos médiuns, asseverou o codificador do Espiritismo, mas nem sempre possuímos uma faculdade operante capaz de ser transformada ou caracterizada como mediunidade-tarefa. Nesse caso, todos os esforços por desenvolvê-la serão infrutíferos. Não devemos, no entanto,

deixar-nos envolver pelo desânimo e, sim, abraçar com alegria outras tarefas na seara espírita, até mesmo nas reuniões mediúnicas, onde há espaço para a atuação dos médiuns passistas e dos médiuns esclarecedores, convictos de que, independentemente de possuímos ou não uma mediunidade produtiva, o objetivo fundamental da nossa presença no mundo é servir sempre e fazer a parte que nos cabe na obra do Criador.

Questões para fixação da leitura

1. Por que a algumas pessoas é concedida a faculdade mediúnica?

A mediunidade é, na maioria das vezes, um dom que o Espírito pede diante da sua necessidade de, uma vez encarnado, conscientizar-se de forma indelével de sua condição de Espírito eterno. Esse dom é também instrumento de agilização do seu progresso espiritual. Eis por que a faculdade mediúnica é concedida a determinadas pessoas.

2. Quais são os sintomas precursores da mediunidade?

Os sintomas que anunciam a mediunidade variam ao infinito. Martins Peralva os enumera: reações emocionais insólitas, calafrios e mal-estar, sensação de enfermidade, irritações estranhas... Algumas vezes, porém, pode a faculdade mediúnica eclodir sem nenhum sintoma, espontânea, exuberante. É por isso que a paciência, a perseverança, a boa vontade, a humildade, o estudo e o trabalho constituem fatores de extrema valia na educação e no desenvolvimento da faculdade mediúnica.

3. Por que a maioria dos médiuns, sobretudo no início das suas tarefas na mediunidade, se envolve com problemas diversos ligados às suas faculdades?

Esse fato não é difícil de compreender, uma vez que vivemos em um mundo de expiações e provas, habitado por

seres encarnados e desencarnados com os quais nos afinizamos e em quem predomina a imperfeição moral, expressa na forma de inveja, ciúme, ódio, despeito, vingança e tantos outros filhos do orgulho e da ignorância. São as vibrações decorrentes dessas imperfeições que o médium iniciante, com a sensibilidade ampliada, passa a sentir, sem ter ainda condições de lhes oferecer resistência, o que lhe virá posteriormente com o trabalho nobre, a perseverança no bem, o estudo sério, a oração e a vigilância.

4. Os médiuns, em sua generalidade, podem ser considerados missionários na acepção comum do termo?

Não. Embora existam no mundo médiuns que vieram ao orbe com tarefas importantes definidas, os médiuns não são, em sua generalidade, missionários na acepção comum do termo. São, em grande número de casos, almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram sobremaneira o curso das leis divinas e que resgatam seu passado obscuro e delituoso, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, como informa Emmanuel em seu livro *Emmanuel*, cap. XI, que Chico Xavier psicografou.

5. Por que a existência de muitos médiuns é pontilhada de dificuldades, provações e desventuras?

Conforme foi dito na resposta anterior, os Espíritos que fracassaram no passado, uma vez arrependidos, procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia. Eis por que as existências de muitos médiuns constituem-se, de um modo geral, em romances dolorosos, em vidas de amarguras e dificuldades, em histórias repletas de provações, continências e desventuras.

Educação e formação do médium

Sumário: Fatores que influenciam a prática da mediunidade. Um fato comum no processo de iniciação mediúcnica. Que se espera do médium que aspira ao intercâmbio com os sábios desencarnados. Qual é a primeira necessidade do médium.

A educação mediúcnica é fruto de uma lenta e laboriosa iniciação

1. A prática mediúcnica, além de subordinada a leis que regem o relacionamento e o comportamento dos seres que habitam este e o outro mundo, envolve uma série de fatores inerentes à personalidade do médium, do Espírito comunicante e dos demais participantes da sessão mediúcnica. É por isso que tudo o que diga respeito ao mundo físico, ao mundo espiritual e ao mundo íntimo dos participantes de uma sessão exerce influência na atividade mediúcnica.

2. Faz-se necessário, portanto, não apenas compreender o fenômeno mediúcnico, mas promover a educação do aprendiz da mediunidade, o qual, admitido a construções de ordem superior, é convidado ao discernimento e à disciplina, para que se lhe aclarem e aprimorem as faculdades. Para tanto, é indispensável que ele se esclareça nos princípios salutares e libertadores da Doutrina Espírita.

3. Médiuns para a produção de fenômenos surgem de toda a parte e de todas as posições. Médiuns para edificação do aprimoramento e da felicidade entre as criaturas são apenas aqueles que se fazem autênticos servidores da Humanidade.

4. Nada de importante, como sabemos, se adquire sem trabalho. Uma lenta e laboriosa iniciação impõe-se aos que buscam os bens superiores. Um fato, porém, que todos de-

vem ter presente é que a formação e o exercício da mediunidade encontrarão sempre dificuldades, o que não é difícil de entender, visto que uma multidão de Espíritos pouco adiantados nos cerca, ávidos de se comunicarem com os homens, o que explica a sucessão de comunicações mediúnicas sem valor, triviais e às vezes inconvenientes, que impacientam e desanimam os principiantes.

Mediunidade não é disposição da carne transitória, mas expressão do Espírito

5. Decepções e dissabores inúmeros seriam evitados se compreendêssemos que a mediunidade percorre fases sucessivas e que, no período inicial do seu desenvolvimento, é o médium envolvido sobretudo por Espíritos de ordem inferior, cujos fluidos, ainda impregnados da matéria terrestre, se adaptam melhor aos fluidos do mediano encarnado.

6. Só mais tarde, quando a faculdade mediúnica se encontra suficientemente desenvolvida, é que os Espíritos elevados podem intervir e utilizá-la para um fim mais nobre. Obviamente, não se deve concluir que todos os médiuns, no início do seu trabalho, transmitam obrigatoriamente mensagens de Espíritos inferiores. Essa constitui, segundo Léon Denis, a regra, mas, evidentemente, existem as exceções.

7. O fato sugere que, paralelamente ao estudo do Espiritismo, deve o médium empenhar-se para que ocorra a sua reforma moral e se esforce pela vivência dos ensinamentos evangélicos. Esse é o sentido das seguintes palavras ditas pelo instrutor Alexandre, conforme podemos ler no cap. 9, p. 103, do livro *Missionários da Luz*, de André Luiz:

“Se aspirais ao desenvolvimento superior, abandonai os planos inferiores. Se pretendeis o intercâmbio com os sábios, cresci no conhecimento, valorizai as experiências, intensificai as luzes do raciocínio! Se aguardais a companhia sublime dos santos, santificai-vos na luta de

cada dia, porque as entidades angélicas não se mantêm insuladas nos júbilos celestes e trabalham também pelo aperfeiçoamento do mundo, esperando a vossa angelização! Se desejais a presença dos bons, tornai-vos bondosos por vossa vez!”

8. Esclarecem os instrutores espirituais que a perseverança no compromisso assumido e o recolhimento íntimo, com desapego natural das paixões inferiores e dos artifícios secundários da vida social, produzem uma liberação das matrizes dos registros psíquicos, aos quais se adaptam as tomadas mentais dos Benfeitores espirituais, estabelecendo-se com isso um seguro intercâmbio.

A mediunidade é coisa santa e deve ser praticada santamente

9. Como a mediunidade em si mesma é neutra e reflete o nível moral de quem a pratica, é justo concluir que a atividade mediúnica exercida pelo espírita deve refletir a moral espírita. E sendo a moral espírita a expressão do Evangelho, a prática mediúnica espírita deve ser a vivência plena e consciente dos ensinamentos cristãos. O candidato ao mediunato espírita deve ter, portanto, entre os seus primeiros deveres, o estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita.

10. Adverte Emmanuel, na questão 387 do seu livro “O Consolador”, que a primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, porque, se não o fizer, poderá esbarrar com o fantasma do personalismo em detrimento de sua missão. A mediunidade colocada a serviço de Jesus torna o mediano dócil e submisso ao trabalho superior.

11. Quem deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, fazer o que for preciso para granjear a benevolência dos bons Espíritos, ou

seja, cultivar as virtudes que os atraem, tais como a humildade, o devotamento, a abnegação e o mais absoluto desinteresse moral e material.

12. O médium precisa evangelizar-se para tornar-se instrumento de melhoria espiritual que beneficiará não apenas a si mesmo, mas também todos os que se encontrem à sua volta. A mediunidade – ensina o Codificador do Espiritismo – é coisa santa e deve ser praticada santamente, o que significa exercitá-la com assiduidade, pontualidade e fidelidade a Jesus e a Kardec.

Questões para fixação da leitura

1. Que fatores influenciam a prática da mediunidade?

Esses fatores estão ligados à personalidade do médium, do Espírito comunicante e dos demais participantes da sessão mediúnica. Eis por que tudo o que diga respeito ao mundo físico, ao mundo espiritual e ao mundo íntimo dos participantes de uma sessão exerce influência na atividade mediúnica.

2. Há um fato praticamente geral que ocorre no processo de formação e iniciação dos médiuns. Qual é esse fato?

O fato, que todos devem ter presente, é que a formação e o exercício da mediunidade encontrarão sempre dificuldades, o que não é difícil de entender, visto que uma multidão de Espíritos pouco adiantados nos cerca, ávidos de se comunicarem com os homens, o que explica a sucessão de comunicações mediúnicas sem valor, triviais e às vezes inconvenientes, que impacientam e desanimam os principiantes.

3. Que é que o instrutor Alexandre recomenda aos médiuns que aspiram ao desenvolvimento superior e ao intercâmbio com os sábios desencarnados?

A recomendação do instrutor é clara e objetiva: "Se aspirais ao desenvolvimento superior, abandonai os planos inferiores. Se pretendeis o intercâmbio com os sábios, cresci no conhecimento, valorizai as experiências, intensificai as luzes do raciocínio! Se aguardais a companhia sublime dos santos, santificai-vos na luta de cada dia, porque as entidades angélicas não se mantêm insuladas nos júbilos celestes e trabalham também pelo aperfeiçoamento do mundo, esperando a vossa angelização! Se desejais a presença dos bons, tornai-vos bondosos por vossa vez!"

4. É certo dizer que a mediunidade em si mesma é neutra?

Sim.

5. Qual é, no dizer de Emmanuel, a primeira necessidade do médium?

Diz Emmanuel que a primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, porque, se não o fizer, poderá esbarrar com o fantasma do personalismo em detrimento de sua missão.

A influência do médium na comunicação espírita

Sumário: Influência do médium nas comunicações mediúnicas. Conceito de passividade e médium passivo. Diferença essencial entre médium psicógrafo intuitivo e o mecânico. Importância da elevação moral na prática da mediunidade.

O médium é passivo quando não mistura suas ideias com as do Espírito

1. Sendo a mediunidade, basicamente, um processo de comunicação que tem no médium o seu instrumento de intermediação, não é difícil entender que a mensagem comunicada sofrerá sempre uma maior ou menor influência do mediano. É isso que o Espiritismo nos ensina e o que a prática vem demonstrando. A alma do médium exerce, efetivamente, influência nas comunicações mediúnicas e pode até mesmo alterar-lhes o conteúdo e assimilá-las às suas próprias ideias e pendores.

2. Esse complexo aspecto da mediunidade pode levar alguns iniciantes mais afoitos à incredulidade. Devemos, contudo, entender que, pela sua própria característica, essa influência faz parte do seu funcionamento, uma vez que, por mais passivo que seja o médium, deverá ter sempre uma postura de vigilância durante o processo mediúnico para o adequado uso de sua faculdade, o que implica acompanhar toda a manifestação mediúnica de uma forma mais ou menos acentuada.

3. O conceito de passividade mediúnica é tratado por Kardec em *O Livro dos Médiuns*, item 223, em que aprendemos que o médium é passivo quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica. En-

tenda-se, porém, que o papel do médium nunca é inteiramente nulo e seu concurso é sempre indispensável, ainda que se trate de médiuns mecânicos. Em face disso, inexistente a passividade absoluta.

4. Nos processos de comunicação mediúnica inconsciente, em que o Espírito comunicante utiliza-se dos recursos do médium sem fazer a mensagem passar totalmente pelo seu pensamento, o grau de influência do medianeiro é bem mais reduzido, diferentemente do que ocorre quando se trata de comunicação consciente, em que a mensagem é transmitida via pensamento do médium. É por isso que, no tocante aos médiuns escreventes ou psicógrafos, o ensino espírita os classifica em três variedades bem distintas: médiuns mecânicos, intuitivos e semimecânicos.

Há grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração

5. No caso dos médiuns mecânicos, o Espírito comunicante age diretamente sobre a mão do médium, impulsionando-a. Neste gênero de mediunidade, o médium não tem nenhum conhecimento do que a sua mão escreve, uma vez que o movimento dela independe da sua vontade e para quando o Espírito assim o deseja. Registre-se, porém, que mesmo nesses casos a influência do médium jamais é nula.

6. No caso dos médiuns intuitivos, o Espírito comunicante utiliza-se do Espírito do médium para transmitir a mensagem, identificando-se com ele e imprimindo-lhe sua vontade e suas ideias. Este gênero de mediunidade permite ao Espírito do médium tomar conhecimento prévio do que vai escrever.

7. Um fato curioso, no entanto, ocorre nesse gênero de comunicação, porque, embora perceba a presença e o pensamento do Espírito comunicante, o médium sente, muitas vezes, dificuldade em distinguir seu pensamento do que lhe é sugerido. E quando a dúvida se instala de forma mais acentuada, a mensagem fica praticamente prejudicada.

Neste gênero de mediunidade, a influência do medianeiro é, como foi dito anteriormente, muito mais acentuada.

8. Há grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração. A diferença consiste em que a primeira se restringe quase sempre a questões de atualidade, podendo o médium, por intuição, tratar de um assunto que lhe seja inteiramente estranho. A inspiração estende-se por um campo mais vasto e, geralmente, vem em auxílio das capacidades e das preocupações do encarnado.

O médium semimecânico sabe o que escreve à medida que as palavras se formam

9. No caso dos médiuns semimecânicos, também chamados de semi-intuitivos, verifica-se uma situação intermediária entre o mecânico e o intuitivo. O Espírito comunicante age diretamente sobre a mão do médium e, ao mesmo tempo, lhe permite conhecer o que está escrevendo à medida que as palavras se formam. Neste gênero de mediunidade, a influência do médium é também intermediária, ou seja, não é tão acentuada como no caso dos médiuns intuitivos nem tão reduzida como no caso dos médiuns mecânicos.

10. Além desse tipo de influência relacionada com a execução da prática mediúnica, ocorre ainda uma influência maior do médium no tocante ao aspecto moral do exercício da faculdade mediúnica. Reconhecendo-se o fato de que toda atividade mediúnica assenta-se no princípio da afinidade, não é difícil compreender a relevância dessa influência.

11. Quanto mais elevado moralmente for o medianeiro, maior afinidade terá ele com Espíritos de maior envergadura moral e poderá, desse modo, receber comunicações de conteúdo mais elevado.

12. Eis aí o motivo da conhecida recomendação, contida no item 227 de *O Livro dos Médiuns*, para que cultivemos as virtudes que atraem os bons Espíritos, ou seja, a bondade,

a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo e o desprendimento das coisas materiais, e evitemos tudo quanto possa repeli-los, como o orgulho, o egoísmo, a inveja, a ciúme, a cupidez, o ódio, a sensualidade e todas as paixões que ligam o homem à matéria.

Questões para fixação da leitura

1. Podemos considerar normal a influência do médium nas comunicações mediúnicas que receba?

Sim. Sendo a mediunidade, basicamente, um processo de comunicação que tem no médium seu instrumento de intermediação, não é difícil entender que a mensagem comunicada sofrerá sempre uma maior ou menor influência do medianeiro.

2. Que é um médium passivo?

O conceito de passividade mediúnica é tratado por Kardec em *O Livro dos Médiuns*, item 223, em que aprendemos que o médium é passivo quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica.

3. Em se tratando de mediunidade, a passividade absoluta é possível?

Não. O papel do médium nunca é inteiramente nulo e seu concurso é sempre indispensável, ainda que se trate de médiuns mecânicos. É por isso que se diz que não existe, em se tratando de mediunidade, passividade absoluta.

4. Que diferença essencial há entre o médium psicógrafo intuitivo e o médium psicógrafo mecânico?

No caso do médium psicógrafo intuitivo, o Espírito comunicante utiliza-se do Espírito do médium para transmitir a mensagem, identificando-se com ele e imprimindo-lhe sua vontade e suas ideias. Este gênero de mediunidade permite ao Espírito do médium tomar conhecimento prévio do que vai escrever, fato que não ocorre no caso dos médiuns me-

cânicos, em que o Espírito comunicante age diretamente sobre a mão do médium, impulsionando-a. Neste gênero de mediunidade, o médium não tem nenhum conhecimento do que a sua mão escreve, uma vez que o movimento dela independe da sua vontade.

5. Além da influência relacionada com a execução do fenômeno mediúnico, pode haver uma influência moral do médium no exercício das suas faculdades?

Sim. Além da influência relacionada com a execução da prática mediúnica, ocorre ainda uma influência maior do médium no tocante ao aspecto moral do exercício da faculdade mediúnica. Quanto mais elevado moralmente for o médium, maior afinidade terá ele com Espíritos de maior envergadura moral e poderá, desse modo, receber comunicações de conteúdo mais elevado.

Sono e sonhos

Sumário: Em que consiste a emancipação da alma. Finalidade principal do sono. Fato importante que o sono possibilita às pessoas. Os sonhos: que significam e o que provam. Motivo pelo qual nem sempre sonhamos.

O sono é necessário ao refazimento das energias físicas

1. Chama-se emancipação da alma o desprendimento do Espírito encarnado, o que lhe possibilita afastar-se momentaneamente do corpo físico a que se encontra ligado. É preciso entender, porém, que durante a existência corporal nunca o Espírito se acha completamente separado do corpo. Existe a ligá-los o veículo perispiritual e é por meio desse laço que o Espírito recebe o aviso, qualquer que seja a distância a que se ache do corpo material, de que se faz necessária a sua presença. Seu retorno ao invólucro corporal faz-se então com a rapidez do relâmpago.

2. A emancipação da alma é fenômeno que pode ocorrer em várias circunstâncias da existência corporal. O sono é uma delas, o qual é, para a grande maioria das pessoas, o estado em que o corpo material repousa para refazimento das suas energias físicas.

3. Se a atividade do Espírito, valendo-se do seu instrumento corpóreo, fosse incessante, sem nenhuma trégua, o corpo seria levado à exaustão e, por consequência, à morte. Foi por isso que Deus, em sua sabedoria, estabeleceu na existência humana a fase noturna do sono, na qual o corpo físico repousa e pode, assim, reparar suas energias.

4. O sono tem, contudo, uma significação muito mais profunda e consequências muito mais amplas no conjunto integral da vida humana. Enquanto o corpo material jaz

adormecido, não necessitando da presença do Espírito para comunicar-lhe atividades físicas ou mentais, este se liberta, afasta-se do corpo, reintegra-se em suas faculdades perceptivas e ativas diretas, passando a agir a distância. É comum, logo que se desprendem da matéria, irem os Espíritos, durante o sono, para junto de seres que lhes são afins e mesmo superiores, com os quais viajam, conversam e se instruem.

Durante o sono, a alma não repousa como o corpo físico

5. Evidentemente, há muitos que, enquanto o corpo repousa, vão a mundos inferiores à Terra ou a regiões espirituais do próprio planeta onde os chamam velhas afeições, em busca de gozos muitas vezes mais baixos do que os conhecidos em nosso mundo e com os quais se deleitam.

6. Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em contato com o mundo dos Espíritos, e essa é uma das razões que fazem com que os Espíritos superiores concordem, sem grande repugnância, em reencarnar entre nós. Quis Deus que, tendo de entrar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem. O sono é a porta que Deus lhes concede para que possam ir ter com seus amigos espirituais. É uma espécie de recreio depois do trabalho, enquanto aguardam a grande libertação que os restituirá ao meio que lhes é próprio.

7. Entendamos, assim, do modo mais claro possível em assunto tão delicado: Durante o sono, a alma não repousa como o corpo. O Espírito jamais está inativo. Estando afrouxados os laços que o prendem ao corpo material, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos, sejam estes amigos, familiares ou companheiros de trabalho. E desse fato temos o testemunho dos sonhos, uma experiência conhecida e vivenciada por muitas pessoas.

8. Com efeito, se o corpo físico dorme, como pode o indivíduo, durante o sono, sentir-se vivo, movimentar-se, perceber ambientes diversos e entrar em relação com outras pessoas, até mesmo com criaturas que já partiram para o mundo espiritual? Que são os sonhos senão o resultado de nossa atividade espiritual durante o sono?

Os sonhos são a prova de que a alma se emancipa durante o sono

9. Respondendo diretamente a uma questão formulada por Kardec a respeito do assunto, os Espíritos superiores ensinaram que é pelos sonhos que podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono corporal. O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono, o que tanto pode ser um fato ocorrido no passado como algo que ainda vá ocorrer na presente existência.

10. Nem sempre nos lembramos do que ocorre durante o sono devido à grosseria da matéria que compõe o nosso corpo físico, que dificilmente conserva as impressões registradas pelo Espírito, porque estas não lhe chegaram por intermédio dos órgãos corporais, mas sim por meio do veículo perispiritual.

11. Não é difícil compreender tal explicação. No estado de vigília, as percepções se fazem com o concurso da organização corporal. Os estímulos são selecionados pelos órgãos dos sentidos e transmitidos através das vias nervosas sensitivas ao cérebro, onde se gravam as impressões, para serem reproduzidas a cada evocação no fenômeno da memória biológica. No estado de sono, nada chega ao Espírito pelas vias corporais; as impressões não lhe passam pelo cérebro. Dada, porém, a permanência da ligação entre o Espírito e o corpo, nada impede que, excepcionalmente, as percepções da alma emancipada repercutam no cérebro e, então, ocasionalmente, o homem se lembra do que presenciou, viu ou ouviu durante o sono. Ele dirá então que sonhou.

12. Provam também a emancipação da alma durante o sono as visitas espíritas entre pessoas vivas, do que há vários relatos na literatura espírita, especialmente nos clássicos.

Questões para fixação da leitura

1. Que se entende por emancipação da alma?

Chama-se emancipação da alma o desprendimento do Espírito encarnado, o que lhe possibilita afastar-se momentaneamente do corpo físico a que se encontra ligado. A emancipação da alma é fenômeno que pode ocorrer em várias circunstâncias da existência corporal. O sono é uma delas.

2. Qual é a finalidade principal do sono?

Se a atividade do Espírito, valendo-se do seu instrumento corpóreo, fosse incessante, sem nenhuma trégua, o corpo seria levado à exaustão e, por consequência, à morte. Foi por isso que Deus estabeleceu na existência humana a fase noturna do sono, na qual o corpo físico repousa e pode, assim, reparar suas energias. Esse, o principal objetivo do sono.

3. Que outro fato importante o sono possibilita à criatura humana?

Enquanto o corpo material jaz adormecido, não necessitando da presença do Espírito para comunicar-lhe atividades físicas ou mentais, este se liberta, afasta-se do corpo, reintegra-se em suas faculdades perceptivas e ativas diretas, passando a agir a distância. Esse fato é que permite que os Espíritos, durante o sono, entrem em contato direto com seres que lhes são afins e mesmo superiores, com os quais viajam, conversam e se instruem.

4. Que são os sonhos?

Como vimos na questão anterior, durante o sono a alma não repousa como o corpo. O Espírito jamais está inativo.

Estando afrouxados os laços que o prendem ao corpo material, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos. O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono, o que tanto pode ser um fato ocorrido no passado como algo que ainda vá ocorrer na presente existência.

5. Por que nem sempre sonhamos?

Isso se dá porque nem sempre nos lembramos do que ocorre durante o sono devido à grosseria da matéria que compõe o nosso corpo físico, que dificilmente conserva as impressões registradas pelo Espírito, porque estas não lhe chegaram por intermédio dos órgãos corporais, mas sim por meio do veículo perispiritual.

Letargia, catalepsia e mortes aparentes

Sumário: Conceito de catalepsia e letargia. Distinção entre estado cataléptico e estado patológico. Fato que se passa no estado de letargia. Visão e audição durante a letargia e a catalepsia. A ressuscitação de Lázaro e da filha de Jairo.

A catalepsia e a letargia podem ser espontâneas ou provocadas

1. Os termos letargia e catalepsia têm sido empregados para designar estados diversos, espontâneos ou provocados, nos quais a característica comum é a diminuição da motilidade voluntária e da sensibilidade nervosa, fato que pode chegar até mesmo a uma aparente suspensão de todas as funções vitais. À época de Kardec, considerava-se a letargia a apresentação mais aguda desse estado. O letárgico nada ouve, nada sente, não vê o mundo exterior, e a própria consciência se lhe apaga, apresentando-se num estado que se assemelha à morte.

2. A catalepsia é a suspensão parcial ou total da sensibilidade e dos movimentos voluntários, conforme a intensidade menor ou maior do estado cataléptico. Embora alguns autores considerem patológico tal estado, outra é a opinião do Dr. Bezerra de Menezes (Espírito), que afirma que tanto a catalepsia como a letargia não são enfermidades físicas, mas faculdades que, como qualquer outra faculdade mediúnica insipiente, incompreendida ou descurada, podem tornar-se prejudiciais ao seu possuidor. O estudo que o Dr. Bezerra de Menezes fez sobre o assunto pode ser visto no cap. 1 do livro *Recordações da Mediunidade*, de Yvonne A. Pereira.

3. Degenerada em estado patológico, a catalepsia pode manifestar-se em diversas enfermidades, como na histeria, na epilepsia e em algumas formas de esquizofrenia, sempre

de modo intermitente, por acessos. Caracteriza esse estado, como dissemos, a perda mais ou menos completa da sensibilidade externa e dos movimentos voluntários, acompanhada de extrema rigidez dos músculos.

4. Como dito inicialmente, a catalepsia pode ocorrer naturalmente, sem uma causa aparente, ou ser provocada. Neste último caso, embora o paciente não consiga realizar atividade alguma voluntária, age sob a sugestão do operador, como um autômato nas mãos do magnetizador, sem liberdade de ação e movimentos. Nesse estado, ele não fala, não ouve, não pensa, senão por determinação do experimentador, que pode fazê-lo rir, chorar, gritar, sentir calor ou frio, etc.

Na letargia, o paciente jaz imóvel, como se morto estivesse

5. Diferente é o que se passa com o letárgico, que jaz imóvel, com os membros pendentes, moles e flácidos, sem rigidez alguma, de modo que, se erguido, cairá pesadamente quando solto. Nesse estado, sua respiração e o pulso são quase imperceptíveis e as pupilas, mais ou menos dilatadas, não reagem mais à luz. Com o sensorio totalmente adormecido, a inércia da mente parece absoluta.

6. Há, no entanto, uma modalidade de letargia em que a atividade psíquica interna se desenvolve como de ordinário, como descreve José Lapponi em seu livro *Hipnotismo e Espiritismo*. Em casos assim, o paciente percebe e compreende o que está ocorrendo, mas não consegue exprimir aos outros o que realmente sente no seu ímo. A esta variedade de letargo os especialistas dão o nome de letargia lúcida.

7. É dentro da letargia, em qualquer de suas modalidades, que se incluem os casos de mortes aparentes registrados na História e também nas Escrituras. Entre os casos que constituem exemplos clássicos de letargia lúcida cita-se o do Cardeal Donnet, que quase foi enterrado vivo quando nesse estado.

8. Ensina o Espiritismo que os letárgicos e os catalépticos, em geral, veem e ouvem o que em derredor se passa, embora não possam exprimir o que então observam. Essas percepções se devem ao Espírito, que tem plena consciência de si e das coisas que estão ocorrendo, mas não pode comunicar-se, em face do estado especial que acometeu o veículo corporal.

A ressuscitação só é possível se a morte não está completa

9. O Novo Testamento refere casos de ressuscitação que se tornaram célebres ao tempo de Jesus, como os episódios que envolveram o filho de uma viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro, irmão de Marta e Maria. É evidente, observam os estudiosos espíritas, que tais casos não passaram do conhecido fenômeno de morte aparente, em que, possivelmente em estado de letargia ou catalepsia, aquelas três pessoas foram consideradas mortas.

10. Nesse estado, o corpo ainda vive, porquanto há nele funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade encontra-se em estado latente, como na crisálida, mas não aniquilada. Se o corpo está vivo, o Espírito se lhe acha ligado. Por isso, se um indivíduo, aparentemente morto, volve à vida, é porque não era completa a morte.

11. Se a morte não está completa, podem reatar-se, por meio de cuidados dispensados a tempo, os laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que morreria, se não fosse socorrido. Esse fato foi o que se deu nos episódios narrados pelos evangelistas e não há dúvida de que o magnetismo exerceu um papel preponderante no caso, visto que, restituindo ao corpo enfraquecido o fluido vital de que ele carece, pode a ação magnética contribuir para que o ressuscitamento se dê, o que não constitui em absoluto um prodígio ou um milagre.

12. Dos casos citados, parece-nos que o de Lázaro é o que melhor se enquadra como letargia ou catalepsia completa, porquanto, estando sepultado por vários dias, o irmão

de Marta voltou à vida graças ao prodigioso poder magnético de Jesus.

Questões para fixação da leitura

1. Em que consiste a catalepsia?

A catalepsia é a suspensão parcial ou total da sensibilidade e dos movimentos voluntários, conforme a intensidade menor ou maior do estado cataléptico.

2. A catalepsia pode ser catalogada como um estado patológico?

Não. Embora alguns autores considerem patológico tal estado, outra é a opinião do Dr. Bezerra de Menezes (Espírito), que afirma que tanto a catalepsia como a letargia não são enfermidades físicas, mas faculdades que, como qualquer outra faculdade medianímica insipiente, incompreendida ou descurada, podem tornar-se prejudiciais ao seu possuidor.

3. Que fato se dá nos estados de letargia?

O letárgico jaz imóvel, com os membros pendentes, moles e flácidos, sem rigidez alguma, de modo que, se erguido, cairá pesadamente quando solto. Nesse estado, sua respiração e o pulso são quase imperceptíveis e as pupilas, mais ou menos dilatadas, não reagem mais à luz. Com o sensorio totalmente adormecido, a inércia da mente parece absoluta.

4. Os catalépticos e os letárgicos podem ver e ouvir o que em derredor se passa?

Sim. Ensina o Espiritismo que os letárgicos e os catalépticos, em geral, veem e ouvem o que em derredor se passa, embora não possam exprimir o que então observam. Essas percepções se devem ao Espírito, que tem plena consciência de si e das coisas que estão ocorrendo, mas não pode comunicar-se, em face do estado especial que acometeu o veículo corporal.

5. Como explicar os casos de ressuscitação da filha de Jairo e de Lázaro, narrados nos Evangelhos?

Tais casos não passaram do conhecido fenômeno de morte aparente, em que, possivelmente em estado de letargia ou de catalepsia, aquelas pessoas foram consideradas mortas. Ora, nesses estados o corpo ainda vive, porquanto há nele funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade encontra-se em estado latente, como na crisálida, mas não aniquilada. Se o corpo está vivo, o Espírito se lhe acha ligado. Se a morte não está completa, podem reatar-se, por meio de cuidados dispensados a tempo, os laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que morreria, se não fosse socorrido.

No caso da filha de Jairo, enquanto todos choravam e se lamentavam, Jesus lhes disse: "Não choreis; a menina não morreu, mas dorme" (Lucas 8:52). Fato semelhante ocorreu quando chegou a Jesus e seus companheiros a notícia da morte de Lázaro, quando então o Mestre lhes falou: "Lázaro, nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo" (João 11:11).

Sonambulismo, êxtase e dupla vista

Sumário: Efeitos da emancipação da alma. O que caracteriza o sonambulismo. Em que consiste o êxtase. A dupla vista. Relação entre sonho, sonambulismo e dupla vista ou segunda vista.

No sonambulismo, é a alma do sonâmbulo que se movimenta e age

1. O sonambulismo, o êxtase e a dupla vista, a exemplo do sono, da catalepsia e da letargia, enquadram-se no capítulo que trata da emancipação da alma, como podemos ver na principal obra de Kardec, *O Livro dos Espíritos*.

2. No sonambulismo, o que o caracteriza é o fato de o indivíduo, embora dormindo, poder movimentar-se e agir, utilizando seu próprio corpo material, como se estivesse acordado. Ele se levanta, caminha e pratica atos próprios de sua vida com absoluta segurança e perfeição. Outra característica do fenômeno é o fato de perder o sonâmbulo, ao acordar, a lembrança do que fez dormindo.

3. No sonambulismo, analogamente ao que ocorre durante o sono, o Espírito do sonâmbulo se desprende e, uma vez emancipado, passa a ver com os olhos espirituais, com a particularidade de que, embora desprendido do corpo físico, continua exercendo uma força sobre ele. E o faz com grande segurança, como provam os fatos, a ponto de subir em telhados e caminhar à beira de precipícios, sem se acidentar. A respeito disso, Gabriel Delanne relata em seu livro *O Espiritismo perante a Ciência* alguns fatos muito interessantes, como o caso de um farmacêutico de Pavia que durante o sono levantava-se da cama e ia ao laboratório de sua farmácia, onde continuava a preparar as receitas ainda não atendidas.

4. Se o indivíduo continua a agir dormindo e tendo os olhos fechados, que se pode deduzir, senão que é sua alma quem age? E, de fato, assim o é porque, ao emancipar-se, o Espírito pode utilizar com maior facilidade as percepções que lhe são próprias, tal como nos ensina o Espiritismo quando diz que o sonambulismo natural é um estado de independência do Espírito mais completo do que o sonho, que não passaria, segundo os instrutores espirituais, de um estado de sonambulismo imperfeito.

O êxtase é uma forma de sonambulismo mais apurado

5. O sonambulismo pode ser induzido artificialmente pelos magnetizadores e o pioneiro dessa prática foi o médico austríaco Franz Anton Mesmer, que buscava nessa experiência uma forma de terapia alternativa. Em casos tais, pode o sonâmbulo entrar em contato com outros Espíritos que lhe transmitem o que devem dizer e suprem, desse modo, sua incapacidade. O fato se verifica principalmente nas prescrições médicas e há muitos relatos na literatura espírita dando conta de que, às vezes, o Espírito do sonâmbulo “vê” o mal e outro Espírito lhe indica o remédio, caracterizando uma forma de ação mediúnica na qual o sonâmbulo é o instrumento de outras inteligências desencarnadas.

6. Outra modalidade de emancipação da alma é o êxtase, que é, segundo o Espiritismo, um sonambulismo mais apurado, porquanto a alma do extático é ainda mais independente.

7. Se no sonho e no sonambulismo o Espírito anda em giro pelos mundos que nos rodeiam, no êxtase pode penetrar em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que lhe seja, porém, lícito ultrapassar certos limites. Aliás, se o Espírito em êxtase os transpusesse, partir-se-iam os laços que o prendem ao corpo material.

8. Pondo-se em contato com lugares e entidades tão elevados, é fácil entender que um resplendente e incomum fulgor chega a cercar o extático, produzindo-lhe um indefinível bem-estar, que lhe permite gozar antecipadamente a beatitude celeste, que somente em estados semelhantes pode vislumbrar.

A dupla vista, ou segunda vista, é a vista da alma

9. A dupla vista, igualmente chamada de segunda vista, é o nome que se dá ao fenômeno pelo qual certas pessoas, em perfeito estado de vigília, conseguem perceber cenas e fatos passados a distância ou exclusivamente na esfera espiritual.

10. Kardec perguntou aos instrutores espirituais se existe alguma relação entre o sonho, o sonambulismo e o fenômeno da dupla vista. Responderam os imortais que tudo isso é uma só coisa. O que se chama dupla vista é o resultado da libertação do Espírito sem que o corpo esteja adormecido. A dupla vista ou segunda vista, afirmam eles, "é a vista da alma".

11. Exemplos desses fatos existem inúmeros na literatura espírita, especialmente nos clássicos. Um deles é o que se passou com o vidente sueco Swedenborg, que podia ver e descrever com precisão Espíritos e cenas do mundo espiritual. A história registra também muitos casos dessa ordem, como o ocorrido com Apolônio de Tiana, que, estando a ensinar a seus discípulos em praça pública, interrompeu-se de repente, na atitude ansiosa de quem espera alguma grave ocorrência, e em seguida anunciou o assassinio de Domiciano, morto sob o punhal de um liberto.

Questões para fixação da leitura

1. Que circunstância caracteriza o sonambulismo?

O que o caracteriza é o fato de o indivíduo, embora dormindo, poder movimentar-se e agir, utilizando seu próprio corpo material, como se estivesse acordado. Ele se levanta, caminha e pratica atos próprios de sua vida com absoluta segurança e perfeição. Outra característica do fenômeno é o fato de perder o sonâmbulo, ao acordar, a lembrança do que fez dormindo.

2. No sonambulismo, como o indivíduo está dormindo, quem é que age?

É sua alma que age.

3. Que é o êxtase?

O êxtase é outra modalidade de emancipação da alma, uma espécie de sonambulismo mais apurado, porquanto a alma do extático é ainda mais independente.

4. Em que consiste o fenômeno da dupla vista?

A dupla vista, igualmente chamada de segunda vista, é o nome que se dá ao fenômeno pelo qual certas pessoas, em perfeito estado de vigília, conseguem perceber cenas e fatos passados a distância ou exclusivamente na esfera espiritual.

5. Existe alguma relação entre o sonho, o sonambulismo e o fenômeno da dupla vista?

Sim. Todos eles são formas de ocorrências derivadas da emancipação da alma. O que se chama dupla vista é o resultado da libertação do Espírito sem que o corpo esteja adormecido. A dupla vista ou segunda vista, afirmam eles, "é a vista da alma".

A obsessão e suas características

Sumário: A obsessão. Como se manifesta inicialmente a ação dos obsessores. Causas e fatores que favorecem a obsessão. Relação entre a obsessão e o alcoolismo. Consequências do descaso para com as influências espirituais negativas.

Na obsessão, os obsessores agem inicialmente de maneira sutil

1. Como consequência da inferioridade moral da população do nosso planeta, são muito numerosos os Espíritos inferiores que habitam o plano dos desencarnados. A ação desses Espíritos, capaz de influenciar nossos pensamentos e nossos atos, constitui parte integrante das dificuldades enfrentadas pela Humanidade.

2. Um dos resultados dessa ação negativa é a obsessão, que pode ser definida como o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. No livro *A Gênese*, Kardec conceitua obsessão como a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo.

3. Essa ação – explica o Codificador do Espiritismo – pode variar desde uma simples influência moral até a perturbação completa do organismo, inclusive de ordem mental. As faculdades mediúnicas, é fácil entender, tornam-se bastante prejudicadas pela obsessão. A razão é simples: os Espíritos obsessores são sempre de natureza inferior, visto que os bons Espíritos não se preocupam em constranger ou dominar pessoas.

4. No processo obsessivo os Espíritos obsessores agem, inicialmente, de maneira sutil, interferindo gradativa e progressivamente na mente do encarnado, podendo atingir, em certo tempo, situações extremas de completo domínio.

Como fatores da obsessão alinham-se as imperfeições morais e os vícios

5. A ação do Espírito obsessor pode ser reconhecida, no início, como uma força psíquica a interferir nos processos mentais, uma vontade dominada por outra vontade, ou uma inquietação crescente sem motivo aparente.

6. Da mesma forma que as enfermidades orgânicas se instalam onde existe carência nos mecanismos de defesa, a obsessão manifesta-se nas mentes cujas imperfeições morais e atitudes do pretérito e do presente deixaram marcas profundas no Espírito.

7. Alguns vícios, no entanto, devem ser alinhados entre os fatores que favorecem a obsessão, por se constituírem em dano para o corpo e para a mente: o alcoolismo, o uso de drogas, a sexualidade desequilibrada, tanto quanto a glutoneria, a maledicência, a ira, o ciúme, a inveja, a avareza e o egoísmo.

8. O alcoolismo, pelas consequências orgânicas, morais e sociais que acarreta, é veículo de obsessões cruéis que permite a alcoólatras desencarnados o vampirismo, com sérias lesões na organização fisiopsíquica.

As imperfeições morais são estradas de acesso à influência negativa

9. As drogas, ao atuarem no sistema nervoso, permitem o ressurgimento de impressões do pretérito, as quais, misturadas às frustrações do presente, desequilibram a emotividade, oferecendo vasto campo de atuação para os desencarnados em desespero emocional.

10. A sexualidade desequilibrada permite a sintonia com consciências desencarnadas que vivem em indescritível aflição e que se hospedam nas mentes encarnadas, absorvendo energias vitais e gerando obsessões degradantes.

11. A glutoneria, a maledicência, a ira, o ciúme, a inveja, a avareza e o egoísmo são igualmente – como todas as im-

perfeições morais – estradas de acesso para Espíritos de natureza inferior que, num processo de sintonia, banqueteam-se com as nossas imperfeições, influenciando nossos pensamentos e nossas ações.

12. Não sendo combatida ou neutralizada, essa influência torna-se cada vez mais persistente, constituindo-se em um processo obsessivo que pode assumir formas mais ou menos graves e levar a pessoa até mesmo à loucura.

Questões para fixação da leitura

1. Como o Espiritismo conceitua a obsessão?

A obsessão pode ser definida como o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. No livro *A Gênese*, Kardec a conceitua como a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo.

2. No início de um processo obsessivo, como se manifesta a ação dos obsessores?

Os Espíritos obsessores agem, inicialmente, de maneira sutil, interferindo gradativa e progressivamente na mente do encarnado. Essa ação pode ser reconhecida, então, como uma força psíquica a interferir nos processos mentais, uma vontade dominada por outra vontade, ou uma inquietação crescente sem motivo aparente.

3. Que fatores favorecem a obsessão?

As imperfeições morais do indivíduo e determinados vícios são os fatores que favorecem a obsessão, por se constituírem em dano para o corpo e para a mente: o alcoolismo, o uso de drogas, a sexualidade desequilibrada, tanto quanto a glotoneria, a maledicência, a ira, o ciúme, a inveja, a avareza e o egoísmo.

4. Existe alguma relação entre obsessão e certos vícios como o alcoolismo e a glotoneria?

Sim. O alcoolismo, a glotoneria, a maledicência, a ira, o ciúme, a inveja, a avareza e o egoísmo são igualmente –

como todas as imperfeições morais – estradas de acesso para Espíritos de natureza inferior que, num processo de sintonia, banqueteam-se com as nossas imperfeições, influenciando nossos pensamentos e nossas ações.

5. Que consequências podem advir do descaso no trato com as influências espirituais negativas?

Esse descaso poderá acarretar uma influência cada vez mais persistente e constituir-se em um processo obsessivo que pode assumir formas mais ou menos graves e levar a pessoa até mesmo à loucura.

A obsessão e suas principais variedades

Sumário: Principais variedades de obsessão. Obsessão simples. Que é subjugação. A fascinação. Formas em que se apresenta a obsessão. Obsessão recíproca. Obsessão de um indivíduo encarnado sobre um desencarnado.

A obsessão apresenta graus diversos, de que resultam efeitos variáveis

1. Vimos que a obsessão pode ser entendida como o domínio que alguns Espíritos de natureza inferior costumam exercer sobre certas pessoas. Esse domínio apresenta graus variáveis, de que resultam efeitos também variáveis em grau e complexidade.

2. As principais variedades de obsessão são, segundo Kardec, a obsessão simples, a fascinação e a subjugação:

Obsessão simples: Verifica-se a obsessão simples quando um Espírito moralmente inferior se impõe a um médium, intromete-se nas comunicações contra a vontade do médium, impede que este se comunique com outros Espíritos e substitui os Espíritos que são evocados. Qualquer médium, principalmente quando lhe falta experiência, pode ser enganado por Espíritos mal-intencionados. O que, no entanto, caracteriza a obsessão simples é a persistência de um Espírito em perturbar as comunicações e a dificuldade que o médium encontra para livrar-se desse inconveniente.

Fascinação – A fascinação é entendida como uma ilusão criada diretamente pelo Espírito no pensamento do médium, inibindo seu discernimento ou sua capacidade de julgar as comunicações. O médium fascinado não se considera enganado. O obsessor consegue impedi-lo de reconhecer o engano, mesmo quando a mistificação é grosseira ou ridícula. As consequências da fascinação são mais graves, uma vez

que o obsessor dirige a vítima, fazendo-a aceitar as mais absurdas teorias e ideias. Os Espíritos obsessores são geralmente, nos casos de fascinação, bastante espertos e ardilosos.

Subjugação – A subjugação é um envolvimento que anula a vontade da pessoa, fazendo-a agir de acordo com a vontade do obsessor. O obsidiado fica subordinado a um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corpórea. No primeiro caso, a pessoa é obrigada a tomar decisões quase sempre absurdas e comprometedoras; no segundo caso, o Espírito age sobre a organização física, provocando desde movimentos involuntários simples até lesões graves no corpo do encarnado.

Há várias formas de obsessão, não só de desencarnado sobre encarnado

3. Entendendo a obsessão como o domínio de uma mente sobre outra mente, ou seja, um processo de transmissão mental, compreende-se que ela pode apresentar outras características além daquela até aqui focalizada, ou seja, a atuação de um Espírito desencarnado sobre um encarnado.

4. Existem, em grande número, pessoas obsidiando pessoas. Caracterizam-se estas pela capacidade que têm de dominar mentalmente aqueles que elegem como vítimas. Esse domínio mascara-se com os nomes de ciúme, inveja, paixão ou ânsia de poder, e é exercido muitas vezes de maneira tão sutil, que a pessoa dominada julga-se extremamente amada e até mesmo protegida. Trata-se de obsessão de encarnado sobre encarnado. O marido que subjuga a esposa ou a esposa que tiraniza o marido são expressões desse tipo de obsessão.

5. O mesmo drama do domínio de uma mente sobre outra desenrola-se igualmente no plano espiritual. É a obsessão de desencarnado sobre desencarnado. Situações que ocorrem na erraticidade são muitas vezes reflexo daquelas que ocorrem na Crosta terrestre, e vice-versa.

A obsessão recíproca é uma das modalidades de obsessão

6. Conquanto possa parecer difícil, a obsessão também acontece de um Espírito encarnado sobre um desencarnado. É um fato mais frequente do que se pensa, pois muitas criaturas humanas vinculam-se obstinadamente aos entes amados que as precederam no túmulo.

7. Expressões de amor egoísta e possessivo levam à fixação mental naqueles que desencarnaram, retendo-os às reminiscências da vida terrestre, não lhes permitindo o equilíbrio necessário para enfrentar a nova situação na vida espiritual. Idêntico processo verifica-se quando o sentimento que domina o encarnado é de ódio, revolta etc.

8. Finalmente, a obsessão pode assumir ainda a expressão de obsessão recíproca. Assim como as almas afins e voltadas para o bem cultivam a convivência amiga e fraterna, existem criaturas que permutam vibrações de natureza inferior com as quais se comprazem. É uma espécie de obsessão recíproca, que tanto pode ocorrer entre encarnados quanto entre desencarnados, ou ainda entre estes e aqueles.

Questões para fixação da leitura

1. Quais são, segundo Kardec, as principais variedades de obsessão?

São a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

2. Em que se distingue a subjugação da fascinação?

A fascinação é entendida como uma ilusão criada diretamente pelo Espírito no pensamento do médium, inibindo seu discernimento ou sua capacidade de julgar as comunicações. O médium fascinado não se considera enganado. O obsessor consegue impedi-lo de reconhecer o engano,

mesmo quando a mistificação é grosseira ou ridícula. A subjugação é um envolvimento que anula a vontade da pessoa, fazendo-a agir de acordo com a vontade do obsessor. O obsidiado fica subordinado a um verdadeiro jugo, que pode ser moral ou corpóreo.

3. Que é obsessão simples?

Verifica-se a obsessão simples quando um Espírito moralmente inferior se impõe a um médium, intromete-se nas comunicações contra a vontade do médium, impede que este se comunique com outros Espíritos e substitui os Espíritos que são evocados. O que, no entanto, caracteriza a obsessão simples é a persistência de um Espírito em perturbar as comunicações e a dificuldade que o médium encontra para livrar-se desse inconveniente.

4. Existem outras formas de obsessão além da mais conhecida em que um desencarnado atua sobre um indivíduo encarnado?

Sim. Entendendo a obsessão como o domínio de uma mente sobre outra mente, ou seja, um processo de transmissão mental, compreende-se que ela pode apresentar outras formas além da mencionada.

5. Como pode um indivíduo encarnado obsidiar um Espírito desencarnado?

A obsessão de um Espírito encarnado sobre um desencarnado é mais frequente do que se pensa, pois muitas criaturas humanas vinculam-se obstinadamente aos entes amados que as precederam no túmulo. Expressões de amor egoísta e possessivo levam à fixação mental naqueles que desencarnaram, retendo-os às reminiscências da vida terrestre, não lhes permitindo o equilíbrio necessário para enfrentar a nova situação na vida espiritual. Idêntico processo verifica-se quando o sentimento que domina o encarnado é de ódio, revolta etc.

Fatores predisponentes da obsessão

Sumário: Causas da obsessão. Motivo pelo qual a obsessão exige, de ordinário, tratamento difícil. Fatores predisponentes da obsessão. Atitude que devemos tomar no trato com os obsessores. A participação do obsidiado tratamento da obsessão.

Sob qualquer forma, a obsessão exige tratamento difícil

1. O problema da obsessão, sob qualquer aspecto, envolve obsessor e obsidiado. Quase sempre, evocações do passado estabelecem ligação entre o desencarnado e o encarnado. A influência que este último recebe é sutil no início, mas aos poucos o envolvimento cerebral se acentua, até atingir um estágio de verdadeira vampirização, em que obsessor e obsidiado se completam.

2. As causas da obsessão localizam-se, portanto, em processos morais lamentáveis, em que o perseguidor e a vítima se deixaram envolver no pretérito. Reencontrando-se agora e imantados pela lei da Justiça Divina, iniciam-se as trocas mentais, muitas vezes já na vida intrauterina, intercâmbio vibratório esse que se acentua a partir do nascimento, durante a nova encarnação do obsidiado.

3. Sob qualquer forma, desde a mais simples até a subjugação, a obsessão exige tratamento difícil, porque ambos, obsessor e obsidiado, são enfermos do espírito.

4. Na intensificação do processo obsessivo justapõe-se sutilmente, cérebro a cérebro, mente a mente, a vontade dominante sobre a vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do corpo espiritual. A cada concessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso, estabelecendo, muitas vezes, a simbiose através da qual o poder da

vontade dominadora consegue apagar a lucidez do dominado.

Em toda a obsessão, o encarnado conduz em si os fatores predisponentes

5. Em toda a obsessão, o encarnado conduz em si mesmo os fatores predisponentes – os débitos morais a resgatar – que permitem o processo. Encontrando em sua vítima os condicionamentos, a predisposição e as defesas desguarnecidas, disso tudo se vale o obsessor para instalar sua onda mental na mente da pessoa visada.

6. A interferência dá-se por processo semelhante ao que acontece no rádio, quando uma emissora clandestina passa a utilizar determinada frequência operada por outra, prejudicando-lhe a transmissão. O perseguidor age com persistência para que se estabeleça a sintonia mental, enviando seus pensamentos numa repetição constante, hipnótica, à mente da vítima que, invigilante, os assimila, deixando-se dominar pelas ideias intrusas.

7. Na obsessão, ensina Kardec, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o perispírito do encarnado, ficando este constrangido a proceder contra a sua vontade.

8. Perante os obsessores, é imperioso que se cultive a oração com carinho e devotamento. O encarnado tem necessidade da comunhão com Deus por meio da prece, tanto quanto o corpo físico necessita de ar puro para conservar a saúde. Na Terra, somos o que pensamos e permutamos vibrações que se harmonizam com outras vibrações afins. É indispensável, pois, cultivar bons pensamentos a fim de neutralizar as influências negativas dos que nos cercam na experiência diária. No exercício da oração habituamo-nos também a meditar sobre as inadiáveis necessidades de libertação e progresso.

No tratamento da obsessão, é preciso que o obsidiado se ajude

9. Ante os seres perturbadores do mundo espiritual, é preciso cultivar a bondade, abrindo o coração ao perdão e à indulgência, de modo a alcançar fraternidade e compreensão. É necessário, ainda, renovar a disposição íntima para que, ao conversarmos com esses seres de mente em desalinho, por meio do pensamento ou da palavra, saibamos compreendê-los e ajudá-los com amor e humildade.

10. O trabalho incansável pelo bem comum, inspirado no ensino trazido pelos Espíritos superiores, conserva-nos a mente e o coração em Jesus, sintonizados com as esferas mais altas, onde sorveremos as forças para vencer as agressões de que podemos ser vítimas. Orando e ajudando, conservaremos a nossa paz.

11. Quando solicitado a auxiliar um obsidiado, não nos deve faltar paciência e compreensão, bem como a caridade da boa palavra e do passe. É imperioso, entretanto, contribuir para o seu próprio esclarecimento, insistindo para que ele próprio se ajude.

12. Ele deve entender que, com o seu progresso, contribuirá para o aprimoramento do outro ser que, ligado a ele por imposição da Justiça Divina, tem necessidade de evoluir também.

Questões para fixação da leitura

1. Onde se localizam as causas da obsessão?

As causas da obsessão localizam-se nos processos morais lamentáveis em que o perseguidor e a vítima se deixaram envolver no pretérito.

2. Por que a obsessão, de ordinário, exige tratamento difícil?

Na obsessão o tratamento é difícil porque obsessor e obsidiado são, ambos, enfermos do espírito.

3. Quais são os fatores predisponentes da obsessão?

Os fatores predisponentes são os débitos morais a resgatar. Encontrando em sua vítima os condicionamentos, a predisposição e as defesas desguarnecidas, disso tudo se vale o obsessor para instalar sua onda mental na mente da pessoa visada.

4. Que atitude é preciso tomar no trato com os obsessores?

Ante esses seres é preciso cultivar a bondade, abrindo o coração ao perdão e à indulgência, de modo a alcançar fraternidade e compreensão. É necessário, ainda, renovar a disposição íntima para que, ao conversarmos com eles por meio do pensamento ou da palavra, saibamos compreendê-los e ajudá-los com amor e humildade.

5. A participação do obsidiado é importante no tratamento da obsessão?

Sim. É preciso que ele próprio se ajude e entenda que, com o seu progresso, contribuirá para o aprimoramento do outro ser que, ligado a ele por imposição da Justiça Divina, tem necessidade de evoluir também.

A obsessão em crianças e os ovoides

Sumário: Como tratar a obsessão em crianças. Orientações aos pais de crianças envolvidas em processo obsessivo. Casos em que o perispírito pode assumir a forma ovoide. Condições para que o ovoide retorna à condição normal.

A criança obsidiada precisa ser tratada com muito carinho e atenção

1. Tal como se dá com outras enfermidades que afetam as crianças, um quadro obsessivo que as atinja desperta em todos nós um sentimento profundo de comiseração e o ímpeto de aliviá-la e protegê-la. A criança obsidiada apresenta-se inquieta, irritada, com problema de comportamento impossível de ser explicado pela Psicologia.

2. Em verdade, as crianças acometidas pela obsessão quase sempre se encarnaram aprisionadas pelas reminiscências de existências passadas ou por lembranças dos tormentos que sofreram ou fizeram sofrer na erraticidade. A nova existência atenua bastante seus sofrimentos, constituindo oportunidade de refazimento para o Espírito, que poderá então exercitar a paciência, a resignação e a humildade.

3. As instituições espíritas podem prestar valioso auxílio às crianças obsidiadas por meio do passe e da água fluidificada, mas é imprescindível que elas sejam tratadas com muito carinho e atenção, visto que se, para as crianças em geral, carinho e atenção constituem necessidades psicológicas básicas, aquelas que padecem obsessão, justamente por estarem combatidas pelo sofrimento, têm maior necessidade de serem amadas.

4. É fundamental, em tais casos, a orientação espírita aos pais para que entendam melhor as dificuldades próprias

da situação e adquiram melhores condições de ajudar o filho e a si próprios, pois muito provavelmente são cúmplices ou desafetos do passado, agora reunidos em provação redentora.

5. Os pais devem ser orientados no sentido de fazerem o culto do Evangelho no lar, a fim de beneficiarem o ambiente doméstico com recursos advindos da espiritualidade superior. As aulas de evangelização ministradas nos Centros Espíritas podem também proporcionar à criança esclarecimentos e o conforto necessário à superação das dificuldades que enfrenta.

O monoideísmo auto-hipnotizante pode levar o perispírito à forma ovoide

6. Várias conseqüências podem advir do desequilíbrio espiritual e das ideias de vingança. Uma delas, e das mais lamentáveis, é a retração do corpo espiritual num corpo ovoide, fato que pode ocorrer nos seguintes casos:

a) Espíritos desencarnados em profundo desequilíbrio, com ideia fixa em desejos de vingança ou em apegos doentios. Esses Espíritos envolvem ou influenciam aqueles que são objeto de sua perseguição ou atenção e auto-hipnotizam-se com suas próprias ideias, que se repetem indefinidamente. É o que chamamos de monoideísmo auto-hipnotizante. Em face da ocorrência, o corpo espiritual se retrai, assemelhando-se eles a ovoides imantados às suas vítimas, que, em geral, aceitam-lhes a influência, em face de serem portadores de sentimentos de culpa, remorso ou ódio, fatores predisponentes do fenômeno obsessivo.

b) Grandes criminosos. Ao desencarnar, esses Espíritos poderão ver-se atormentados pela visão repetida e constante dos próprios erros, em alucinações que os tornam dementados. O pensamento vicioso pode resultar no monoideísmo auto-hipnotizante e, como no caso anterior, o corpo espiritual se retrai, tomando a forma ovoide.

c) Espíritos de selvagens. O homem selvagem, quando retorna ao plano espiritual, após a morte do corpo físico, sente-se muitas vezes atemorizado diante do desconhecido. Habitado a uma vida primitiva, só tem condições de pensar em termos da vida tribal a que se habituou e, por isso, refugia-se na choça que lhe serviu de moradia terrestre, anseia por voltar ao convívio dos seus e alimenta-se das vibrações dos que lhe são afins. Nessas condições, estabelece-se o monoideísmo, isto é, a ideia fixa. O pensamento que lhe flui da mente permanece em circuito fechado, continuamente. É o monoideísmo auto-hipnotizante.

7. Não existindo outros estímulos, os órgãos do corpo espiritual se retraem ou se atrofiam, tal como ocorre aos órgãos do corpo físico quando paralisados. Aos poucos, esses órgãos transsubstanciam-se quais implementos potenciais de um germe vivo entre as paredes de um ovo. Diz-se, então, que o desencarnado perdeu seu corpo espiritual, transformando-se num corpo ovoide, que guarda consigo todos os órgãos de exteriorização da alma, tanto no plano espiritual, quando no terrestre, como a semente que traz em si a árvore do futuro.

A reencarnação é que permite aos ovoides retornar à condição normal

8. Entende-se, portanto, por ovoide a atrofia ou retração do corpo espiritual provocada pelo pensamento fixo-depressivo, em circuito fechado, no qual o Espírito desencarnado abstrai-se de tudo o mais para deter-se exclusivamente em um desejo ou em uma ideia de natureza inferiorizante.

9. Os obsessores utilizam-se desses ovoides para intensificar o cerco às suas vítimas, imantando-os a elas. Instala-se então o chamado parasitismo espiritual, por meio do qual o obsidiado passa a viver o clima criado pelos obsessores, agravado pelas ondas mentais altamente perturbadoras dos ovoides, fato esse que constitui uma subjugação gravíssima que pode lesar o cérebro ou outros órgãos que estejam sendo visados.

10. Somente por meio da reencarnação, juntamente com a nova forma carnal, é que o corpo espiritual em forma ovoide poderá retornar à sua condição normal, servindo a reencarnação como uma espécie de cirurgia reparadora, tal como se dá nos casos de lesões cerebrais decorrentes de atos suicidas.

Questões para fixação da leitura

1. Como as instituições espíritas podem auxiliar uma criança obsidiada?

As instituições espíritas podem prestar valioso auxílio às crianças obsidiadas por meio do passe e da água fluidificada, mas é imprescindível que elas sejam tratadas com muito carinho e atenção.

2. Que orientações devemos dar aos pais de crianças envolvidas em processos obsessivos?

Os pais devem ser orientados no sentido de fazerem o culto do Evangelho no lar, a fim de beneficiarem o ambiente doméstico com recursos advindos da espiritualidade superior. As aulas de evangelização ministradas nos Centros Espíritas podem também proporcionar à criança esclarecimentos e o conforto necessário à superação das dificuldades que enfrenta.

3. Que se entende, na terminologia espírita, por corpo ovoide?

Entende-se por ovoide a atrofia ou retração do corpo espiritual provocada pelo pensamento fixo-depressivo, em circuito fechado, no qual o Espírito desencarnado abstrai-se de tudo o mais para deter-se exclusivamente em um desejo ou em uma ideia de natureza inferiorizante.

4. Em que casos pode o corpo espiritual retrair-se e assumir a forma ovoide?

Esse fato pode ocorrer principalmente nos casos de Espíritos desencarnados em profundo desequilíbrio, com ideia

fixa em desejos de vingança ou em apegos doentios, dos Espíritos que foram na Crosta grandes criminosos e dos Espíritos de selvagens, que podem, às vezes, ficar atemorizados com sua situação *post mortem*.

5. Que é preciso para que o corpo ovoide retorne à sua condição normal?

O corpo espiritual em forma ovoide somente poderá retornar à sua condição normal por meio da reencarnação, que funciona, assim, como uma espécie de cirurgia reparadora, tal como se dá nos casos de lesões cerebrais decorrentes de atos suicidas.

Obsessão e loucura

Sumário: Causas e fatores que podem levar o indivíduo à loucura. Diferença entre loucura e obsessão. Consequências advindas da ação persistente dos obsessores. Reflexos da ação obsessiva não devidamente tratada.

A loucura manifesta-se de duas maneiras distintas

1. A obsessão não é loucura, mas pode provocá-la. A ciência médica, no entanto, não leva em consideração este fato porque, em rigor, ainda não admite a sobrevivência da alma. A relutância na admissão do fenômeno obsessivo leva a sociedade científica, por isso, a considerar o problema da loucura limitadamente. Como ensinava Dr. Bezerra de Menezes, até hoje, a ciência só conhece a loucura que resulta, de um modo permanente, da perturbação do pensamento, com sua sede no cérebro.

2. As causas e as formas podem variar, mas o estado patológico do indivíduo é sempre o mesmo: a loucura caracterizada pela perturbação mental e com sede no cérebro. Sem que o cérebro sofra, não pode haver, para a ciência, o fenômeno psíquico-patológico da loucura, embora dentro da sociedade científica – conquanto não admitido claramente – exista também a constatação da loucura sem o comprometimento cerebral.

3. Quando os médicos conseguem detectar lesões no cérebro, podem estabelecer uma conduta clínica, seja terapêutica, seja cirúrgica. Se, porém, a loucura se manifesta e não se encontram lesões físicas no sistema nervoso, torna-se difícil, se não impossível, estabelecer um tratamento médico adequado. Essa é a razão pela qual, segundo os especialistas no assunto, o mais difícil no trato do problema é estabelecer com precisão o diagnóstico.

4. A loucura – esclarece Dr. Bezerra de Menezes – manifesta-se de duas maneiras distintas: com e sem lesão cerebral. Em face disso, ele sugere que haja, para casos distintos, tratamentos diferentes. Os problemas orgânico-cerebrais devem ser tratados por médicos. Nos casos em que o problema não é de ordem material, deve-se proceder de forma a levar em conta as causas extrafísicas atuantes.

A obsessão, quando não tratada, pode levar à loucura

5. O cérebro é meramente um órgão físico, não o centro da inteligência humana, Ele é, e assim deve ser visto, um instrumento material de que se serve a alma quando unida ao corpo físico. É a alma quem pensa, raciocina, imagina. O cérebro é meramente veículo de sua manifestação. Se o cérebro traz alguma perturbação ou lesão, é natural que o desempenho da alma seja afetado, por não poder ela manifestar-se adequadamente valendo-se de um instrumento danificado.

6. A obsessão, cuja causa imediata é a influência de um agente externo à pessoa, é coisa diversa, embora traga para o indivíduo que a padece complicações que dificultam e tornam mais complicado o problema. Ela em si não constitui loucura, mas sua progressão para estágios mais adiantados, e sem o devido tratamento, pode levar a casos de loucura.

7. Esse pensamento foi-nos legado por Allan Kardec, que em *O Livro dos Médiuns* afirma que entre os que são tidos como loucos muitos há que são apenas subjugados por Espíritos, necessitados, portanto, de um tratamento moral e espiritual, enquanto que com os tratamentos corporais equivocados podem tornar-se verdadeiros loucos.

8. Assim, nos casos de obsessão o que vai determinar a perturbação na transmissão do pensamento é a interposição de fluidos do obsessor entre o agente (alma) e o instrumento (cérebro), com o que fica interrompida a comunicação regular entre os dois. A alma pensa corretamente, mas

seu pensamento só se manifesta de maneira truncada, imperfeitamente, devido à barreira criada pelos fluidos emanados do obsessor.

Tanto na loucura como na obsessão o Espírito pode estar lúcido

9. Segundo Dr. Bezerra de Menezes, tanto na loucura como na obsessão o Espírito pode estar lúcido, mas se verifica uma irregularidade na transmissão ou manifestação do pensamento. Essa irregularidade é devida, no primeiro caso (loucura), à incapacidade material do cérebro para receber e transmitir fielmente as cogitações da alma do paciente. No segundo caso (obsessão), tudo se limita a não poderem tais cogitações chegar integralmente ao cérebro, tendo em vista a interposição de fluidos irradiados pelo perseguidor espiritual.

10. Devemos considerar, ainda, que a ação persistente e malfazeja de um Espírito sobre outro poderá, com o passar do tempo, produzir lesões físicas, às vezes irreversíveis.

11. Citadas largamente no Novo Testamento, as obsessões e as possessões eram muito comuns à época de Jesus. Eis alguns exemplos bastante conhecidos:

Marcos (1:21-27) e Lucas (4:31-37) narram a cura que Jesus proporcionou a um "endemoninhado" em Cafarnaum.

Mateus (10:32-34) relata a cura de um "mudo endemoninhado".

Mateus (12:22-28) fala de um indivíduo que, subjogado por seu obsessor, ficou mudo e cego.

12. Em todas essas narrativas destaca-se a figura ímpar de Jesus, que com sua bondade e força moral libertava a todos eles – obsidiados e obsessores – curando-os, visto que a imensa superioridade do Cristo dava-lhe tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, que lhe bastava ordenar que se retirassem e eles de imediato obedeciam.

Questões para fixação da leitura

1. A loucura é sempre resultado de uma lesão cerebral?

Não.

2. A obsessão pode levar o indivíduo à loucura?

Sim. Sua progressão para estágios mais adiantados, e sem o devido tratamento, pode levar a casos de loucura.

3. Qual é basicamente a diferença entre loucura e obsessão?

Tanto na loucura como na obsessão verifica-se uma irregularidade na transmissão ou manifestação do pensamento. Essa irregularidade é devida, no primeiro caso (loucura), à incapacidade material do cérebro para receber e transmitir fielmente as cogitações da alma do paciente. No segundo caso (obsessão), tudo se limita a não poderem tais cogitações chegar integralmente ao cérebro, tendo em vista a interposição de fluidos irradiados pelo perseguidor espiritual.

4. A ação persistente do obsessor pode produzir lesões em sua vítima?

Sim.

5. Por que Jesus conseguia com uma simples ordem desfazer os casos de obsessão relatados pelos evangelistas?

Tal fato se devia a sua imensa superioridade sobre todas as demais pessoas, tanto os obsidiados quanto os chamados obsessores.

A obsessão e seu tratamento

Sumário: Como podemos neutralizar a influência negativa dos Espíritos. Recursos espíritas utilizados no tratamento da obsessão. Quando a tarefa desobsessiva se torna mais fácil. A importância da prece nos casos de obsessão.

É indispensável fazer o bem e pôr toda a confiança em Deus

1. Neutralizar a influência dos Espíritos de natureza inferior equivale a prevenir a obsessão. Aliás, o vocábulo profilaxia tem exatamente esse significado, ou seja, a prevenção de doenças ou o emprego de meios que as possam evitar.

2. Para tanto é necessário, conforme ensina a questão 469 d' *O Livro dos Espíritos*, fazer o bem e colocar toda a nossa confiança em Deus. "Guardai-vos – acrescentou o benfeitor espiritual que respondeu referida questão – de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam os maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai, especialmente, dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo ladro fraco."

3. A obsessão – como já vimos – decorre sempre de uma imperfeição moral que favorece a ação do obsessivo, que se vale então da sintonia que a imperfeição de um propicia ao outro. Deriva daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar para melhorar a si próprio, o que muitas vezes é suficiente para livrá-lo do obsessivo, sem necessidade de socorro externo.

4. Evidentemente, esse socorro torna-se necessário quando a obsessão progride para a subjugação ou a possessão, porque nesses casos o obsidiado perde a vontade e a capacidade de fazer uso do livre-arbítrio.

O passe magnético é sempre valioso no tratamento da obsessão

5. Nos casos graves de obsessão, ensina Kardec, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso do qual tem dificuldade de desembaraçar-se. Faz-se então necessária a atuação de um fluido bom, capaz de neutralizar o mau fluido, o que pode ser obtido por meio da terapêutica do passe magnético.

6. O passe magnético, observa André Luiz, como gênero de auxílio sem qualquer contraindicação, é sempre valioso no tratamento ministrado aos enfermos de qualquer classe. Obsessor e obsidiado são enfermos da alma e por isso beneficiam-se muito com o passe. Dificilmente, porém, basta uma ação mecânica para que o mal seja debelado: será preciso atuar sobre o ser inteligente causador da obsessão, ao qual devemos falar com autoridade.

7. Essa autoridade, não a possui quem não tenha superioridade moral, que decorre do aprimoramento moral do socorrista. Quanto maior o aprimoramento moral, maior a autoridade. Mas isso ainda não é tudo: para assegurar a extinção do processo obsessivo, é indispensável que o obsessor seja, por meio de instruções habilmente ministradas, convencido a renunciar aos seus desígnios, a perdoar e a desejar o bem, arrependendo-se dos prejuízos causados à sua vítima.

8. O trabalho torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a situação, procura auxiliar com sua vontade e com suas preces a tarefa em curso. Se, porém, ele não fizer a parte que lhe cabe no processo, as dificuldades do tratamento serão muito grandes, sobretudo se ele se ilude com as qualidades do seu obsessor e se compraz no erro a que foi conduzido.

9. Em todos os casos de obsessão, a prece é e será sempre o mais poderoso meio de que dispomos para demover o obsessor dos seus propósitos maléficos.

Na desobsessão, a prática do amor e da caridade é fundamental

10. Em todos eles, também, a prática do amor e da caridade constitui outro recurso valioso, porque somente o amor, tal como nos foi ensinado e exemplificado por Jesus, conseguirá harmonizar indivíduos que se odeiam, pondo fim às ideias de vingança, às perseguições e aos sofrimentos daí decorrentes.

11. Não é difícil, portanto, perceber como os ensinamentos evangélicos nos fornecem excelente contribuição à terapêutica da obsessão, cujos passos podemos sintetizar nos itens que se seguem:

a. Conscientização, por parte do obsidiado e de seus familiares, de que a paciência é fator essencial no tratamento e que as imperfeições morais do obsidiado constituem o maior obstáculo à sua cura.

b. Fluidoterapia (passes magnéticos, radiações e água magnetizada).

c. Prece e vigilância permanente.

d. Laborterapia.

e. Renovação das ideias por meio da boa leitura, de palestras e da conversação elevada.

f. Culto evangélico no lar.

g. Doutrinação do Espírito obsessivo, em grupos mediúnicos especializados, em cujas reuniões a presença do enfermo não é necessária e pode até mesmo lhe ser prejudicial.

Questões para fixação da leitura

1. Como podemos neutralizar a influência dos Espíritos de natureza inferior?

Neutralizar a influência dos Espíritos de natureza inferior equivale a prevenir a obsessão. Para isso é necessário, conforme ensina a questão 469 d' *O Livro dos Espíritos*, fazer o bem e colocar toda a nossa confiança em Deus. "Guardai-vos – acrescentou o benfeitor espiritual que respondeu referida questão – de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam os maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai, especialmente, dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo ladro fraco."

2. O passe magnético é importante no tratamento da obsessão?

Sim. O passe magnético, como gênero de auxílio sem qualquer contraindicação, é sempre valioso no tratamento ministrado aos enfermos de qualquer classe. Obsessor e obsidiado são enfermos da alma e por isso beneficiam-se muito com o passe.

3. Quando a tarefa desobsessiva se torna mais fácil?

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a situação, procura auxiliar com sua vontade e com suas preces a tarefa em curso.

4. A prece é um recurso importante na terapia desobsessiva?

Sim. Em todos os casos de obsessão, a prece é e será sempre o mais poderoso meio de que dispomos para demover o obsessor dos seus propósitos maléficos.

5. Quais são os recursos espíritas que podemos utilizar no tratamento da obsessão?

Conscientização, por parte do obsidiado e de seus familiares, de que a paciência é fator essencial no tratamento e que as imperfeições morais do obsidiado constituem o maior obstáculo à sua cura; fluidoterapia (passes magnéticos, radiações e água magnetizada); prece e vigilância permanente; laborterapia; renovação das ideias por meio da boa

leitura, de palestras e da conversação elevada; culto evangélico no lar e doutrinação do Espírito obsessivo, em grupos mediúnicos especializados.

Fim

Bibliografia

- AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e Espiritismo*.
- BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo Básico*.
- BASTOS, Demétrio Pável. *Médium, quem é, quem não é*.
- BODIER, Paul. *Como desenvolver a mediunidade*.
- BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou Espiritismo?*
- DELANNE, Gabriel. *O Espiritismo perante a Ciência*.
- DENIS, Léon. *Depois da morte*.
- DENIS, Léon. *No Invisível*.
- DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. Tradução do original *The History of Spiritualism*, por Julio Abreu Filho.
- FLAMMARION, Camille. *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Espíritos diversos. *Depois da Vida*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Espíritos diversos. *Seara do Bem*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Espíritos diversos. *Sementeira de Fraternidade*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Espíritos diversos. *Terapêutica de Emergência*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis. *Dimensões da Verdade*.
- FRANCO, Divaldo. Por João Cléofas (Espírito). *Intercâmbio Mediúnico*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Manoel Philomeno de Miranda. *Grilhões Partidos*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Manoel Philomeno de Miranda. *Nos Bastidores da Obsessão*.

- GELEY, Gustave. *O Ser Subconsciente*.
- JOÃO, apóstolo. *Evangelho segundo João*, 11:1-46.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*.
- KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*.
- KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*.
- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*.
- LAPPONI, José. *Hipnotismo e Espiritismo*.
- LOMBROSO, César. *Hipnotismo e Mediunidade*.
- LUCAS, evangelista. *Evangelho segundo Lucas*, 7:11-17 e 8:41-56.
- MARCOS, evangelista. *Evangelho segundo Marcos*, 5:21-43.
- MATEUS, apóstolo. *O Evangelho segundo Mateus*, 9:18-26; 24:13.
- MENEZES, Adolfo Bezerra de. *A Loucura sob novo prisma*.
- MICHAELUS. *Magnetismo Espiritual*.
- NACIONAL, Conselho Federativo. *Orientação ao Centro Espírita*.
- PAULA, João Teixeira de. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado*.
- PERALVA, Martins. *Estudando a Mediunidade*.
- PERALVA, Martins. *Mediunidade e Evolução*.
- PERALVA, Martins. *O Pensamento de Emmanuel*.
- PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*.
- PEREIRA, Yvonne A. Por Bezerra de Menezes (Espírito). *Dramas da Obsessão*.

PEREIRA, Yvonne A. *Recordações da Mediunidade*.

PIRES, J. Herculano. *O Espírito e o Tempo*.

RIGONATTI, Eliseu. *A Mediunidade sem lágrimas*.

SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão/Desobsessão*.

VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Conduta espírita*.

WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *E a vida continua*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Entre a Terra e o Céu*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Libertação*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Missionários da Luz*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Nos Domínios da Mediunidade*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Emmanuel*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Encontro Marcado*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *O Consolador*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Roteiro*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Seara dos Médiuns*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Espíritos diversos. *Dicionário da Alma*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Humberto de Campos (Espírito). *Novas Mensagens*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Evolução em dois mundos*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Mecanismos da Mediunidade*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por Emmanuel e André Luiz. *Estude e Viva*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por Espíritos diversos. *O Espírito da Verdade*.